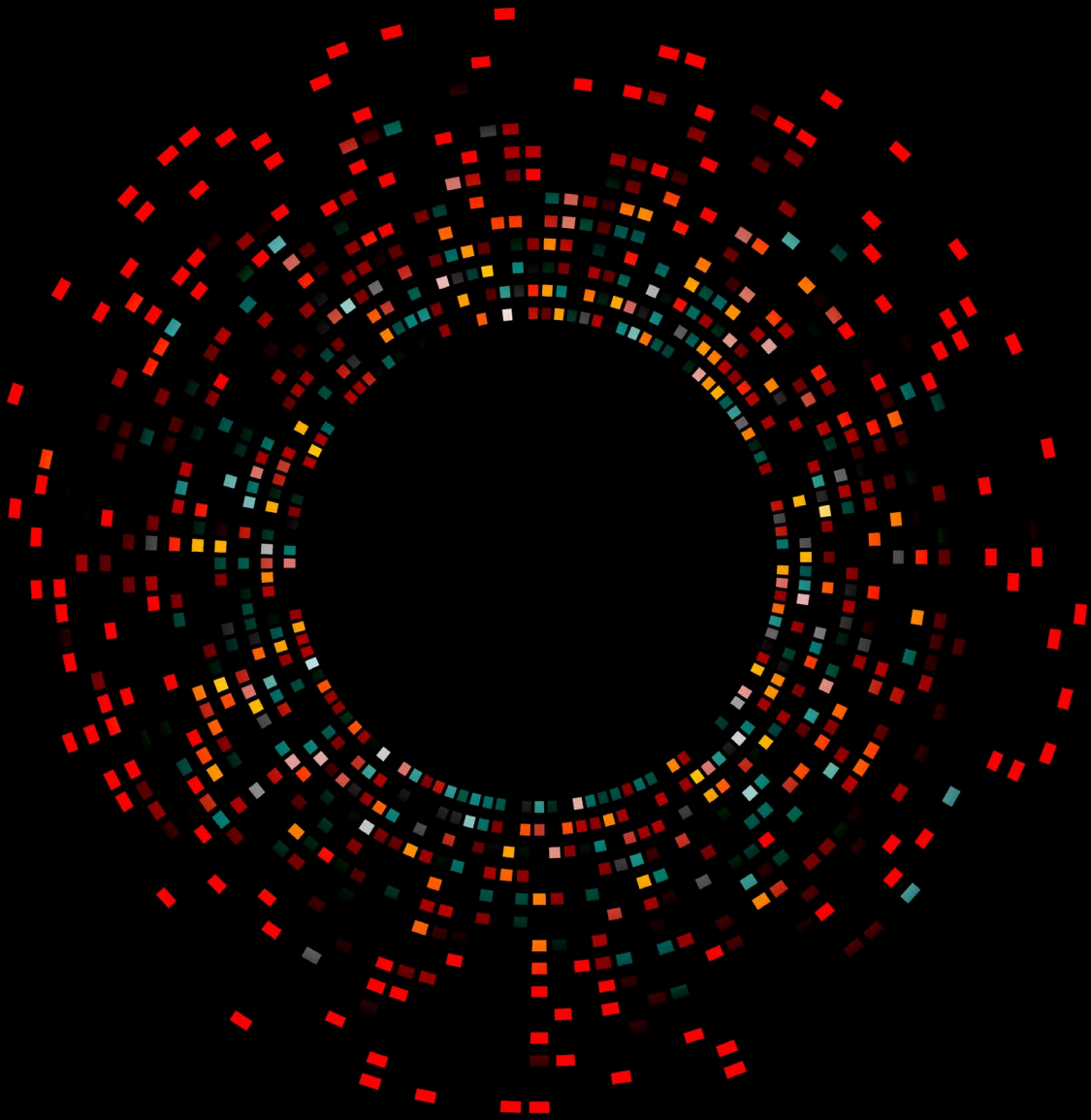


**Deloitte.**



**Governance  
da Banca Angolana**  
Desafios e Oportunidades

**Banca em**  
***análise***





**Duarte Galhardas**  
Presidente  
Deloitte Angola

É com enorme satisfação que apresentamos a 13.ª edição do Banca em Análise, um estudo que se tem assumido como uma das principais iniciativas da Deloitte Angola, sendo uma referência de credibilidade no País.

Tal como nas edições anteriores, os responsáveis das principais instituições financeiras que operam em Angola e das entidades de relevância para o sector fizeram um balanço do ano de 2017 e do primeiro semestre de 2018 e partilharam as suas expectativas e desafios para o futuro do sector e das instituições que representam.

Desde a publicação da sua 1.ª edição, constatamos que o sector bancário nacional tem observado um progressivo nível de desenvolvimento e grau de sofisticação, fruto da inovação e qualidade dos produtos oferecidos aos consumidores, que são cada vez mais exigentes num sector de elevada concorrência. De assinalar que o aumento dos níveis de literacia financeira da população angolana tem potenciado a qualidade dos serviços disponibilizados pelos bancos. O sistema financeiro tem, assim, assumido um papel fulcral na economia do País, funcionando como força motora para o desenvolvimento sustentado e transversal à sociedade e economia.

Os últimos anos têm sido marcados por enormes desafios económicos, a nível global, entre os quais se destaca a volatilidade do preço do petróleo.

Neste contexto, também em Angola, assistimos à subida da taxa de juro de referência (por parte do Banco Nacional de Angola), restringindo a liquidez do sistema financeiro, o que permitiu uma melhoria das perspectivas de estabilização para a economia relativamente à taxa de inflação e ao nível das Reservas Internacionais Líquidas. Estas sofreram uma diminuição em 2017, quando a economia apresentou ligeiros sinais de recuperação. No 1º semestre de 2018, já verificámos uma estabilização do nível das Reservas Internacionais Líquidas.

Ainda assim, o que observámos no passado recente é uma fragilidade dos principais indicadores

macroeconómicos, embora a retoma do preço do petróleo nos mercados internacionais, particularmente na segunda metade de 2017 e no início de 2018, tenha permitido uma maior estabilização da economia e um aumento do ritmo de crescimento em 2018, de acordo com as perspectivas do FMI.

A estrutura da economia é, hoje, mais diversificada do que há cinco anos atrás, com uma diminuição significativa do peso do sector petrolífero.

No âmbito da actividade bancária, assistimos em 2017 a uma trajectória mista no comportamento dos principais indicadores do sector face a 2016. Observou-se um aumento global do total dos activos (cerca de 3%) e dos capitais próprios dos bancos (cerca de 16%) e verificou-se uma redução global do crédito líquido concedido a clientes (cerca de 3%), do produto bancário (cerca de 3%) e dos resultados líquidos dos bancos (cerca de 6%).

O ano de 2017 fica ainda marcado pela conclusão do processo de adopção das Normas Internacionais de Contabilidade e Relato Financeiro pelo sector bancário, processo conduzido pelo Banco Nacional de Angola, uma medida muito relevante para o alinhamento dos bancos com as melhores práticas internacionais ao nível do referencial contabilístico.

Para concluir, destacamos um factor positivo para o crescimento económico de Angola: a assinatura do acordo de livre comércio por 44 nações da União Africana, tendo em vista a criação da Zona de Livre Comércio Continental, que, actualmente, está pendente de ratificação. Com esta assinatura, prevê-se a criação da maior zona de comércio livre em termos de número de países abrangidos, podendo levar a um aumento das trocas comerciais entre países africanos de cerca de 50% até 2022.

Votos de uma excelente leitura da 13.ª edição do Banca em Análise.

# Nesta edição

## Banca em Análise 2018



---

3

Entrevistas a líderes do sector  
bancário  
Artigo ABANC

---

5

**Artigo CNEF**

---

7

**Artigo EMIS**

---

9

Entrevistas  
Instituições Financeiras

---

51

**Enquadramento  
macroeconómico**

---

59

**Enquadramento económico  
angolano**

---

67

**Estudo da Banca  
em Análise 2018**

---

104

**Demonstrações  
financeiras**

# Associação Angolana de Bancos

Pelo progresso técnico, económico e social do sector bancário



**Amílcar Azevedo da Silva**

Presidente da Associação Angolana de Bancos (ABANC)

A nossa preocupação visou, essencialmente, a prática de tarefas que contribuíssem para o progresso técnico, económico e social das actividades próprias dos nossos Associados.

Nesse contexto, visámos, essencialmente, continuar a dar especial enfoque aos objectivos fixados pelo Banco Nacional de Angola transitados do ano anterior, que perseguiram a recuperação do relacionamento da banca nacional com os bancos correspondentes, que permitissem a normalização das contas em dólares americanos e, cumulativamente, com ganhos significativos do sistema bancário angolano, na adopção de padrões internacionais de conformidade bancária.

Os progressos alcançados estão, contudo, ainda aquém do desejável, devendo continuar a ser uma prioridade dos bancos para 2018 e 2019.

Outras acções, sobretudo aquelas atinentes à alteração do referencial contabilístico do CONTIF para as IFRS, mereceram também especial atenção, acções que prosseguirão até à sua plena implantação, em todos os bancos.

As preocupações aqui descritas, envolvidas nos nossos planos de actividade, incluindo os futuros, constituíram, de facto, avanços qualitativos significativos, no relacionamento com os bancos situados noutros mercados internacionais, factores essenciais para a mudança de imagem dos serviços bancários do País.

Os bancos – a sua qualidade operativa, credibilidade e expansão – são indispensáveis no êxito que se pretende que venham a constituir os diferentes programas económicos integrados nos planos governamentais. Daí as nossas prioridades na normalidade de relacionamento entre os nossos bancos e os bancos correspondentes, no reforço das nossas capacidades no combate ao branqueamento dos capitais e no combate ao financiamento do terrorismo, bem como o reforço da estabilidade dos bancos.

Neste contexto, priorizaremos tudo aquilo que seja factor de aumento da qualidade e consistência de indicadores como: rentabilidade, eficiência, dimensão do sector, alavancagem e solidez.

A normalização do relacionamento com os congéneres sítos nos mercados de grande procura por parte da sua clientela importadora vai permitir, aos nossos bancos, estamos certos, a fiabilidade necessária para o acesso a operações financeiras para apoio e suporte ao crescimento da economia e à sustentação do mercado cambial.

Naturalmente, incumbe-nos dar permanente prioridade na ligação com áreas do Regulador, com quem temos estreito relacionamento e com quem temos desenvolvido acções que visam facilitar o entrosamento dos bancos com o Banco Central, facto que tem permitido que a modernização do sector, através da deveras exigente e complexa regulamentação, tenha vindo a conhecer uma implementação exitosa.

Outrossim, na continuidade do relacionamento com a Administração Geral Tributária (AGT), dada a estreita ligação que deve existir no que respeita à modernização que tem sido por ela empreendida, como resultado da reforma tributária, estamos a dedicar especial atenção à implementação do novo imposto, o IVA, para o que o sistema bancário constitui um factor de imprescindível importância.

No decorrer do ano, vamos continuar a dar especial enfoque ao relacionamento com a Associação de Bancos Comerciais da SADC, procurando incentivar acções, sobretudo de formação profissional que proporcionem um melhor conhecimento por parte dos nossos bancos daquilo que constitui a realidade dos sistemas bancários implementados na região, tendo em conta o impulso que as autoridades pretendem empreender nos acordos existentes no âmbito da SADC.



# Conselho Nacional de Estabilidade Financeira

A evolução das perspectivas de negócio do sector bancário



## Gilberto Luther

ex-Secretário Executivo do Conselho Nacional de Estabilidade Financeira (CNEF), actual Administrador Instituto de Gestão de Activos e Participações do Estado (IGAPE)

O actual contexto macroeconómico do País espelha as consequências de uma gestão deficitária e menos aplaudível dos recursos excessivos arrecadados durante décadas. As instituições financeiras não ficaram alheias a esta tendência. Dadas as dificuldades enfrentadas, as instituições financeiras adoptaram soluções não convencionais para a captação de recursos afastando-se, assim, do seu principal papel na economia.

As dificuldades adiantadas resultam, em parte, da necessidade de recuperação do crédito já concedido à economia, com o sector económico em baixo, empresas a fecharem portas, outras com grande redução de actividade, redução de facturação e sobretudo, porque grande parte destas (grandes empresas) estão ligadas a serviços ou negócios com o Estado e este, devido à escassez de recursos não reembolsa os créditos tomados.

O não reembolso do crédito por parte do Estado retirou, em cadeia, capacidade operacional a muitas empresas, o que provocou um crescimento exponencial do “crédito malparado” a que assistimos nos bancos em particular e na economia em geral.

É de salientar que o Estado tem uma presença bastante significativa no sector, por via directa, através da participação na estrutura accionista dos três bancos públicos – sendo eles o Banco de Poupança e Crédito, o Banco de Comércio e Indústria e o Banco de Desenvolvimento de Angola, – e por via indirecta – através da Sonangol (BAI, Banco Económico, BFA e BCGA). Na nossa visão, este poderá ser um dos maiores factores de desequilíbrio e de conflito de interesses no processo de concessão de créditos.

Com base nesta visão, uma atenção especial foi dada pelo novo Executivo em relação ao sector. O Presidente da República Dr. João Lourenço criou um grupo de trabalho (despacho Presidencial n.º 310/17 de 28 de Dezembro), coordenado pelo Ministro das Finanças Dr. Archer Mangureira, que contou com a participação activa do Conselho Nacional de Estabilidade Financeira (CNEF), o qual teve como objectivo proceder à avaliação de todas as participações detidas pelo Estado, empresas públicas ou do domínio público em instituições financeiras bancárias nacionais e estrangeiras, cujos resultados poderão tornar-se públicos brevemente.

Por outro lado, urge a necessidade de se rever a política da partilha de informação institucional. Falo concretamente na qualidade da informação partilhada por via do Centro de Informação de Risco de Crédito (CIRC). Este instrumento seria uma das ferramentas mais importantes na mitigação do risco de crédito pois actualmente a sua eficiência não é notória por falta do cumprimento do regulamentado por parte das instituições bancárias. Na sua essência, obriga à inserção de toda a informação relacionada com o crédito bem como com clientes de cada instituição por parte de todos os regulados pelo BNA, o que permitiria a consulta por parte de qualquer instituição da informação relevante na tomada de decisão de conceder ou não determinados créditos. Na ausência desta partilha, não se mitigam os riscos inerentes ao processo de concessão de crédito com elevados níveis de qualidade.

Para contrapor o cenário, o Banco Central decidiu a adequação do Capital Social mínimo e consequentemente dos seus mínimos regulamentares.

Esta medida, implicará aos *shareholders* um esforço financeiro adicional permitindo assim que se divida o sector em 4 grupos:

- a. Instituições que poderão fazê-lo apenas mediante a incorporação de reservas;
- b. Instituições que poderão hibridamente incorporar reservas e injeção de capital fresco;
- c. Instituições que apenas deverão injectar capital fresco; e
- d. Instituições que encontrarão na fusão a solução para se manterem no mercado.

Desta medida do BNA, podemos esgrimir algo que tem a ver com a necessidade de conferir maior robustez ao sector financeiro cujo objectivo é garantir que as instituições financeiras bancárias consigam dar o maior conforto e financiar a economia mediante o apoio ao sector empresarial.

Para que estes objectivos sejam alcançados, é necessário que os bancos reinventem e reformulem as suas estratégias de negócios, solidificando o seu capital humano com gestores visionários e técnicos capazes para que haja maior eficiência e eficácia na gestão dos recursos postos à disposição. Porém, não obstante o mau momento macroeconómico que o País vive, o negócio bancário continua a ser apetecível, pois nas dificuldades surgem muitas oportunidades (um exemplo claro, o Sol Seguros que firmou um contrato de asseguramento da Câmara de Comércio Angola-China).

A permanência no sector bancário exigirá aos bancos uma reestruturação das suas carteiras de negócio. Cada vez mais, é notório por parte dos consumidores dos diversos serviços bancários, a relevância que dão à procura de serviços bancários que tragam valor acrescentado, o que indicia, uma maior exigência na qualidade dos serviços solicitados.

A diversificação dos serviços e produtos por si só não resolverá os problemas, a associação a qualidade e eficiência poderá dar uma robustez ao sucesso deste sector, que almejamos que seja forte e resiliente para o bem da economia nacional.

Para os investidores do sector financeiro, a banca continua a ser um dos mais apetecíveis veículos de aplicação de capitais e uma fonte de financiamento seguro. Destaca-se a necessidade de a banca tradicional acelerar a sua agenda de inovação de produtos e serviços, tornando-os mais rentáveis e transmitindo a confiança que sentimos ser beliscada por diversos factores.



# Empresa Interbancária de Serviços

A transformação digital dos pagamentos



**José Matos**

Presidente da Comissão Executiva

A EMIS opera serviços únicos e vitais para o sistema de pagamentos de Angola. A política de continuidade de negócio da EMIS assenta no reforço da resiliência sistémica dos serviços, procurando mitigar os riscos de quebra de serviço, antecipando os cenários de eventos disruptivos incontroláveis, com respostas adequadamente planeadas.

Para melhor poder responder a imponderáveis a EMIS concebeu um Plano Estratégico de Continuidade de Negócio, para um horizonte temporal de 5 anos e que tem por objectivo evoluir o actual modelo de “recuperação” para um modelo de “continuidade” baseado numa exploração em modo activo-activo. A linha mestra de orientação da EMIS é crescer com segurança e qualidade.

O maior desafio da inclusão financeira em Angola é o de encontrar soluções rápidas e sustentáveis que assegurem serviços financeiros básicos aos sessenta e cinco por cento da população adulta excluídos do universo bancário.

Embora não exista uma definição universal, podemos considerar como inclusão financeira a oferta de serviços financeiros básicos às populações de mais baixo rendimento, a preços módicos. O mais básico dos serviços financeiros é a remessa de fundos pessoa-a-pessoa (P2P).

Se, por um lado, a inclusão financeira facilita as operações de pagamento entre pessoas, contribuindo assim para a melhoria da sua qualidade de vida, as autoridades monetárias têm ainda um outro interesse na inclusão financeira, que é o da redução do dinheiro físico em circulação, por via do pagamento electrónico.

Em Angola, estima-se que o custo com a emissão monetária seja na ordem dos 100 milhões de dólares por ano.

Uma das questões que se coloca quando se analisa este tema é a de saber se a inclusão financeira em países em desenvolvimento se deve fazer unicamente por via da bancarização tradicional (como aconteceu no mundo desenvolvido), ou se deve ser acelerada com a introdução de formas inovadoras de prestação de serviços financeiros. A resposta é claramente a segunda opção.

Em África, meia dúzia de países tiveram sucesso em operações de *mobile money*, também chamada “moeda electrónica”. Tratam-se de soluções “não bancárias” que não utilizam o conceito de conta bancária, mas sim o conceito de conta de pagamento, não configurando “depósito”, mas “armazenamento” de valores. O modelo de negócio de serviços financeiros baseados no carregamento de valores (*mobile money*) é um modelo do passado. Os países que não implementaram até hoje soluções de *mobile money* deviam passar directamente ao modelo baseado na banca digital (que inclui moeda electrónica, mas não só). Porque o microcrédito é mais estratégico para o desenvolvimento que a simples prestação de serviços de pagamento.

Nos últimos 12 meses, lançámos o projecto denominado Levantamento Sem Cartão, o objetivo deste projecto é que todos os clientes bancários possam obter uma referência que lhes permita fazer o levantamento de numerário sem cartão em qualquer ATM da Rede MULTICAIXA.

A referência de levantamento pode ser obtida num ATM, numa operação iniciada com cartão, ou na *Internet banking* dos bancos e ser remetida para alguém, que depois faz o levantamento.

Foi concluído o projecto de evolução do cartão MULTICAIXA para a norma EMV (cartão com Chip), um passo fundamental para fazer a migração gradual do parque de cartões de tarja para cartão chip e com isso tornar os cartões mais seguros e resistentes à contrafacção, prevenindo a fraude por clonagem de cartão.

O Subsistema de Débitos Directos vai entrar na fase de piloto em produção e deverá ficar completamente operacional no primeiro trimestre de 2019. Neste período a Rede MULTICAIXA ganhou mais uma bandeira com a aceitação do Cartão Union Pay, estando em fase final de desenvolvimento a aceitação da bandeira AMEX. Foi igualmente concluído o projecto Verify by Visa para os cartões de marca internacional processados na EMIS.

Além do projecto denominado Levantamento Sem Cartão, a EMIS tem vários projectos que têm como objectivo a transformação digital dos pagamentos em Angola, dos quais destacamos o MULTICAIXA Express e o Gateway de pagamentos online.

O MULTICAIXA Express é uma “carteira móvel interbancária de pagamentos electrónicos” que tem como instrumento de pagamento o cartão bancário que oferece aos utilizadores detentores de uma conta bancária e que possuem um equipamento de telecomunicações móvel, *smartphone* ou *standard phone*, a possibilidade de acederem a um conjunto de serviços de pagamentos por meio de uma Aplicação (*App*) e/ou códigos-curtos (via USSD).

Estrategicamente o MULTICAIXA Express é visto como sendo o canal de pagamento electrónico do futuro, e por isso impulsionador da massificação do pagamento electrónico e que pode igualmente incentivar a bancarização na medida em que o cidadão não bancarizado perceciona valor numa solução universal de pagamentos no telemóvel com base numa conta bancária.

O MULTICAIXA Express assenta em quatro vectores estratégicos:

- Dinamização do comércio electrónico doméstico;
- Introdução das Transferências Instantâneas P2P;
- Desmaterialização do cartão MULTICAIXA.

É indubitável que a EMIS tem de criar as condições para que o ecossistema dos pagamentos online se desenvolva também em Angola. Para isso decidiu há alguns anos implementar um *Gateway* de Pagamentos Online.

O MULTICAIXA Express vai viabilizar a utilização do Cartão de Débito para pagamentos na *Internet* através desse gateway de pagamentos online – utilizando o número do telemóvel como proxy do cartão de pagamento e com isso garantir o pagamento seguro na *Internet*. O caminho para a desmaterialização do cartão MULTICAIXA começou com a funcionalidade do levantamento sem cartão e seguirá com o pagamento nas lojas com o telemóvel. Estas duas precondições, associadas à distribuição do PIN por via digital, criarão as condições para que os emissores considerem desmaterializar o cartão MULTICAIXA. Esta ação reduzirá os custos de emissão e tornará a activação num forte indutor da bancarização.

# Banco Angolano de Investimentos

O BAI Directo é uma referência no mercado com um número crescente de utilizadores



**Luis Lélis**  
Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Para o Banco BAI, o último ano foi um ano de consolidação da sua posição no sector financeiro angolano. A liderança relativa à quota de mercado de depósitos foi reforçada, no entanto, o volume de investimentos e activos financeiros não cresceu de forma acentuada. A margem complementar do BAI aumentou significativamente com a depreciação do Kwanza, tanto pela posição cambial longa como pela reavaliação de títulos de dívida em moeda estrangeira ou indexados a esta. Por fim, o BAI Directo é hoje uma referência no mercado tendo aumentado expressivamente o número de utilizadores este ano.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

Apesar dos esforços envidados pelo Executivo e dos seus resultados positivos, a situação actual mantém-se complexa e os desafios ainda não foram ultrapassados. O BAI foca a relação com o seu cliente. A nossa visão consta em oferecer o melhor serviço bancário em Angola independentemente do contexto da economia. Nesse sentido, a nossa estratégia passa por reforçar a confiança dos clientes e outras partes interessadas, oferecer produtos e serviços diferenciados, inovar e adequar soluções para cada um dos segmentos de clientes e alinhar os mais elevados padrões internacionais mantendo relações estáveis e duradouras com instituições estrangeiras.

Os desafios associados ao regime cambial e às divisas em Angola serão superados com a dinamização do sector produtivo, nesse sentido, o BAI, mantém-se fiel ao seu papel activo de financiador da economia angolana – para apoiar as empresas na diversificação – e de melhoria deste sector.

## **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

A actuação do BAI, enquanto instituição de referência no sector financeiro em Angola, visa responder às expectativas dos seus accionistas, clientes e parceiros. Vamos continuar a investir em soluções modernas, inovadoras e diferenciadoras para os nossos clientes, que promovam a proximidade e a excelência da relação com os clientes e a satisfação plena das suas necessidades.

Numa perspectiva interna, vamos manter os níveis de solvabilidade confortavelmente acima do mínimo exigido pelo BNA e reforçar o reconhecimento de imparidades de forma a que as suas posições em risco estejam cobertas. Pretendemos apoiar activamente, tanto o sector público como o privado, com soluções de crédito e de poupança que salvaguardem as necessidades das empresas e das famílias e permitam os investimentos públicos necessários ao País.

O BAI encara o futuro com a certeza do caminho que tem vindo a fazer nos últimos anos, uma clara aposta numa experiência bancária de excelência prestada por uma instituição forte e sólida.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

O apoio da banca no desenvolvimento do sector não petrolífero é um factor da maior relevância para que se atinja o desígnio de diversificação da economia nacional. Para além da actividade económica muito anémica nos últimos dois anos, a forte subida do crédito em incumprimento explica, parcialmente, a relutância com que alguns bancos encaram a concessão de crédito à economia e a preferência pela concessão de crédito ao sector público. Nesse sentido, o sector bancário terá de desenvolver soluções equilibradas que assegurem as necessidades de financiamento do sector não petrolífero, salvaguardando a gestão do risco de crédito através de instrumentos e ferramentas de gestão financeira e controlo operacional.

O BAI possui, além de elevados níveis de solvabilidade e de robustez financeira, operacional e governativa, aspectos de *compliance* e de gestão do risco, que lhe permitem encarar com confiança este desafio continuando a ser um parceiro de referência do sector institucional e privado através de soluções adequadas às necessidades dos nossos clientes e assegurando a correcta gestão do risco e protecção dos capitais.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

A situação em Angola mantém-se complexa, pois o Estado apresenta elevadas necessidades de financiamento, as previsões económicas apontam ainda para um tímido crescimento económico mantendo sob pressão as nossas reservas internacionais líquidas, a taxa de câmbio e a taxa de inflação. Neste contexto, o sector bancário enfrenta grandes desafios na diversificação das fontes de rentabilidade, gestão da liquidez e da posição cambial, no relacionamento com bancos correspondentes e na capacidade de adaptação das instituições a requisitos regulamentares cada vez mais evoluídos e exigentes.

Com base no exposto, consideramos que o sector bancário irá actuar em diversas vertentes, nomeadamente: na melhoria consistente de temas relacionados com a governação corporativa, *compliance* e reporte financeiro, permitindo estabelecer e/ou reforçar o relacionamento com instituições financeiras estrangeiras; no reforço dos rácios de solidez financeira e aumento do reconhecimento de imparidades, de forma a reflectir o real risco das posições; na redução do actual crédito em incumprimento e implementação de medidas rigorosas de análise nos processos de concessão, de forma a manter o papel fundamental da banca – conceder crédito; e na oferta de soluções adequadas às suas necessidades e qualidade de serviço aos clientes.

# Banco BAI Micro Finanças

Consolidar a aposta no microcrédito



**Jorge Almeida**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Os aspectos que destacaria sobre a actividade do banco são: a consolidação do plano de reestruturação, a melhoria dos resultados e a reabertura do crédito aos pequenos negócios, em particular ligados à agricultura.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

A estratégia do banco está virada para concessão de crédito aos pequenos negócios, nomeadamente ao sector produtivo, contribuindo desta forma para aliviar a pressão sobre as necessidades cambiais do País. Ou seja, financiar a produção local para evitar importação de produtos que podem ser produzidos em Angola.

A nossa visão passa por fazer negócio essencialmente com operações nacionais, concedendo crédito em moeda nacional, bem como obter uma margem complementar.

## **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Para 2019 pretendemos revitalizar a actividade comercial, consolidar o nosso posicionamento no microcrédito no mercado, dar notoriedade na actuação junto do nosso segmento alvo, (microcrédito), expandir a nossa rede de balcões e dar o nosso contributo na luta contra a pobreza.

**Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca tem e terá um papel fundamental na economia angolana, tendo em conta a grande necessidade de liquidez que o mercado começa a apresentar, devido à descapitalização do sector empresarial, em consequência da grande desvalorização que o País observou nos primeiros sete meses do ano e à entrada em vigor do IVA em 2019. Além disso, na minha opinião, a par do sector petrolífero, a banca é a que tem tido mais legislação ao longo dos anos, procura actuar com as melhores práticas e normas internacionais e vai passando para o mercado empresarial a necessidade de estar *compliant*. O BMF com o microcrédito tem resgatado muito do negócio informal para a economia formal.

**Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Sem sombra de dúvida, a tendência da banca angolana será de fusões em termos estruturais, e de aumento na concessão de crédito para poder manter os bons resultados que tem observado ao longo dos últimos anos, tendo em conta a recorrente redução das taxas de juros dos títulos do Estado, onde os bancos se “refugiaram” para obter altas rentabilidades “sem risco”.

# Banco BIC

O nosso ADN é proactivo para com as empresas e as pessoas



**Fernando Teles**

Presidente do Conselho de Administração

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

A nossa aposta foi e é o compromisso com os nossos clientes e com o País. Garantimos o financiamento comercial ao sector produtivo que tenha capacidade de retorno, mantivemos a nossa política de proximidade com os clientes, aumentámos o número de agências e reforçámos as áreas de controle interno, risco e de *compliance* em linha com as práticas internacionais. Somos, hoje, mais exigentes na avaliação do crédito concedido para protecção do investidor e dos depositantes que confiam a gestão do seu dinheiro ao BIC. A análise do risco de crédito tornou-se mais segura porque nos preparámos para isso. É na análise rigorosa do crédito que o BIC controla os riscos associados. Participámos no esforço nacional de ajuda a pequenas e médias empresas através do crédito Agro Investe, lançado pelo Governo e também no AgroBic, criado por nós, com taxas atractivas e períodos de carência no financiamento de projectos de agricultura, pecuária e pescas. No conjunto de 7 anos, financiámos 70 projectos no valor de 314 mil milhões de kwanzas. A nossa posição competitiva, em relação aos principais bancos comerciais, mantém-se inalterável.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

As taxas de câmbio e a escassez de divisas desequilibraram o mercado cambial primário. A desvalorização da moeda KZ está na origem da espiral da inflação registada nos últimos dois anos. Esta situação condicionou as importações destinadas ao investimento produtivo das empresas. O BIC procura suplantar estas dificuldades, acreditando na recuperação económica de Angola, no sector produtivo nacional, essencial à diminuição das importações que consomem mais de 70% das divisas disponíveis. O nosso ADN é proactivo para com as empresas e as pessoas que confiam na capacidade do BIC.

## **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

Temos como objectivo estratégico consolidar a nossa carteira de clientes, melhorar continuamente a relação com o mercado e reforçar a nossa posição, como Banco privado que tem a maior rede comercial em Angola, 224 agências, incluindo 17 centros de empresas e 3 centros de investimentos. Neste âmbito, pretendemos, cada vez mais, posicionarmo-nos como o parceiro privilegiado de negócio empresarial angolano, dentro e fora de Angola. Queremos ter um crescimento saudável.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca está sempre condicionada pela evolução da economia. Com a queda do preço do petróleo no mercado mundial em 2012, entrou-se num processo de desaceleração. O problema não está só no preço do barril de petróleo, mas sim, na dependência deste produto. A banca é a alavanca do crescimento da economia, através do financiamento às empresas. Precisamos, por isso, de bancos fortes, capitalizados, bem estruturados para dinamizar a nossa economia, especialmente a agricultura e a indústria transformadora que têm ocupado um lugar marginal no crescimento do País. Os investimentos públicos ainda não são atractivos para o sector privado. O Governo está a aplicar algumas medidas tendentes a alterar este quadro desfavorável. Sem querer substituir o Estado, os bancos devem acompanhar este esforço de viragem, participando activamente na inclusão financeira do tecido empresarial.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

A reorganização do sistema bancário está presente em todas as frentes. O actual Governador do BNA tem manifestado esta preocupação tomando medidas mais exigentes contra a regularização do crédito, na capitalização dos bancos, no *compliance* e, acima de tudo, no equilíbrio cambial primário em relação ao mercado informal que já caminha para a convergência mas, na prática, é quem dita o preço de referência das divisas. A taxa de câmbio flexível e a forma de gerir as divisas disponíveis que deixaram de ser direccionadas, deram resultados positivos. Para breve aguarda-se a venda directa de divisas das petrolíferas aos bancos comerciais. É fundamental modernizar os sistemas de informação e alargar a bancarização, nalguns casos limitada ao desenvolvimento das comunicações no País, porque os meios electrónicos dependem das vias de comunicação. A evolução do sistema financeiro está associada à inovação digital. Temos de considerar que a tecnologia, por si só, não aumenta a produtividade. É preciso em simultâneo, qualificar também os recursos humanos.



# Banco Comercial Angolano

Pilotar a instituição sempre com os dois pedais a fundo



**Filipe Martins**  
Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Estivemos muito focados na organização interna do Banco com vista a manter os elevados níveis de eficiência e desempenho adquiridos ao longo dos anos. Destacamos a conclusão, com sucesso e dentro dos prazos definidos pelo regulador, do processo de implementação do novo pacote regulamentar. Neste período também estivemos focados no processo de adequação do Capital Social do Banco, realizado através da incorporação de reservas.

No domínio da gestão de riscos cibernéticos e da disponibilidade do banco para servir os clientes 24 sobre 24 horas, decidimos investir na construção de um novo DR-SITE que obedece aos padrões internacionais, para assegurar a continuidade do negócio em caso de desastre através da replicação em tempo real de todos os sistemas e dados do banco. Deste modo, possuímos dois dispositivos de replicação das informações dos clientes e transacções bancárias independentes e autónomas.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e social?**

Uma estratégia que consiste em pilotar a instituição sempre com os dois pedais a fundo. Com o pedal à esquerda, pretendemos sinalizar o controlo de custos mediante a sua permanente optimização, assegurar a eficiência, reduzir os desperdícios e adoptar uma política de gestão de risco rigorosa com baixa intensidade e reduzido apetite. Com o pedal à direita, pretendemos acelerar a prossecução das acções para aumentar a rendibilidade do produto bancário e consequente criação de valor para os investidores e *stakeholders*.

Paralelamente, pretendemos acelerar a melhoria de processos para uma boa governação e o cumprimento das exigências do regulador, preservando a idoneidade e reputação da instituição, bem como acelerar o esforço continuado de identificação e retenção de talentos, capacitação dos nossos colaboradores, preservação de uma equipa enxuta, coesa, motivada e mobilizada para a concretização dos objectivos definidos.

### Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?

O maior activo de um banco é a confiança. Sem confiança um banco não sobrevive. Pretendemos aprimorar a relação de confiança e amigável (*trustful*) com os nossos clientes, através de boas práticas e sobretudo com acções transparentes, um pilar fundamental da nossa actuação. A banca digital continuará a mobilizar a nossa atenção. Embora continuemos a utilizar uma estratégia multicanal, o foco está na busca permanente de soluções inteligentes, à distância de um *"click"*, ajustadas às necessidades dos nossos principais clientes, nomeadamente *"corporativos"* e *"affluent"*. O reforço dos capitais próprios para a melhoria da solidez do banco continua igualmente a ser uma das nossas prioridades.

### Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?

O papel da banca é claramente contribuir para a dinamização da actividade económica, com o objectivo de criar postos de trabalho e riqueza e libertar recursos a favor do Estado, por via dos impostos, necessários para que este possa acorrer às necessidades da sua agenda social.

A banca é a principal interessada em conceder crédito e actuar como parceira das empresas pelas seguintes razões:

- A. O crédito representa a âncora ideal para a retenção e fidelização dos clientes. Da mesma forma que na vida os amigos se veem nos momentos difíceis, também as empresas se sentem agradecidas aos bancos que lhes proporcionam a possibilidade de obter empréstimos e é com estes que tendencialmente trabalham. Portanto, um banco que queira ter uma carteira de clientes com elevado potencial de negócio tem de conceder crédito;
- B. Em segundo lugar, o crédito proporciona rendibilidades consideráveis;
- C. Finalmente, os bancos são cada vez mais confrontados com a necessidade de remunerar mais e melhor os depósitos que arrecadam dos clientes, também estes mais e melhor informados e conseqüentemente com maior capacidade de negociação de taxas de juro passivas.

Contudo, os bancos não são as casas fortes que servem para tirar dinheiro aos *"ricos"* aforradores, para entregar aos *"pobres"* mutuários.

As empresas têm de reunir as condições requeridas para ter acesso ao crédito, designadamente:

- Aprimorar a sua informação contabilística e de gestão;
- Apresentar modelos de negócio viáveis, sustentáveis, planos de negócios credíveis, estratégias de crescimento consistentes;
- Demonstrar e cultivar a sua capacidade de gestão.

As empresas têm de ter capacidade de endividamento, ou seja, capacidade de obtenção de crédito junto do sistema bancário.

# Banco Comercial do Huambo

Prossecução de uma política de sustentabilidade com foco na qualidade e na diferenciação dos serviços



**Natalino Bastos Lavrador**

Presidente do Conselho de Administração

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Os principais aspectos da actividade do Banco, centraram-se nas vertentes da gestão cambial, na cedência de liquidez e nos níveis de rendibilidade do Banco. No que diz respeito à vertente cambial, pensávamos que as vendas directas por parte do BNA deixariam de ser efectuadas, passando tal actividade a ser exercida pelos bancos comerciais, que são as instituições financeiras (IF) vocacionadas para o efeito. No entanto, tal não veio a acontecer, como desejaríamos. Acresce que a política de leilões se caracterizou por alguma irregularidade, mas pensamos que se deveu ao facto de o País ter tido a obrigação de assumir as suas responsabilidades para com o exterior. No que diz respeito à cedência de liquidez, os meios libertos pelo Banco foram sobretudo canalizados para o Estado, através de aquisição de títulos de tesouro. O arrefecimento da economia, a ausência de garantias credíveis por parte dos agentes económicos deficitários, a inércia dos tribunais, foram factores que consideramos de risco elevado. A concessão de crédito tem sido criteriosa, com margem de risco controlada e sistematicamente monitorizada. Quanto à rendibilidade do Banco, empenhámo-nos em manter o nível de rendibilidade do ano transacto. Para tal, mantivemos a mesma atenção no controlo de custos e na implementação dos investimentos que consideramos relevantes para a prossecução dos nossos objectivos.

Acresce ainda que, ao longo do período em análise, realizámos alguns investimentos, nomeadamente nas

áreas da inovação e do desenvolvimento tecnológico. Iniciámos os trabalhos para a abertura de uma nova agência, dando cumprimento ao plano de investimento traçado.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

Não é nada fácil traçar a estratégia do banco no ambiente económico e social que o País atravessa. As empresas confrontam-se com grandes dificuldades para elaborarem um plano estratégico. Não é possível traçar objectivos perante uma política cambial que é completamente dependente do preço do petróleo e convivendo com uma política monetária bastante restritiva. O sistema financeiro sendo o motor da economia é, também, o seu barómetro económico e social. Felizmente, para todos nós, o aumento do preço do petróleo permitiu aumentar a oferta de bens, e através do controlo de preços dos produtos importados, tem sido possível controlar o nível da inflação, ou seja, diminuir a taxa de aumento do nível geral de preços. Na sequência desta conquista, foi possível, então, diminuir a taxa de juro nominal, com a finalidade de que a taxa de juro nominal venha a absorver a taxa de inflação de modo a que se atinja uma taxa de juro real positiva, isto é, que seja permitida a criação da poupança. No nosso entender, a descida da taxa de juro, deveria ter sido efectuada mais tarde, quando ocorresse maior diminuição da taxa de inflação.

A política monetária restritiva preocupamos, pois, o nível da actividade económica não nos parece que tenha melhorado conforme se previa. Pensamos que o kwanza atingiu um nível de desvalorização bastante acentuado e o mercado monetário tem vindo a dar sinais de falta

de liquidez. De facto, vem-se registando uma forte diminuição dos meios de pagamento, o que tem dificultado a vida das empresas. Os bancos comerciais têm transmitido sinais à economia, de que a situação com que nos confrontamos não é a mais desejada. Sendo o sistema financeiro constituído pelo Banco Central e as IF, pensamos que os sinais que estão a ser transmitidos deverão ainda merecer maior preocupação por parte do Banco Central. Perante este cenário, a nossa estratégia assentará na prossecução de uma política de sustentabilidade do BCH, com o objectivo de ser um banco de pequena/média dimensão, destacando a qualidade e a diferenciação nos seus serviços e dando bastante atenção ao controlo de custos, na implementação de investimentos prioritários e no aumento do número de clientes.

No quadro actual da implementação da política cambial, que se caracteriza pelo facto do Banco Central promover vendas directas a determinadas empresas do sector alimentar e de bebidas, preocupamo-nos o facto de se estar a incentivar o funcionamento do mercado de concorrência imperfeita, permitindo a constituição de oligopólios, o que se torna nefasto sob o ponto de vista político e social.

#### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

As nossas principais metas são a introdução de novos produtos, cujo objectivo será o de aumentar o número de clientes, de modo que a nossa carteira de depósitos evidencie um crescimento interessante, o aumento do número de colaboradores, de forma adequada, fazendo face ao crescimento orgânico do Banco e o incremento na formação dos mesmos, de forma a que os nossos quadros estejam capacitados para

corresponderem aos desafios ditados pelo mercado. Igualmente, a modernização da banca electrónica, para corresponder às exigências do mercado concorrencial, o aumento da rendibilidade do banco, através de um controlo sistemático entre a evolução dos custos e dos proveitos, a fim de melhorar o rácio de solvabilidade. Por último, investimentos em aplicativos e na formação específica de quadros, para melhorar as técnicas do controlo interno, práticas do "compliance", gestão de risco e boa governação, com o objectivo de acompanhar as exigências regulamentares nacionais e internacionais.

#### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A dinamização da economia angolana depende do sistema financeiro, isto é, depende do Banco Central e das IF. Pensamos que o nosso sistema financeiro é um dos melhores de África e custa-nos bastante ler comentários desfavoráveis relativamente ao nosso sistema financeiro. Pensamos que as IF deveriam ter mais protagonismo na dinamização da economia, mas para que tal ocorra, será necessária uma maior intervenção e interesse por parte do Governo. Os nossos tribunais continuam muito morosos, evidenciando uma incomodativa inércia, nomeadamente, na execução das garantias hipotecárias. Deste modo, não será possível dinamizar a economia, através da concessão de crédito. Enquanto os tribunais não alterarem as suas políticas de gestão, a economia do País continuará a ser fortemente penalizada. Esta questão não se coloca apenas ao nível das IF, mas a nível de qualquer empresa. A insegurança e falta de confiança na concessão de

crédito por parte das empresas, prejudica o desenvolvimento da actividade económica.

Quero, todavia, referir que se tem assistido a uma surda contestação quanto à criação e sustentabilidade de pequenos bancos. De uma forma um pouco incubada, a contestação tem partido de alguns organismos de responsabilidade governamental, no nosso entender com uma visão equivocada. Não conseguimos entender tal visão, pois em qualquer economia, existem pequenas, médias e grandes empresas. Os bancos de pequena e média dimensão trazem um valor acrescentado para a economia e, por outro lado, foram constituídos por autorização do Banco Central e demais órgãos do Estado, pelo que no nosso entender, os mesmos não deverão ser alvo de tratamento discriminatório, sem que haja razões objectivas, identificadas e comprovadas. Foi com bastante desagrado que lemos e ouvimos que os pequenos bancos iriam desaparecer. Que o aumento de capital social mínimo, faria desaparecer os bancos pequenos, mas de acordo com informações obtidas, quase todos ou todos irão cumprir os requisitos legalmente exigidos.

A relação entre o sistema financeiro e o desenvolvimento económico e social, permitirá sempre a inclusão financeira. No entanto, pensamos que o Governo também deveria tomar medidas incentivadoras de modo a que as IF se sintam motivadas a abrir agências nas regiões economicamente menos desenvolvidas, podendo assim, contribuir fortemente para o desenvolvimento global do País.

# Banco de Crédito do Sul

Compromisso com o crescimento da economia, empresários, cidadãos e clientes



**Maria do Céu Rebelo Figueira**

Presidente do Conselho de Administração

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

O BCS desenvolve a sua actividade com o foco na adaptação permanente ao contexto económico e social do País. O nosso modelo de negócio é centrado no cliente. Temos um compromisso com o crescimento da economia de Angola, dos seus empresários, dos seus cidadãos e dos nossos clientes. É esse compromisso que nos motiva a adoptar uma estratégia dinâmica de modelo de negócio que acompanhe a evolução da economia e do sistema financeiro nacional e internacional. O BCS tem direccionado o foco da sua actuação para os valores essenciais à qualidade dos serviços financeiros que presta. Confiança, Agilidade, Proximidade, Simplicidade e Rigor no cumprimento das melhores práticas internacionais de *Compliance*, Governança e Controlo Interno. O ano de 2017 foi muito positivo para o BCS, com resultados líquidos elevados e boa performance financeira e reputacional, com destaque para: resultado líquido de AOA 2.839.500,00; rentabilidade dos capitais próprios de 36%; rácio de eficiência ("cost to income") de 40%; rácio de solvabilidade regulamentar de 32%, bastante superior ao exigido pelo regulador (10%); aumento de captação de recursos de clientes; inexistência de crédito vencido no final de 2017, reflexo da política de risco assumida. A estratégia de actuação delineada e implementada tem-se revelado acertada, pois no primeiro semestre de 2018, registamos, entre outros: o acentuado crescimento do activo, o aumento dos resultados líquidos e rácios de rentabilidade dos capitais próprios, de solvabilidade, de "cost to income", acima

da média do mercado, e o aumento de Capital Social para AOA 10.000.000,00.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

Apesar do contexto económico e financeiro internacional, Angola surge como um país com excelente potencial, pelos seguintes motivos: assinatura do AfCFTA (The African Continental Free Trade Area), que será a maior área de livre comércio do mundo, em termos de número de países integrantes, população activa e com uma economia que se estima que cresça duas vezes mais rápido do que a do mundo desenvolvido; a aprovação da CE do Plano Juncker para África, o FEDS, que conta com uma dotação de 4,1 mil milhões de euros para mobilizar até 2020, mais de 44 mil milhões de euros de investimentos públicos e privados, que de outra forma não se concretizariam. As previsões de crescimento para Angola foram revistas ligeiramente em alta, reflectindo a expectativa de que uma alocação mais eficiente do câmbio, o aumento da produção de gás natural e a melhoria do sentimento empresarial ajudarão a apoiar a recuperação da actividade económica.

Neste contexto, a nossa estratégia de actuação vai manter-se fiel aos princípios que orientam a nossa instituição. O foco da actividade do Banco BCS são os segmentos "Large Corporate & Private". Ao prestar um serviço que prima pela excelência e que oferece uma vasta gama de produtos e serviços financeiros adequados aos perfis dos clientes pretendemos manter a posição de parceiro de eleição na escolha do investidor, aforrador, empresário, parceiros financeiros nacionais e estrangeiros, contribuindo activamente para o progresso económico e social do nosso País.

### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Temos um compromisso com o desenvolvimento da nossa economia! Acreditamos no potencial do nosso País e na resiliência do nosso povo! Continuaremos ao lado dos nossos clientes, apostando claramente no sector produtivo, que é a base de riqueza de qualquer economia. Mantêm-se os principais objectivos de incremento das quotas de mercado, rentabilidade dos capitais próprios e dos volumes de negócio, em simultâneo com a gestão prudente da carteira de crédito. A qualidade de serviço, foco principal da nossa actividade comercial, requer uma aposta na formação contínua dos nossos quadros bem como o aumento da oferta de novos produtos e serviços, por forma a corresponder às exigências crescentes do mercado. Pretendemos estabelecer novas parcerias com instituições financeiras no exterior e solidificar as existentes, com vista a facilitar as operações de “*Trade Finance*” e funcionar como um veículo para a atração de investimento externo e promoção das exportações. Com este objectivo, o BCS prepara também a sua internacionalização, com a abertura de escritórios de representação no exterior.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

O Sistema Financeiro Angolano pode-se considerar como desenvolvido e moderno e perfeitamente apto para as novas exigências do mercado, funcionando como um catalisador no desenvolvimento da economia angolana, através da disponibilização de financiamento e incentivo à realização de poupanças. Os investimentos efectuados e em curso pela banca nacional, ao nível de novas tecnologias, e o rigoroso cumprimento das normas e recomendações nacionais e internacionais, no que diz respeito às regras e princípios de *Compliance* relativos ao Combate ao Branqueamento de Capitais e ao Financiamento ao Terrorismo, permitem contribuir positivamente para a melhoria da imagem de Angola no exterior e para a criação de condições mais atractivas e seguras para as transacções.

### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

O ciclo económico evidencia sinais de uma ligeira recuperação. Os bancos continuarão, assim, a desenvolver a sua actividade num contexto de retoma moderada da actividade, num quadro regulamentar mais exigente, nomeadamente no que respeita a requisitos de capital, rácios de liquidez e de alavancagem, com o consequente impacto estrutural na rentabilidade das instituições financeiras.

A melhoria da imagem externa do País aliada aos desenvolvimentos recentes, como a adesão à AfCFTA (The African Continental Free Trade Area), o fundo aprovado pela UE para o desenvolvimento de África, a diversificação da economia, nomeadamente através de investimentos significativos nos sectores produtivos, os avultados investimentos em infraestruturas, as reformas em curso, aliados ao clima de estabilidade política sustentam a nossa crença de que em 2019 o ambiente de negócios será mais favorável. Internacionalização será palavra de ordem! A banca angolana terá que criar as condições necessárias para atrair investimento externo, tendo por base instrumentos financeiros orientados para a gestão de investimentos e património. Por último, gostaria de partilhar uma frase do grande líder Nelson Mandela, que nos serve de inspiração: “tudo parece impossível até que seja feito”.

# Banco Económico

No caminho do crescimento e rentabilidade, mantendo o foco no Cliente



**Sanjay Bhasin**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

O Banco continuou o seu percurso no caminho do crescimento e rentabilidade iniciado em 2015. Mas, acima de tudo, mantivemos o nosso foco nos Clientes, através de um esforço contínuo para melhoria do serviço ao Cliente, para lançamento de novos produtos e para oferecer preços competitivos.

O Banco Económico analisa regularmente novas oportunidades de negócio – em termos de novos clientes, novos segmentos, maior cobertura geográfica, variantes de produtos e participação em eventos. Como parte integrante deste processo, analisamos também as áreas onde operamos actualmente e, caso se considerem abaixo do esperado em termos estratégicos e de rentabilidade, podemos optar por abandoná-las.

Como parte do nosso foco no Cliente, organizamos diversos eventos culturais para clientes nas excelentes instalações do Banco.

Um factor de grande peso nas operações do Banco é, sem dúvida, a questão cambial. No ano em análise (e no previsível futuro próximo) o País continuou a registar uma procura excessiva, face à oferta, de moeda estrangeira. Esta escassez impacta significativamente nas expectativas dos nossos clientes.

O nosso empenho é no sentido de garantir as necessidades dos nossos clientes mantendo um equilíbrio com a nossa capacidade de as poder satisfazer.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

A economia Angolana é insustentavelmente dependente da situação cambial, dada a sua natureza essencialmente importadora. O nosso maior desafio, dentro deste contexto, é o crescimento (que inclui, por sua vez, o crescimento do crédito), mantendo simultaneamente a qualidade dos nossos activos. Enquanto que os negócios de alguns dos nossos clientes prosperam em tempos de constantes desvalorizações cambiais, a maioria sofre com este efeito. Isto, por sua vez, gera um efeito de dominó nos financiamentos que concedemos. O nosso desafio passa por encorajar o tipo certo de Clientes e negócios, bem como monitorizar e apoiar os mesmos.

A continuada política igualitária do Banco Central no que respeita à disponibilização de divisas teve um efeito colateral inesperado, que irá continuar a ser um desafio durante 2019 – a falta de crescimento dos depósitos dos clientes. À medida que os Kwanzas continuam a ser retirados do sistema bancário, o já difícil desafio de crescimento dos depósitos torna-se ainda mais difícil.

Com a melhoria da distribuição das escassas divisas, as expectativas dos clientes tendem a ficar mais optimistas. O nosso desafio passa por gerir essas mesmas expectativas – apesar da melhoria, a oferta continua a não ser suficiente. Por outro lado, o nosso esforço para a melhoria contínua do serviço ao Cliente resulta num outro desafio – a melhoria da nossa infra-estrutura tecnológica também resulta em maiores necessidades de divisas para o próprio Banco, agravando o desequilíbrio entre procura e oferta cambial.

### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Os nossos principais objectivos para 2019 são um crescimento acima da taxa de crescimento do sector. Olhando para o estado actual da economia e do seu crescimento (ou falta dele) em 2018, corre-se o risco do sistema financeiro não crescer de todo em 2019.

Iremos continuar a consolidar activamente a nossa carteira de crédito, o que significa um crescimento cuidadoso, combinado com uma monitorização apertada da actual carteira. Estamos no meio de uma grande transformação tecnológica e a lançar iniciativas digitais. É expectável que vejamos o resultado destas iniciativas na parte final do próximo ano.

Em antecipação às mudanças na economia, também nós estaremos a preparar para estarmos à frente na “uberização” da economia.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A inclusão financeira é um elemento chave do crescimento económico. No entanto, resulta de um ciclo virtuoso em que os bancos, por si só, não são suficientes, mas antes uma combinação do crescimento económico (que motiva a população a gravitar em direcção ao sistema financeiro formal) e das iniciativas dos Bancos (que por sua vez apoiam negócios e promovem o crescimento económico). O contexto económico actual revela-se promissor numa base prospectiva, e é nossa crença que a junção destes factores irá reforçar a inclusão financeira nos próximos anos. Mas temos de ser cautelosos para não esperar resultados espectaculares a curto prazo, e para não colocar o ónus integralmente nos bancos em relação a este objectivo.

Para além disso, a inclusão financeira vai para além da mera abertura de uma conta bancária. Envolve a compreensão da importância do planeamento dos negócios, da prudência financeira, da transparência, de uma cultura de ética e de reembolso dos empréstimos bancários.

### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Dada a dimensão e taxa de crescimento da economia angolana, o número de bancos no País é claramente insustentável. Adicionalmente, o elevado custo das operações, a disponibilidade limitada de trabalhadores qualificados e o recente aumento dos requisitos mínimos de capital para os bancos apontam para uma consolidação inevitável do sector. Antecipamos que os primeiros passos em direcção a esta consolidação se

verifiquem durante 2019. É provável que também assistamos a alguma participação estrangeira neste processo.

Com a abertura generalizada da economia, a liberalização e um interesse estrangeiro positivo em Angola, torna-se provável que assistamos aos primeiros passos em direcção a privatizações. Isto não significa necessariamente que iremos assistir a uma chegada de fundos, mas muito provavelmente, um interesse inicial de investidores que será manifestado através de discussões e avaliações. De uma perspectiva interna, as entidades que serão analisadas irão submeter-se a um processo de organização interna, em preparação para a privatização.

A nível global estamos a testemunhar a “uberização das economias”. Trata-se da confluência do uso da tecnologia, de uma força de trabalho mais móvel, desintermediação, novos modelos de negócio, maior eficiência, custos mais baixos e mecanismos de distribuição mais rápidos. Temos vindo a assistir a algumas iniciativas em Angola. É expectável que estas ganhem força e o desafio incidirá sobre o sistema bancário e os mecanismos de pagamento, de modo a acompanharem o ritmo destas inovações, tal como está a acontecer globalmente.



# Banco de Fomento Angola

A confiança dos angolanos é a nossa maior conquista



**Jorge Albuquerque Ferreira**  
Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

O BFA manteve uma gestão muito criteriosa de todos os riscos inerentes à actividade bancária, pelo que reforçou, ainda mais, os seus rácios de solvabilidade, liquidez e rentabilidade. A nossa história de 25 anos é pautada por uma relação de confiança com o mercado angolano. Neste sentido, nos últimos 12 meses, o BFA consolidou, ainda mais, a sua relação com o mercado angolano, tendo atingido a marca relevante de 1.800.000 clientes. A confiança dos angolanos é a nossa maior conquista.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

A primeira missão do BFA é manter a total confiança dos seus depositantes, pelo que a estratégia assenta na solidez resultante da nossa solvabilidade e liquidez.

Por outro lado, o compromisso do BFA com as empresas e famílias angolanas está espelhado no crescimento, em 2018, da nossa quota de mercado no crédito bancário.

Em termos cambiais, o BFA apresenta uma posição cambial equilibrada, o que é um factor muito importante para o nível de serviço que prestamos aos nossos clientes.

## **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

Em 2019, no BFA temos 5 objectivos essenciais: i) aumentar a nossa quota de mercado nos recursos globais de clientes; ii) aumentar a nossa quota de mercado no crédito às empresas e famílias; iii) aumentar a nossa participação na inclusão financeira, alcançando a barreira dos 2.000.000 clientes; iv) continuar a promover o desenvolvimento sustentável do capital humano da Equipa BFA; v) contribuir para o reforço da coesão económico-social, através de uma ampla prática de responsabilidade social.

**Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca tem um papel decisivo na dinamização da economia angolana e na respectiva inclusão do tecido empresarial. Em termos globais, consideramos que a banca tem cumprido bem esta missão, mas deve manter uma forte ambição visando o desenvolvimento económico-social e procurando que seja extensível a todo o território nacional. No nosso entendimento, a banca deve privilegiar as empresas e empresários que possuem uma visão estratégica de longo prazo.

**Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

A banca angolana deve ter como um dos principais objectivos a recuperação da banca de correspondência. Consideramos que este objectivo colectivo terá um impacto muito positivo, para as empresas e famílias angolanas. Entendemos que as políticas implementadas pelo Executivo angolano estão no bom sentido, pelo que é expectável que no ano de 2019 se assista a uma recuperação da economia nacional. Esta expectativa positiva é boa para a banca e demais agentes económicos em Angola.

# Banco de Investimento Rural

Um Banco que assume a especialização na vertente do agronegócio



**Rosário Matias**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

No período em referência, o banco desenvolveu a sua actividade procurando atingir os objectivos estabelecidos no seu plano, onde em concreto podemos destacar o seguinte: i) captação progressiva de novos clientes; ii) aumento do volume de crédito concedido; iii) implementação de módulos e procedimentos ajustados às actuais exigências regulamentares; iv) atracção de recursos e meios que têm contribuído para a melhoria da performance; v) crescente visibilidade institucional, fruto dos resultados obtidos no conjunto das acções desenvolvidas.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

Face aos avultados desafios, a nossa estratégia comporta linhas mestras que nos têm ajudado a contornar os constrangimentos do actual contexto. Temos vindo a operar ajustamentos pontuais ao nosso plano, mas, sempre com a preocupação de não perdermos o foco. É nossa vocação natural sermos um banco que, embora com competências padronizadas, assuma a especialização na vertente do agronegócio. Temos actuado no sentido de captarmos os principais agentes económicos deste sector, particulares, empresas privadas, públicas e instituições e, numa perspectiva de alinhamento, buscar respostas às necessidades efectivas dessa franja de clientes. Temos vindo a alargar a nossa base geral de clientes, mas a primazia recai para aqueles cuja actividade venha dar corpo a este importante desiderato. Estas e outras iniciativas estão orientadas para a busca da rentabilidade, liquidez e solidez do banco, tendo presente em todos os processos a gestão baseada no risco.

### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

No estágio em que nos encontramos, os objectivos passam, nomeadamente, pelo aumento do número de agências, melhorando com isso o nosso posicionamento geográfico, a estabilização do capital e outros meios que concorrem para o crescimento dos activos e depósitos, a melhoria da qualidade da oferta de produtos e serviços, aqui, como é óbvio, procurando dar primazia ao sector agro e industrial. O reforço e contínua capacitação do capital humano com o objectivo de, a médio/ longo prazo, consolidar o intento de especialização em financiamentos ao agronegócio, intensificar a busca de parcerias internas e externas, visando outras vias de funding.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

Uma banca forte e estável consegue, sem dúvida, responder melhor aos actuais desafios que a nossa economia enfrenta. É por via dos bancos que se há-de garantir o investimento nos diferentes sectores da economia e por força disso gerar o aumento do emprego e a consequente capacidade produtiva interna. Ou seja, não obstante às dificuldades do contexto, a banca deverá continuar a elaborar e capacitar-se, no sentido de oferecer produtos e serviços que vão de encontro às expectativas dos agentes económicos, garantir de maneira assertiva o apoio a projectos voltados para a alavancagem da produção interna. A qualidade da oferta deve ser atractiva e engenhosa, de forma a desestimular os que até aqui insistem em apostar em transacções do mercado informal. É preciso que se enderecem ao mercado soluções de apoio aos pequenos negócios, as MPME's, promovendo por essa via uma inclusão financeira mais abrangente. Importa referir, por fim, que só o arrojo da banca não será suficiente para a demanda que temos pela frente, este esforço tem que ser suportado por políticas integradas que venham propiciar condições efectivas para o alcance dos objectivos pretendidos.

### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

O sector bancário deverá empenhar-se na busca da credibilidade das instituições e dos respectivos serviços, com a adopção de práticas cada vez mais próximas às do contexto externo e a consolidação das acções que garantam o apoio e revitalização da economia. O reforço das acções ao nível do AML/ CFT hão-de continuar a merecer a importância devida. As instituições vão ter que se munir de conhecimentos e meios tecnológicos modernos, capazes de monitorar melhor os seus clientes e respectivas transacções. Teremos uma contínua aposta na utilização dos meios electrónicos de pagamentos. O tema das fusões e/ou da intervenção do supervisor no sistema relativamente a esta matéria poderá, eventualmente, evidenciar outros contornos nos próximos tempos.

# Banco Keve

Crescer de forma consistente e calculada



**Óscar Mata**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Nos últimos 12 meses, o Banco Keve desenvolveu a sua actividade, procurando garantir, por um lado, a sua sustentabilidade económica e financeira e, por outro, satisfazer as necessidades dos seus clientes. A instituição manteve a aposta na captação e melhoria da qualidade dos recursos, verificando-se um incremento na ordem de 494 milhões de AOA; os fundos próprios atingiram os 16.296 milhões de AOA e o rácio de solvabilidade regulamentar foi de 20%. De forma resumida, por exemplo, procedemos à adopção plena das Normas Internacionais de Contabilidade com a migração do plano de contas existente (CONTIF) para o plano de contas ajustado às IAS/IFRS. Modernizámos os nossos sistemas de informação, comunicação e imagem com a implementação de um novo site institucional para garantir uma maior divulgação da instituição e dos produtos e serviços. No âmbito da política de expansão comercial, os canais de distribuição atingiram as 67 Unidades Comerciais, 117 ATM's e 1.787 TPA's.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

As preocupações do Banco Central em estabilizar os agregados monetários reflectem-se num maior grau de exigência de todos os agentes económicos e financeiros. Estas medidas obrigam os bancos a reflectir sobre as suas estratégias de negócio por forma a manter os seus níveis de rentabilidade. Por outro lado, a pressão exercida sobre os bancos no sentido de credibilizar o sector financeiro nacional levam a um esforço considerável de investimento em áreas ligadas ao sistema de controlo interno. Estes investimentos promovem a solidez da gestão da IFs mas colocam maior pressão sobre os indicadores de rentabilidade, uma vez que não contribuem directamente para o incremento do negócio. Neste cenário, o Banco Keve irá continuar o processo de adaptação às condicionantes do mercado fazendo ajustes e refinamentos ao seu modelo de negócio. Iremos continuar a crescer organicamente, mas de forma diferente - mais consistente e calculada - fazendo uma reavaliação da rentabilidade da nossa rede comercial e investindo/desinvestindo conforme cada caso. Um maior investimento em tecnologias de informação será uma prioridade no futuro próximo. Temos consciência que os canais tecnológicos darão outra dimensão ao modelo de negócio tornando-o mais amplo e com outro potencial.

### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Até 2019, o Banco Keve vai manter as linhas estratégicas de consolidação da sua actividade e continuar a tratar o cliente como o seu principal activo, mantendo os valores basilares de construir um banco cada vez mais sólido e transparente ao serviço dos seus clientes.

Iremos apostar no reforço e consolidação da estrutura do balanço para garantir uma maior consistência dos indicadores de estrutura. Pontualmente, continuaremos o avigoramento das novas exigências decorrentes da adopção das IAS/IFRS, o reforço dos mecanismos de controlo interno e a reflexão interna sobre melhoramento do nosso modelo de governo corporativo. A nível do negócio, o banco vai continuar a dar passos concretos para marcar o seu posicionamento como uma instituição de referência no mercado, com um crescimento sustentado dos nossos canais de distribuição tendo sempre em vista uma abertura cada vez maior às plataformas digitais de relacionamento com o cliente. O Banco Keve continuará focado no seu crescimento de forma sustentada.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

O sector bancário exerce um papel de destaque na dinamização da economia, na medida em que contribui para a alocação eficiente dos recursos, com as suas políticas e instrumentos financeiros, sendo que o financiamento é uma das bases para um crescimento económico sustentável. A banca permite uma aproximação entre os agentes económicos pelo seu papel de intermediador financeiro, proporcionando uma maior inclusão financeira das unidades económicas do sector empresarial angolano.

### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

A economia no geral e a banca em particular poderão ganhar um novo élan, fruto do trabalho até aqui desenvolvido pelo Governo de estabilização do sector financeiro, sem o qual não se poderia fazer uma aposta consistente no desenvolvimento sustentado da economia. Apesar das condicionantes do ciclo político, penso estarem reunidas as condições para assistirmos a uma maior dinamização da actividade económica. As decisões governamentais em matéria de investimento / financiamento público terão um papel decisivo na condução da política monetária e na disponibilização dos recursos de crédito à economia.

Sobre o sector em concreto, o ambiente concorrencial cada vez mais competitivo e as exigências de capital criarão uma maior pressão para a consolidação da banca. No entanto, penso que quaisquer medidas a tomar pela autoridade reguladora, devem salvaguardar o princípio da diferença entre a dimensão e a qualidade. Quer dizer que a dimensão de um banco não é um factor de garante de qualidade e, um banco de menor dimensão pode ser gerido de forma suficientemente prudente, cuja flexibilidade lhe permita inclusive, atingir nichos de mercado não atendidos. O mercado deverá aceitar a existência desta saudável diversidade. Para terminar, a tendência de reforço das regras de *compliance* veio para ficar. Apesar de ser uma área com muito por melhorar e, constituir um enorme esforço financeiro para os bancos, deve ser visto como um investimento de credibilização colectiva do sistema financeiro e do País. Uma tarefa nacional para nos integrar num mundo global onde todos os actores são escrutinados para eliminação de factores de incerteza em nome da transparência. Um sistema mais credível permite um maior acesso aos mercados financeiros a todos os agentes económicos de forma directa ou indirecta.

# Banco Kwanza Invest

Procurámos manter uma postura de prudência e reforço das nossas actividades



**Adriano de Carvalho**

Presidente do Conselho Administração e da Comissão Executiva

**Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Penso ser relevante referir que, nos últimos doze meses, procurámos manter uma postura de prudência e de reforço das nossas actividades, de forma a que se traduzissem na manutenção de níveis de rentabilidade e de risco, num mercado ainda em franca recessão e dentro do enquadramento regulamentar e macroeconómico definido pelo Regulador e pelo Governo. Nesse sentido, o nosso desempenho foi positivo e correspondeu aos objectivos definidos pelos accionistas.

**Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

Desde 2014, quando ocorreu uma descida assinalável na cotação do barril de petróleo, de longe a nossa principal exportação e fonte de receita fiscal, e a qual marcou o início de uma recessão que ainda persiste, temo-nos pautado por uma abordagem que assenta na prudência, na melhoria do serviço aos nossos clientes e na preservação de valor. De salientar, que o BKI tem em curso um processo de reestruturação, cujos principais objectivos já foram atingidos, nomeadamente, a obtenção de resultados líquidos positivos a curto prazo.

**Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Conforme referi, e se mantêm como objectivos globais para 2019, temos procurado manter uma postura de prudência e de reforço das nossas actividades que se traduzam em níveis de rentabilidade e de risco moderado. Desde a sua origem que a actividade do BKI se tem centrado em serviços de Merchant Banking e Corporate Finance. Os anos de 2015, 2016 e 2017 evidenciam uma melhoria nos indicadores financeiros do Banco, sendo necessário assegurar esta tendência através do desenvolvimento de capacidade de resposta às necessidades do mercado através do alargamento da actividade do Banco, dando maior visibilidade à banca comercial através da estratégia de *cross-selling* e desenvolvimento e promoção de novos produtos e serviços.

**Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A esta questão, pertinente, que se coloca ano após ano e justificadamente, dada a sua importância, a resposta só pode ser uma: em Angola, a banca mantém-se um intermediário e um elemento dinamizador absolutamente fundamental da economia. Isto sucede não só em Angola como também em qualquer país moderno. No que concerne à questão da inclusão financeira do tecido empresarial, como venho dizendo há algum tempo, acredito que os bancos estiveram e mantêm-se disponíveis para acolher e promover as empresas e os empresários angolanos que possuam as ideias, o perfil, a ambição e os projectos vencedores. Tendo dito isto, é claro que, no actual contexto, o impacto multiplicador da actividade dos bancos ainda está limitado por um conjunto de factores. As taxas de juro continuam muito elevadas, a importação de bens e serviços continua a ser restritiva, a quantidade de dinheiro disponível para a concessão de crédito é limitada pela canalização da poupança para financiar o Estado e o apetite dos bancos para o risco continua mitigado por um passado recente de perdas e de crédito malparado.

**Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Tendo em conta a recente legislação no que toca aos níveis mínimos de capitalização e foco nos rácios de solvabilidade e do crédito malparado, eu prevejo o início de alguma retoma da actividade de consolidação dos bancos angolanos.



# Banco Mais

Aposta na competitividade, qualidade e diferenciação



**António Santana**  
Administrador

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Nos últimos tempos, o Banco Nacional de Angola tem vindo a implementar uma série de medidas a nível da governação corporativa e do controlo interno, bem como a adequar o mercado às boas práticas internacionais, com destaque para diversas iniciativas ao nível do combate ao branqueamento de capitais (AML) e do controlo do financiamento ao terrorismo (CFT).

Procuramos estar em linha com todas as exigências do órgão de regulação e supervisão do sistema (BNA) e, ao mesmo tempo, ter capacidade de afirmação e visibilidade no mercado, apostando na nossa presença com novos comerciais, de acordo com o plano estratégico definido pelos nossos accionistas, onde a banca de relação continua a ser o foco e o factor chave para a competitividade e diferenciação que pretendemos afirmar no mercado.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

O actual contexto caracteriza-se pela mudança no País, com desafios enormes ao nível da afirmação e resgate de valores, onde os angolanos são confrontados com a necessidade de serem capazes de saber fazer para contribuírem para a diversificação da produção nacional e consequentemente da nossa economia. Estamos comprometidos com o bem estar das famílias e o desenvolvimento do País. A nossa estratégia passa claramente pela aposta em segmentos específicos de negócios, pondo à disposição dos nossos parceiros “clientes” produtos e serviços de qualidade, diferenciadores e geradores de valor para a sua vida e o seu negócio, apostando na relação como factor de competitividade.

A depreciação gradual administrativa da nossa moeda, a escassez de divisas, a inflação e o preço do dinheiro levantam enormes desafios aos agentes económicos e às famílias. O banco adotou critérios para a satisfação sustentada da procura constante de divisas e vai satisfazendo os seus parceiros “clientes” de acordo com a procura e a nossa capacidade de resposta.

### **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

As metas e objectivos passam pela afirmação do banco através da presença no mercado com oferta de produtos e serviços diferenciadores, criando e acrescentando valor na vida das pessoas e na actividade das empresas.

Para atingir estas metas e objectivos, o banco irá procurar ter o seu principal activo, os colaboradores, cada vez mais motivados e comprometidos com a estratégia adoptada pelos seus accionistas e consolidar a aposta nos canais alternativos de interacção e relação com o “Banca Digital”, dedicando-se 24 horas às necessidades dos parceiros “clientes”, o que permitirá melhorar a quota de mercado.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca é fundamental na dinamização da economia angolana, aliás, é um desiderato que advém da sua origem, pois a actividade bancária tem esta finalidade, que se traduz no financiamento das empresas, apostando, obviamente, em projectos bem estruturados e viáveis, e das famílias para assegurar o consumo e o seu bem-estar. A inclusão financeira do sector empresarial angolano, enquanto a classe activa da economia real, é importante e deve ser incentivada, pois a sustentabilidade da actividade bancária, o desenvolvimento e o crescimento socioeconómico depende das boas políticas públicas, mas também do percentual de inclusão financeira do empresariado.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Seguramente o aumento da competitividade entre os diversos *players*, de acordo com o seu posicionamento e capacidade de adaptação e resposta às exigências do regulador nos seus mais diversos níveis, irá marcar a trajectória da banca em 2019.

A consolidação geral da banca nacional, passará pela manutenção dos canais convencionais de acesso à banca e adopção de canais alternativos, mais sofisticados e com capacidade de maior resposta às necessidades e exigências dos clientes, numa lógica de *customer loyalty and satisfaction*.

# Banco Millennium Atlântico

O ATLANTICO tem-se posicionado como um parceiro na transformação da economia angolana



**Daniel Santos**

Presidente da Comissão Executiva

## Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O último ano foi marcado pelo início da implementação do nosso Plano Estratégico, o ATLANTICO 2.1, onde gostaríamos de destacar as seguintes entregas:

- Abrimos o primeiro ponto de atendimento digital em Angola;
- Disponibilizámos uma plataforma de onboarding digital para clientes particulares;
- Implementámos a primeira máquina de depósitos directos em Angola;
- Lançámos o TPA ATLANTICO Pay, onde as empresas podem aceitar pagamentos por SMS e código QR;
- Afirmámos a marca Prestige, com gestão remota e digital personalizada, um serviço pioneiro em Angola;
- Posicionámo-nos na linha da frente na adopção dos novos pacotes regulamentares, bem como na revisão dos processos internos, no sentido de melhorar a experiência dos nossos clientes e reforçar a segurança das operações;
- Alinhámos o nosso *Governance* à materialização dos objectivos 2.1.

Adicionalmente, gostaríamos de destacar os resultados financeiros alcançados em 2017:

- Resultado Líquido de AKZ 24 Bi, um crescimento de 25% dos resultados recorrentes;
- Fundos Próprios superiores a AKZ 128 Bi, que nos posicionam como o terceiro banco do sistema neste indicador;
- 22% de rentabilidade dos Capitais Próprios, representando uma melhoria de 6 p.p. face a 2016;
- Posicionamento enquanto primeiro banco privado no compromisso

com o financiamento às famílias e às empresas;

- Níveis de incumprimento do crédito mantêm-se adequados, tendo-se reforçado imparidades em AKZ 17 Bi.

## Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Pese embora já se observem resultados positivos, como é disso exemplo o novo contexto cambial, o caminho da sustentabilidade económica será ainda longo. No caso do mercado financeiro, as necessárias políticas monetárias restritivas aplicadas e o aumento dos riscos das carteiras de crédito, limitam o alcance da capacidade de actuação dos bancos. Neste contexto, o ATLANTICO tem-se posicionado como um parceiro na transformação da economia angolana e no apoio à desmultiplicação dos activos dos clientes, com foco:

- Na transformação no serviço aos nossos clientes e no apoio face aos desafios do novo contexto cambial;
- No apoio à transformação da economia angolana, promovendo, através de financiamento e assessoria financeira, as exportações e a substituição das importações, e estimulando o consumo das famílias, simplificando os mecanismos de arrecadação de receitas, nomeadamente junto de empresas exportadoras e estimulando a melhoria das infraestruturas tecnológicas e de telecomunicações;
- No desenho de soluções que permitam a desmultiplicação dos activos dos nossos clientes num cenário de desvalorização.

### Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?

Num mundo em plena transformação, o futuro exige cada vez mais de nós.

Neste contexto, revimos a nossa missão: o primado da experiência dos Clientes, a transformação de Vidas e a desmultiplicação dos Activos dos nossos Clientes, são a nossa missão, o nosso novo ponto de partida.

ATLANTICO 2.1 é o nosso rumo estratégico, pelo que as nossas linhas de actuação passarão por:

- Servir mais e responder melhor às necessidades dos clientes, reforçando e melhorando os modelos de negócio;
- Reforçar o nosso posicionamento enquanto banco inovador e digital, concebendo soluções que antecipem as equações e melhorem a experiência dos nossos clientes;
- Permanente reforço das relações do ATLANTICO com as suas contrapartes e parceiros internacionais para potenciar o negócio multi-geográfico com Angola e reforçar a presença do ATLANTICO no Mundo;
- Consolidar o papel da Fundação ATLANTICO enquanto agente da transformação social.

Estes são os compromissos estratégicos que consolidam o ATLANTICO como instituição de referência em Angola e respeitada no Mundo.

### Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?

Os bancos continuam a ter um papel fundamental no apoio ao desenvolvimento da economia e na transformação social, alavancando o ecossistema que os envolve.

Os bancos financiam a transformação da economia, promovendo a substituição das importações e das exportações, e estimulando o consumo. Para o efeito, é determinante a solidez das suas relações com bancos correspondentes não-residentes e entidades multilaterais, de modo a facilitar o acesso a linhas que permitam a estruturação de operações de financiamento aos agentes económicos, com custos mais reduzidos.

Os bancos desempenham, de igual modo, um papel de assessor financeiro dos seus clientes, contribuindo para o robustecimento da sua cultura financeira, quer sejam particulares, assegurando uma adequada inclusão financeira, quer sejam empresas, assegurando uma adequada estruturação dos seus projectos de investimento.

Os novos requisitos regulamentares e a adopção das melhores práticas internacionais contribuem também para o fortalecimento do tecido empresarial. Um sector financeiro robusto contribui, de igual modo, para maior investimento estrangeiro na economia angolana. Adicionalmente, o sector financeiro tem, de igual modo, contribuído para a transformação social, desempenhando um papel relevante na capacitação de capital humano.

### Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?

As tendências para 2019 estão em linha com os principais desafios enfrentados pelos bancos na transformação da economia, nomeadamente:

- Reforçar a aposta no crédito à economia, incrementando o apoio às famílias e às empresas, para que estas possam desmultiplicar o valor dos seus activos;
- Obter um maior apoio por parte de entidades internacionais na transformação da economia nacional;
- Promover o aumento da bancarização da população;
- Apostar em soluções inovadoras que respondam às equações dos clientes, que exigem uma experiência cada vez melhor ao banco que lhe presta o serviço;
- Implementar medidas que visem uma optimização da eficiência operacional;
- Adotar novos requisitos regulamentares e de melhores práticas internacionais, com vista ao robustecimento das instituições, sobretudo no que respeita às políticas e processos de gestão de risco e combate ao branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo, face aos desafios do actual contexto económico e cambial.

# Banco de Poupança e Crédito

Na senda da melhoria e reposição da confiança entre todos os *stakeholders*



**Alcides Safeca**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

O ano de 2017 foi marcado pelo início da implementação do Plano de Recapitalização e Reestruturação do BPC e, em particular do processo de Saneamento da Carteira de Crédito, o principal factor de desequilíbrio do balanço do Banco. Durante este período, a actividade do Conselho de Administração focou-se igualmente na adequação do Modelo de Governação às regras definidas pela Autoridade de Supervisão e às melhores práticas internacionais, na reorganização das estruturas comerciais e com isto, adequar os processos de negócio e os níveis de serviço, na reactivação da relação com os Clientes e na melhoria dos controlos internos e dos sistemas de informação do Banco, com o principal objectivo de restituir a confiança de todos os *stakeholders* na Instituição.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

A estratégia do BPC, fundamentalmente na desalavancagem e redução do risco do balanço, na optimização dos custos operacionais, no reforço do modelo de governação e na transformação estratégica, cuja implementação pressupõe uma transformação profunda do Banco ao nível operacional, de governação e financeiro, de forma a melhorar de forma significativa os níveis de serviço e de atendimento e, recuperar os níveis de rentabilidade e eficiência a médio prazo, preservando os valores e o papel social do BPC enquanto banco público.

No que diz respeito ao mercado cambial, sendo um Banco de capitais públicos, estamos a reforçar os mecanismos de controlo cambial, bem como a afectar as divisas disponíveis ao maior número de empresas e particulares, reforçando a nossa função de apoiar na satisfação das necessidades de mercado, de forma abrangente e equilibrada.

### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Em 2019, o BPC irá apostar na criação de produtos diferenciados, inovadores e adequados aos vários segmentos, na melhoria da qualidade dos activos, na expansão dos canais e serviços electrónicos, na melhoria da qualidade do serviço prestado, no aperfeiçoamento das funções de gestão de riscos, *compliance* e auditoria interna, e no desenvolvimento das competências do capital humano. Adicionalmente, perspectivamos retomar gradualmente o apoio ao investimento produtivo e ao consumo das famílias angolanas. Com isso, pretendemos recuperar a confiança dos Clientes e demais *stakeholders* na Instituição, e consequentemente melhorar os níveis de rentabilidade, bem como o posicionamento do Banco no mercado.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

Através da expansão dos canais físicos e electrónicos, a banca tem impulsionado a inclusão financeira da população e a formalização da economia, como se pode confirmar pelo aumento acentuado do número de clientes e dos recursos captados, nos últimos anos. No entanto, apesar do crescimento absoluto do sector, a sua contribuição para a dinamização da economia é ainda reduzida, quando comparada com sistemas bancários de países da região. O crédito à economia está ainda bastante concentrado em Luanda e nos sectores do comércio e dos serviços, pelo que deve ser mais diversificado para servir melhor o sector produtivo.

Os Bancos devem conceber produtos e serviços financeiros mais simplificados, que permitam atrair mais empresas para o sector formal e apoiar todas as iniciativas que contribuem para o aumento da literacia financeira das populações. Entendo que, um dos grandes desafios da banca, na actual conjuntura, consiste em providenciar capital de qualidade e em condições favoráveis a aqueles que necessitam.

### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Em 2019, a banca angolana continuará a apostar na evolução dos canais digitais e também na criação de parcerias, que permitam incluir na sua oferta, produtos como seguros, fundos de pensões, fundos de investimento, crédito especializado (*factoring*, *leasing*), e outros.

Entendo que os enormes desafios que se colocam à banca angolana, tais como a adopção e implementação dos novos requisitos de capital, de governação corporativa, controlo interno, gestão dos riscos e *compliance*, à luz da legislação e instrutivos do Banco Nacional de Angola, e a adopção plena das IAS/IFRS, poderão levar, nos próximos anos, ao surgimento na banca angolana, de processos de fusão e aquisição.

# Banco de Negócios Internacional

Colaboradores e Clientes no centro da actividade



**Mário Palhares**

Presidente do Conselho Administração

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Podemos analisar este período sobre duas perspectivas. Primeiro, o País realizou as Eleições Gerais, um marco na consolidação do sistema político e da democracia, como um todo. Este é, sem dúvida, um factor importante para a atracção de investimento. E em segundo lugar, destacaria os desafios inerentes ao contexto económico dos últimos anos caracterizado pelo declínio das receitas petrolíferas, pelos constrangimentos ao nível cambial e monetário, bem como para o financiamento das iniciativas de desenvolvimento económico. É importante realçar, ainda, o desafio de alavancar o desenvolvimento e a diversificação da economia.

Ao nível do sector bancário, os principais desafios foram o declínio das Reservas Internacionais Líquidas, a necessidade de se tomar medidas para mitigar o risco do crédito em incumprimento e as novas exigências regulamentares.

O BNI esteve empenhado na definição de uma estratégia de gestão prudencial face às perspectivas conjunturais, reforçou o compromisso no alinhamento do modelo de governação corporativa aprovado em 2016, com destaque para o cumprimento de acções direccionadas ao Programa de Prevenção do Branqueamento de Capitais e Financiamento ao Terrorismo bem como ao reforço da cooperação com os organismos de supervisão.

O compromisso do BNI em oferecer soluções de banca remota com vista a uma melhor prestação de serviços aos seus clientes como é o caso do BNIX, serviço que permite fazer pagamentos, transferências bancárias, levantar dinheiro e consultar saldos de conta através do

telemóvel, traduziu-se na implementação de um novo *Internet Banking*, serviço de banca online totalmente disponível e seguro. Apresentamos ao mercado a aplicação BNI Net, que permite que os nossos clientes realizem as suas operações com autonomia e com uma experiência de utilização de serviços bancários com maior qualidade. Na mesma linha de actuação, procedemos ao lançamento do serviço de Contact Center, canal que permitirá aumentarmos a qualidade do serviço de apoio aos nossos clientes, bem como a comunicação sobre os produtos e serviços que o Banco BNI disponibiliza. Em 2017, implementamos também o serviço de bancassurance, em parceria com a Aliança SEGUROS, seguradora que iniciou a sua actividade neste mesmo ano.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

Os desafios do actual contexto económico e cambial provocou uma mudança de paradigma na procura e na oferta de produtos bancários. Apesar de grande parte da procura dos clientes estar relacionada com operações cambiais, a nossa estratégia foi estar ainda mais próximos dos nossos clientes, de modo que pudéssemos oferecer as melhores soluções num período desafiante para todos os agentes económicos.

Por outro lado, dedicamo-nos à diversificação da oferta de produtos e serviços que contribuam para o fomento de projectos de desenvolvimento que permitam a substituição de importações e que estimulem a produção nacional. Foi seguindo esta linha de actuação que o Banco BNI liderou o sindicato bancário do Projecto Laúca no valor em kwanzas equivalente a 400 milhões de dólares norte-americanos, mediante a emissão

de Títulos de Tesouro a 10 anos. Isto foi fruto de uma estratégia de selecção criteriosa dos projectos, bem como uma excelente relação com os Bancos correspondentes.

#### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Estamos, absolutamente, focados no cumprimento do nosso Plano Estratégico 2017-2019, que coloca os colaboradores do BNI e os seus clientes no centro da nossa actividade. Só com pessoas formadas e motivadas é que seremos capazes de alcançar os nossos objetivos, nomeadamente, a implementação de estratégias adequadas para cada segmento da carteira de clientes visando melhorar e potenciar o seu relacionamento com o Banco, a adopção de uma política de racionalização dos custos de estrutura de forma prudente, procurando um equilíbrio permanente entre os investimentos em infraestruturas físicas e a manutenção de um rácio de imobilização dos fundos próprios compatível, equilibrado e flexível às variações conjunturais, através da aposta em soluções de banca digital.

#### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

Continuamos a acreditar que a revitalização da economia nacional e a inclusão financeira do tecido empresarial estão intrinsecamente ligados à acção do sector bancário. Ao dinamizarmos a economia e incentivarmos o crescimento de novos negócios, estamos a contribuir para o aumento de uma cultura de estruturação de projectos de investimento, de profissionalização da gestão e de análise de risco.

O Banco BNI pretende ser um parceiro estratégico dos seus clientes e por isso oferece-lhes orientação, aconselhamento e consultoria para que sejam criados negócios robustos e de sucesso. Muito mais do que clientes tradicionais que procuram crédito ao consumo, o BNI é um banco virado para clientes empresariais e institucionais. O risco está presente em qualquer actividade e a melhor forma de o mitigar é trabalharmos juntos, preparando projectos de investimentos sólidos, estruturando soluções adequadas ao nosso contexto e acompanhando os nossos clientes em todas as fases de desenvolvimento dos seus negócios. Naturalmente, temos uma série de outras iniciativas que permitem que os nossos clientes ou os empresários que nos procuram possam ter informação que lhes permita entender como se constrói uma relação com a banca, bem como as principais informações financeiras que devemos dominar para uma boa gestão da sua empresa ou projecto de investimento.

#### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Estamos confiantes de que as medidas estruturais que têm sido tomadas contribuirão para a atracção de investimento, a implementação de projectos estruturantes e a implementação de reformas que contribuirão para a melhoria das nossas finanças públicas. Todas as instituições, de acordo com os seus objectivos estratégicos e a sua dimensão, terão de adoptar soluções para lidar com a questão cambial cujo impacto no nosso negócio é sentido em toda a economia. Por outro lado, continuamos com desafios de implementação da legislação e das melhores práticas para o combate ao

branqueamento de capitais (AML) e controle contra o financiamento do terrorismo (CFT), que se norteiam por regulamentações mais rígidas para as instituições financeiras, abrangendo directivas e medidas preventivas como "KYC" (*Know Your Customer*).

Prevemos, entretanto, um maior investimento nas soluções de banca digital, que poderá influenciar a subida da taxa de bancarização e promover a inclusão financeira, bem como a criação de produtos financeiros de apoio às PME.



# Banco Postal

Um banco novo que quer chegar a todos os angolanos



**João Freire**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

O ano 2017 e o 1º semestre de 2018 foram, sem dúvida, marcados por enormes desafios e expectativas. 2017 marcou o início da operação do Banco Postal, um Banco com o propósito de providenciar instrumentos e ferramentas que permitam a todos os angolanos, mas com particular foco nos que se encontram excluídos do sistema financeiro, assumirem a autoria da sua própria narrativa: serem dotados de personalidade financeira como um direito fundamental.

O Xikila Money é a materialização efectiva desta visão, tendo iniciado a sua actividade em Março 2017. Os 100 mil clientes nos primeiros sete meses de actividade e os mais 250 mil em menos de dezoito meses, confirmam a nossa aposta num serviço de proximidade e inovador, claramente valorizado pelos nossos clientes. Uma rede de distribuição onde se destacam 4 agências (três em Luanda e uma no Huambo) tendo como complemento uma rede, sempre em crescimento, de cerca de 170 postos bancários (quiosques). Adicionalmente a esta capilaridade, o Xikila Money conta ainda com uma rede de agentes e parceiros comerciais em franco crescimento e comerciantes aderentes à rede de pagamentos "Paga Aqui". Por outro lado, os canais digitais como a *web* e a aplicação para *Smartphones* e SMS permitem criar uma experiência financeira verdadeiramente única e direccionada a todo o tipo de utilizadores.

Para completar a cobertura do seu mercado-alvo estratégico, o Banco Postal lançou no 1º trimestre de 2018 mais duas unidades de negócio: Comércio & Empresários e Corporate & Personal. A unidade de negócio Comércio & Empresários, posiciona-se como um complemento ao Xikila Money, com particular foco na formalização das actividades económicas, através de produtos específicos e dedicados aos micro e pequenos empresários, entre os quais o crédito, que assume especial destaque enquanto ferramenta essencial no desenvolvimento e crescimento dos negócios.

O Corporate & Personal completa o nosso portfolio, com um leque de oferta mais convencional, mas ainda assim inovador e essencial na captação de recursos e na prestação de um serviço de elevada qualidade que aposta em nichos de mercado tais como *Trade Finance* e Mercado de Capitais, claramente vocacionado para as médias e grandes empresas bem como para particulares de elevado património.

### **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

Temos a vantagem de sermos um Banco novo, com o seu nascimento num contexto adverso e de incerteza – o que por si só nos confere uma maior autonomia – mas também uma maior capacidade de adaptação e compromisso com o caminho que queremos percorrer.

O Banco Postal encara os desafios presentes do contexto económico e cambial como uma oportunidade de recriar o futuro, por um lado, através de uma oferta diferenciadora, um serviço de excelência ajustado às reais necessidades das famílias e empresas angolanas e por outro, inovando nos processos e modelo de gestão que nos permitem contribuir de forma significativa para o crescimento e fortalecimento do ecossistema financeiro angolano.

### **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

O futuro é uma certeza para o Banco Postal. Esta certeza começa por ser “plasmada” nas nossas acções previstas para o 2º semestre de 2018 e no Plano Estratégico 2019-2023.

Tal traduz-se, em primeiro lugar, numa aposta forte no desenvolvimento contínuo do Xikila Money, acelerando a expansão nacional bem como o fomento do desenvolvimento comunitário. Alcançadas estas duas primeiras dimensões da nossa Missão, prosseguiremos com o aumento exponencial da utilização efectiva dos

nossos canais e com a implementação gradual de produtos de poupança e crédito. Em segundo lugar, apostaremos na consolidação da operação do Comércio & Empresários e do Corporate & Personal, através do aumento da carteira de clientes, captação de recursos e incremento qualitativo da carteira de crédito, e no acesso aos mais diversos produtos e serviços do sistema bancário nacional e internacional.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

O desafio da banca para a dinamização da economia angolana, passa pelo apoio aos empreendedores, micro, pequenas e médias empresas do sector formal e informal, através de canais de proximidade diferenciados do modelo tradicional e de uma oferta de produtos e serviços, bem como de processos simples e acessíveis capazes de garantir o acesso universal ao sistema bancário, do qual muitos se encontram actualmente privados. Esta correcta aproximação a todos os segmentos da população e da economia garantirá a necessária formalização das transacções financeiras. Exactamente por acreditarmos no papel determinante que, enquanto instituição bancária, podemos ter no combate à exclusão financeira e fomento do desenvolvimento económico e social, o Banco Postal assume isto como sua missão.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Perpectiva-se que 2019, seja para a banca angolana um ano repleto de desafios, pautado por “reorganização”, serviço, excelência e inovação. “Reorganização”, no sentido orgânico, tanto externo, em que os players de mercado terão naturalmente de ajustar o seu posicionamento face à nova realidade do contexto económico, cambial e regulamentar, como interno, levando à adopção de novos modelos de gestão e operação.

Serviço, tanto na óptica do “servir por si só”, assumindo o cliente um perfil mais diversificado e complexo, como ao nível do desenvolvimento dos órgãos internos exigindo uma maior adequação às reais necessidades dos múltiplos perfis de clientes do mercado angolano. Excelência, num mercado repleto de players e num sector de tremenda tradição, é crucial primar por elevados níveis de excelência enquanto organizações prestadoras de serviços e enquanto elementos determinantes do equilíbrio da economia e da sociedade. Inovação, quer quando falamos dos produtos e serviços disponibilizados e dos seus próprios canais e redes de distribuição, ou quando falamos dos próprios modelos de negócios, em que cada vez mais os avanços tecnológicos impactam todo o conceito e percepção do mercado, bem como a forma como os serviços financeiros são disponibilizados.

# Banco Prestígio

Reforço das áreas de controlo e concretização da aposta pelo Investment Banking



**Maria João de Almeida**  
Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

O cenário económico e de transformação do sector financeiro, sobretudo a nível nacional, tem exigido um esforço constante do Banco, para a consolidação da marca PRESTÍGIO e a manutenção do nosso posicionamento como “O Banco de Investimento em Angola”. Entre os principais aspectos, destacamos o crescimento do resultado que foi alcançado no exercício 2017, muito influenciado pela concretização da estruturação de operações de *Investment Banking*. Fazemos também referência à implementação das acções de reforço do sistema de controlo interno com particular ênfase na Gestão de Risco, resultando em medidas e práticas de acompanhamento e monitorização. Foram ainda reforçados os mecanismos de governação, com a dinamização dos Comitês de Controlo Interno e o de Risco, e igualmente, o reforço dos meios humanos e técnicos afectos àquelas funções de controlo. Registamos também avanços no domínio do *Compliance*, que permitiu a abertura da relação de correspondência com duas instituições financeiras Europeias.

## **Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?**

Não obstante, haver nesta altura um ligeiro aumento da confiança, sobretudo pela subida do preço do petróleo, o contexto económico e de mercado continua a aconselhar alguma prudência. Persistem as restrições a nível cambial o que limita bastante a nossa actuação, quer seja na captação de recursos, quer seja na identificação de projectos para canalização de tais recursos. A nossa estratégia passa, em primeiro lugar, pelo reforço dos Capitais Próprios do Banco, para viabilizar soluções que permitam a gestão eficaz dos recursos disponíveis. Estamos empenhados no aumento da nossa capacidade de apoio aos projectos que manifestamente podem contribuir para a geração e protecção de empregos, com particular ênfase nos serviços de *advisory*, fazendo recurso a nossa experiência e conhecimento da especificidade dos segmentos de negócio em que intervimos.

### **Quais são as principais metas e objectivos do Banco para 2019?**

Em 2019, o Banco Prestígio quer manter a aposta no *Investment Banking*, consolidando a liderança neste segmento. Vamos dar início a um novo ciclo, com a implementação do Plano Estratégico para o quadriénio 2019-2023.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca angolana tem que assumir um papel central na economia e no apoio aos diferentes agentes económicos. Além da acção tradicional, caracterizada pela canalização de recursos captados para a concessão de crédito, é necessária dinamização no papel de intermediária financeira, produtos estruturados e *advisory*. Para cumprir este desiderato, para além da necessidade de continuidade da expansão da rede de balcões e conseqüentemente o aumento da bancarização da população, há necessidade de trazer-se para o mercado produtos e soluções que vão de encontro às necessidades do tecido empresarial.

### **Quais são as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Perspectiva-se o resultado da implementação do novo quadro regulamentar, adequação do Sistema Financeiro Angolano às normas e as melhores práticas internacionais, que se espera que venham a contribuir para a redução do risco no país e para o restabelecimento das relações de correspondência bancária. Também se perspectiva um ano em que vai haver aposta na banca digital, pelo que o sector deve ser marcado pela introdução de produtos e serviços suportados por plataformas informáticas. A par disto, o Aviso 2/2018, indica que vamos ter um sector mais capitalizado mas também com uma certa dinâmica que poderá dar origem a algumas operações de fusões e ou mesmo aquisições.

# Banco Sol

Um banco líder em microcrédito



**Coutinho Nobre Miguel**

Presidente do Conselho Administração

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Para o Banco Sol, o ano de 2017 foi exigente e ao mesmo tempo de reforço dos nossos projectos. O Banco procurou consolidar-se de forma estrutural, distinguindo-se pela relevância e responsabilidade na sua contribuição para o desenvolvimento económico, estabilidade e solidez do sistema financeiro nacional.

Apesar do cenário desafiante que o mercado e a economia impõem, o Banco teve um desempenho favorável com um crescimento de 20% do Activo (Líquido), um valor de cerca de 475 mil milhões de Kwanzas e um decréscimo da carteira de crédito concedido à economia. Esta redução deveu-se à retração económica, com um saldo aproximado a 173 mil milhões de AKZ. Também verificámos o aumento do número de clientes em 17% e da carteira de depósitos em 28% com um valor de 369.983 milhões de Kwanzas quando comparados com o ano de 2016. Neste último ano procedemos à assinatura de diversos protocolos, ao lançamento de produtos de poupança que fomentam a inclusão financeira como o “Sol Futuro”, a uma contínua aposta na formação de quadros a nível nacional e internacional, bem como a consolidação do grupo Sol onde fazem parte a seguradora Sol Seguros e a agência Sol Viagens.

Salientamos ainda a distinção em Londres, com o prémio Global Banking Finance Awards da revista The European, como o melhor banco comercial em Angola em 2017 e o Presidente do Conselho de Administração do banco foi premiado como Administrador Executivo Bancário do Ano. Nesta senda, o Banco Sol foi contemplado com um prémio internacional por ser uma instituição corporativa de consciência ambiental e pela implementação do sistema automático de segurança contra incêndios.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

O actual contexto económico e cambial continua a ser bastante desafiante para os diversos participantes deste mercado. A nossa aposta tem sido disponibilizar produtos/ serviços de cobertura do risco cambial.

Esta realidade tem obrigado o Banco Sol a elevados esforços de adaptação para dar uma resposta efectiva às exigências regulamentares e aos novos requisitos por forma a servir com qualidade as necessidades dos seus clientes. Apostamos numa gestão criteriosa dos recursos em moeda estrangeira, procuramos satisfazer de forma gradual e sistemática os clientes da Instituição, bem como priorizar os sectores estratégicos e estruturantes. O Banco Sol tem enfoque no processo de monitorização e acompanhamento das flutuações das posições cambiais. Procura ainda clientes com um perfil de risco adequado, com potencial na optimização dos seus custos operativos e financeiros.

### **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

Até 2019, daremos continuidade à execução do plano estratégico plurianual (2016-2020) do Banco, com maior realce nos seguintes pilares estratégicos: Assegurar o contínuo crescimento orgânico do Banco; Continuar a ser um Banco líder em microcrédito; Contínuo investimento no desenvolvimento do capital humano e incremento das acções de responsabilidade social; Reforço da solidez, robustez e resiliência do Banco; Ser um Banco apostado na diversificação dos seus activos e da economia, que apoie as famílias e as PME's; Internacionalização: foram dados passos significativos e decisivos com vista à internacionalização do Banco Sol para a Namíbia, Portugal e região autónoma de Macau. Continua adequação dos sistemas de controlo interno, gestão de risco, boas práticas de *compliance* e política de boa governação de acordo com as exigências regulamentares nacionais e internacionais.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca é vital na vida do País. É na banca que a maioria dos Angolanos deposita as suas poupanças, sendo que, utilizando os recursos assim captados, o banco concede crédito à economia, às famílias e ao Estado para poderem funcionar. Os bancos asseguram o funcionamento dos sistemas de pagamentos o que permite que os mercados locais desenvolvam a suas actividades e que os particulares e as empresas se desloquem e actuem respectivamente em locais distantes. A inexistência de um sistema bancário bem estruturado não permitiria a circulação da moeda, sendo também mais difícil a criação de mercados de bens e serviços, bem como a circulação de pessoas e bens. Os bancos desempenham também um papel importante na intermediação financeira, isto é, recolhem a poupança de quem possui recursos excedentários e disponibilizam esses recursos a quem deles necessita. Sem esta operação, a capacidade de investir dos particulares e das empresas ficaria muito limitada.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Os bancos devem trabalhar, de forma construtiva e em conjunto, para dinamizar e desenvolver o sector bancário. Assim sendo, para 2019 destacamos: a especialização das instituições financeiras e também a exploração de novas oportunidades de investimento ressaltando o crédito especializado, seguros, gestão de activos, gestão de fundos e o mercado de capitais; mudança do modelo de negócio dos bancos angolanos com uma forte componente de crédito ao consumo; a maior aposta na inovação tecnológica: na utilização de aplicações digitais bancárias, onde os utilizadores terão acesso aos serviços bancários via *smartphones*, *tablets*, computadores e *smartwatches*.

# Banco YETU

Disponibilizar crédito à economia



**António André Lopes**  
Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Sem dúvida que o principal aspecto que destacaríamos relaciona-se com a implementação das exigências regulamentares, no domínio das IAS – IFRS e dos reportes relacionados com a gestão do risco e com o branqueamento de capitais, face à escassez de capital humano especializado, à necessidade de avultados investimentos em desenvolvimento informático e aos prazos para a sua execução. Tratam-se de investimentos desafiantes, independentes da dimensão de cada instituição, que tivemos que suportar, para alinharmos os nossos processos e procedimentos às exigências regulamentares. Relativamente ao desempenho do banco, destacamos o facto de, não obstante a conjuntura desfavorável, ter sido possível, por um lado, manter um equilíbrio entre os proveitos e os custos do banco, permitindo que o segundo ano de actividade se saldasse num resultado positivo e, por outro lado, assegurar adequados níveis de liquidez, que possibilitaram manter disponibilidade total na satisfação das instruções dos clientes, relativas a movimentação das suas contas de depósitos.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

O Banco Yetu iniciou a sua actividade há três anos, numa altura em que o actual contexto de crise económica e cambial era já uma realidade. Por isso, a estratégia de actuação então definida e que se mantém válida consubstancia-se na aplicação do essencial dos seus recursos em instrumentos de dívida pública e no crédito às empresas e às famílias. Tínhamos absoluta consciência de que a viabilização do banco não passava pelo negócio cambial, mas sobretudo pelo crédito. Infelizmente, devido à existência de um conjunto de constrangimentos ao crescimento do crédito, o volume de crédito concedido pelo banco às empresas e às famílias esteve longe de fazer jus a tal estratégia. Ainda assim e porque o País não tem outra alternativa, estamos convencidos que, em consonância com a mudança do paradigma político, estarão a ser criadas as condições macroeconómicas e estruturais para potenciar o crédito à economia, e, deste modo, não apenas o Banco Yetu, mas o sistema bancário no seu todo, assumirem definitivamente a sua principal vocação: *disponibilizar crédito à economia.*

### **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

Com o aumento do capital social recentemente efectuado, consideramos estarem reunidas as condições para prosseguirmos com a implementação do plano de expansão do banco, através da abertura de mais algumas agências, nomeadamente nos principais centros urbanos fora da capital do País e, deste modo, assegurarmos uma maior proximidade aos nossos clientes e aumentarmos a nossa capacidade de captação de clientes e de depósitos.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

O papel da banca na dinamização da economia angolana passa, como não podia deixar de ser, pela retoma do seu papel enquanto principal financiador da economia, nomeadamente ao chamado sector primário, enquanto motor do processo de diversificação da economia. Com efeito, sem agricultura, pecuária, pescas e infraestruturas productivas, que disponibilizem directamente bens de consumo às populações e insumos para a indústria, continuaremos a assistir à pressão que estes sectores exercem sobre o orçamento cambial e com isso à reduzida possibilidade de orientar as divisas para os sectores para os quais o País terá sempre de recorrer ao exterior. Infelizmente, o crédito bancário está muito dependente de factores exógenos aos bancos, que passam pela existência de políticas públicas, como os instrumentos de incentivo, de fomento e de garantias, os constrangimentos ao nível do registo de propriedade e da execução das hipotecas e ainda medidas de resgate do crédito mal parado, sem o qual o *funding* dos bancos continuará reduzido, com pouca margem para a concessão de mais crédito.

Se não for possível eliminar tais factores estruturais que impedem o crescimento do crédito, o *funding* que os bancos possuem continuará orientado para o mercado dos títulos, a actividade dos bancos manter-se-á muito dependente do mercado cambial e os empresários continuarão a queixar-se da falta de oportunidades de acesso ao crédito e das suas iniciativas de investimento adiadas.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Não obstante a pouca informação existente sobre os níveis de imparidade do crédito, pensamos que, em função do recente aumento do capital social dos bancos, determinado por imperativo regulamentar, criou-se alguma resiliência e equilíbrio na estrutura financeira dos bancos, que permitirá, ao longo do ano de 2019, a manutenção da sua actual arquitectura. Entretanto, como este ajuste do capital social dos bancos, não terá provocado um aumento efectivo da liquidez do sistema, uma vez que na maioria dos casos tratou-se apenas de mutações nas massas patrimoniais dos balanços, estamos convencidos que continuaremos a assistir a limitações na movimentação das contas bancárias, a menos que o regulador tome medidas efectivas que permitam reverter o quadro.



# Standard Bank de Angola

Aposta contínua na qualidade do serviço



**António Coutinho**

Presidente da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Destacaria a aposta contínua na qualidade do nosso serviço. Compreender os nossos clientes, oferecendo experiências e soluções de forma rápida, eficiente, ganhando e mantendo a sua confiança, é imperativo para nós.

O foco no cliente é mais do que um slogan, é uma mudança de orientação e cultura organizacional.

O nosso objectivo é atender os nossos clientes com precisão e eficiência e sempre que possível, por meio de um único ponto de contacto, garantindo ao mesmo tempo o cumprimento da regulamentação e da legislação em vigor. Mencionaria igualmente que os capitais próprios do Standard Bank de Angola mantiveram o ritmo de crescimento, por via da incorporação de resultados líquidos crescentes, reforçando a solidez e a posição do Banco no mercado, demonstrando o nosso comprometimento com o investimento em Angola.

Recordo também que já recebemos em 2018 dois prémios:

- Global Finance - Melhor Provedor de Tesouraria e Gestão de Caixa em Angola 2018

- Euromoney – Melhor Banco de Investimento em Angola 2018

Contribuindo uma vez mais para aumentar a nossa visibilidade no mercado local e internacional e para reforçar a nossa reputação junto dos analistas e do mercado financeiro em geral.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

O BNA introduziu um novo regime cambial em 2018, que permite que a taxa de câmbio flutue livremente dentro de um intervalo não comunicado, mediante os leilões de moeda estrangeira efectuados. Uma depreciação máxima de 2% é permitida em cada leilão.

Enquanto isto pode ser visto como um avanço no sentido de atingir flexibilidade cambial, este deverá ser acompanhado de um conjunto de outras medidas estruturais que possam contribuir para o desejado ajuste na balança de pagamentos.

Neste sentido, a nossa estratégia de actuação tem-se pautado por assegurar um nível de rentabilidade que permita ao Standard Bank de Angola ser um Banco mais rentável, garantindo a solidez necessária do rácio de solvabilidade do Banco, manter o rácio de liquidez, preservar os níveis de rentabilidade, aumentando com isto a remuneração dos accionistas e a eficácia na gestão de custos.

### **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

Como mencionei anteriormente, pretendemos continuar a apostar na qualidade do serviço de atendimento ao cliente, na digitalização, no fortalecimento da cultura organizacional do Banco, continuar na linha da frente no que concerne as regras de *Compliance*, sendo já o Standard Bank, neste campo uma referência em Angola. E continuar apostar na formação e capacitação dos nossos colaboradores.

Estamos neste momento a construir a nossa futura sede. Contamos finalizar este projecto precisamente em 2019. É um investimento avultado efectuado pelo Banco, pois acreditamos no futuro de Angola.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

A banca tem um papel nuclear na dinamização de qualquer economia. No caso de Angola e face ao actual momento deve servir ainda mais como elemento de estabilidade, confiança e credibilidade junto dos diferentes actores tanto do sector público como do sector privado.

A banca deve garantir uma oferta de serviços financeiros consistente e eficiente, disponibilizando aos clientes todas as ferramentas relevantes para suprir as suas necessidades, proporcionando aos clientes o acesso de forma ágil, a vários mercados financeiros, ajudando deste modo no desenvolvimento e crescimento do País.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

Para que a banca angolana possa ter um papel ainda mais relevante no País é fundamental que o Estado continue a investir na melhoria do ambiente de negócios. É de vital importância que os investidores e parceiros internacionais sintam esta confiança.

Apesar da recuperação recente do preço do petróleo, a procura agregada continuará, muito provavelmente, a ser negativamente afectada pela necessidade de manter uma política monetária rigorosa, de forma a combater a inflação e estabilizar os mercados cambiais. Prevê-se ainda a continuação de esforços de consolidação fiscal, que poderão ter impactos negativos na evolução da procura.

# Standard Chartered Bank Angola

Uma das melhores subsidiárias, ao nível do Grupo Standard Chartered, na região de África e Médio Oriente



**Albert Asante**

Presidente Interino da Comissão Executiva

## **Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?**

Os principais desafios na actividade do SCBA foram inequivocamente a adaptação rápida ao contexto económico caracterizado por incertezas, decorrentes da estagnação da actividade económica combinadas com fortes expectativas sobre como os mercados reagiriam à dinâmica da política económica do novo Governo e do Banco Central, nomeadamente com a entrada em vigor do regime cambial flutuante em bandas controladas, a intermitência na emissão de títulos do tesouro com maturidades mais curtas e a consequente redução progressiva das taxas de juros, sinalizando desde já a adopção de uma política monetária expansiva, num ambiente económico de pressão inflacionista e de fraca actividade económica. Isto acarretou consequências no comportamento dos nossos clientes e seus depósitos devido às expectativas de contínua depreciação da moeda nacional. Entretanto, ao termos feito a avaliação correcta que nos permitiu anteciparmos adversidades, tendo sido revista e adoptada uma estratégia de captação e aplicação de recursos equilibrada que têm vindo a garantir um desempenho relativamente melhor comparativamente ao ano anterior. Outro facto a destacar nos últimos 12 meses é a melhoria substancial do ambiente de controlo

e gestão do banco ao nível do Grupo Standard Chartered, tendo sido uma das melhores subsidiárias na região de África e Médio Oriente (AME), tendo o Standard Chartered Bank Angola recebido dois prémios que testemunham o progresso alcançado e a nossa contribuição na melhoria significativa do ambiente de controlo e na gestão de risco. Fomos os vencedores do prémio *#Transforming AME* na categoria de colaboração tendo sido o segundo classificado na categoria *#Backto1billion*. Isto demonstra o reconhecimento do nosso desempenho que tem vindo a melhorar ano após ano.

## **Qual a estratégia de atuação definida pelo banco perante desafios do actual contexto económico e cambial?**

A nossa estratégia, aprovada em Dezembro de 2017, pode ser resumida nos seguintes vectores prioritários: aumentar os resultados provenientes de operações captação de clientes e reduzir a dependência dos resultados de aplicações de investimentos, aumentar os volumes transacionais por via do aumento da carteira de clientes, aumentar o foco em produtos de trading na medida em que vai aumentando as disponibilidades de moeda estrangeira no mercado cambial, aumentar a oferta de produtos de corporate finance e desenvolver soluções de hedging sujeitas aos limites de apetite aos riscos subjacentes.

### **Quais as principais metas e objectivos do Banco até 2019?**

As metas e objectivos do Banco até 2019 passam por continuar a gerar resultados positivos para agregar valor ao nosso capital, reduzir o risco de concentração de depósitos de clientes no nosso balanço e continuar a trabalhar para melhorar os controles com o objectivo de crescimento do negócio.

### **Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?**

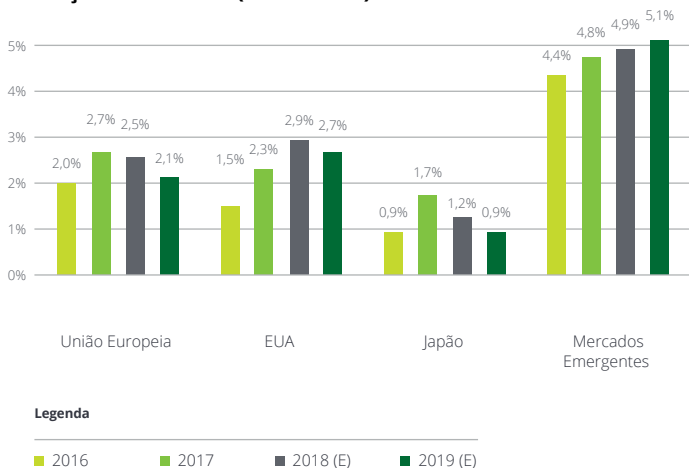
Pensamos que a banca deverá continuar a desempenhar o seu principal papel de intermediação financeira entre os diferentes agentes económicos do sector real da economia e naturalmente do sector financeiro e sistema de pagamentos. Nos diferentes segmentos de negócio, cada um deverá ser responsável pela dinamização das relações comerciais dos seus clientes, quer sejam particulares, corporativos ou institucionais e a sua inclusão acertada aos níveis dos segmentos geográficos de actuação que os caracterizam, isto é, a nível nacional, regional ou internacional. Os bancos devem assumir um papel decisivo para a integração da economia angolana, contribuindo não só com produtos inovadores, mas também influenciando a adopção de melhores práticas de gestão dos negócios dos seus clientes e parceiros no controlo de riscos conferindo a esse sector de actividade a reputação de uma banca mais responsável e contributiva para o crescimento económico inclusivo, sustentável e robusto.

### **Quais as principais tendências da banca angolana para 2019?**

As tendências da banca angolana para 2019 são o aumento da competitividade estratégica a nível de gestão, reposicionamento da carteira de investimentos, alterações nas políticas de governação, consistência das políticas monetárias, planos de privatização e de reestruturação das empresas públicas e reforço do endurecimento dos mecanismos de supervisão e controlo cambial, implementados pelo BNA, a par da maior disciplina na execução fiscal e responsabilização dos agentes. É, ainda, expectável o surgimento de algumas fusões e sobretudo aquisições, como consequência não só das novas exigências de capital social e fundos próprios mínimos, mas também devido a um contexto novo que se vai caracterizando por maior abertura do mercado, maior grau de digitalização e segmentação dos serviços para reajustar o crescimento quantitativo que o mercado teve nos últimos tempos.

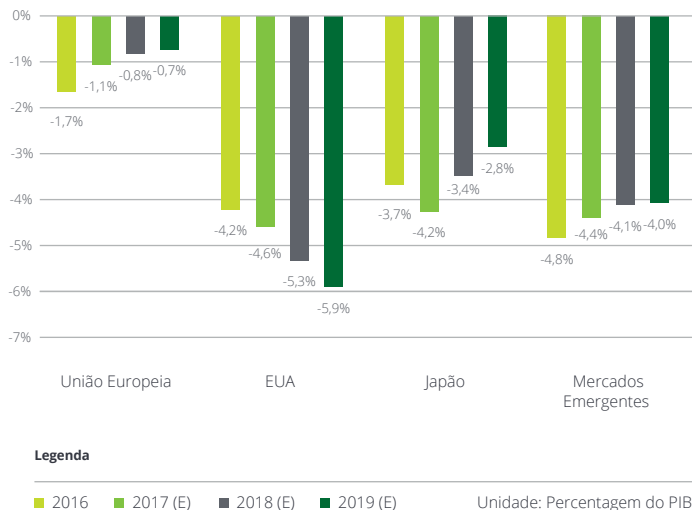
# Enquadramento macroeconómico

## Evolução do PIB real (2016 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

## Défices Públicos (2016 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

## Introdução

Em 2018 tem-se vindo a observar um ambiente económico favorável, alicerçado no aumento do ritmo de crescimento económico face a 2017. Relativamente às economias desenvolvidas, registou-se um crescimento económico de 2,3% em 2017, que se perspectiva que se mantenha para 2018, diminuindo o ritmo de crescimento nos dois anos seguintes.

No que concerne às economias em desenvolvimento, estas viram o produto interno bruto real aumentar 4,8% em 2017, crescimento sustentado principalmente pelos países exportadores de mercadorias, como o Brasil, perspectivando-se que este crescimento continue até 2019.

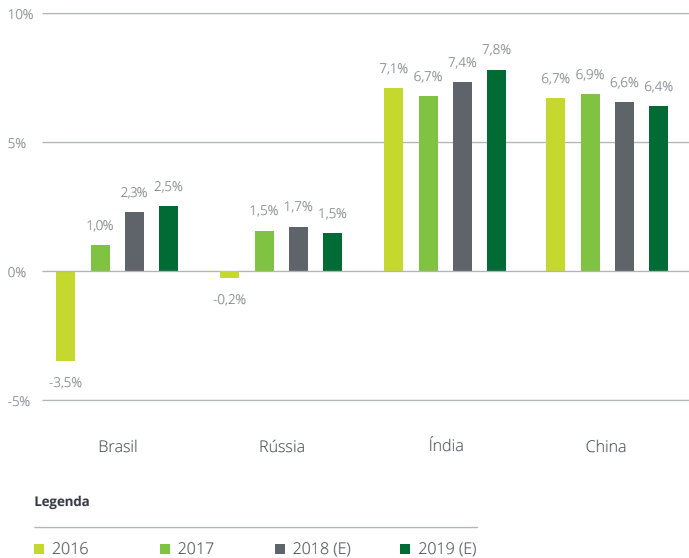
Relativamente à União Europeia, a economia cresceu 2,7% em 2017, antevendo-se uma diminuição do ritmo de crescimento até 2019, ano em que aumentará 2,1%. O crescimento no ano de 2017, acima do produto potencial<sup>1</sup>, deve-se essencialmente ao aumento da procura interna e externa. Por outro lado, perspectiva-se que o défice público da economia europeia diminua para 1,1% em 2017, alcançando os 0,7% em 2019.

Apesar do clima económico favorável na União Europeia, alguns factores ameaçaram, recentemente, a estabilidade económica e continuam a impor desafios à economia. Destacam-se a saída do Reino Unido da União Europeia, as alterações políticas em Espanha e Itália, assim como a tensão gerada pela crise dos refugiados e a sua integração.

Nos Estados Unidos da América, o crescimento do produto interno bruto deve alcançar os 2,9% em 2018, largamente sustentado pela política fiscal expansionista lançada em Dezembro de 2017, particularmente no que concerne à diminuição da taxa de imposto sobre lucros das empresas. Em contraponto com a instabilidade relativamente à política doméstica e internacional.

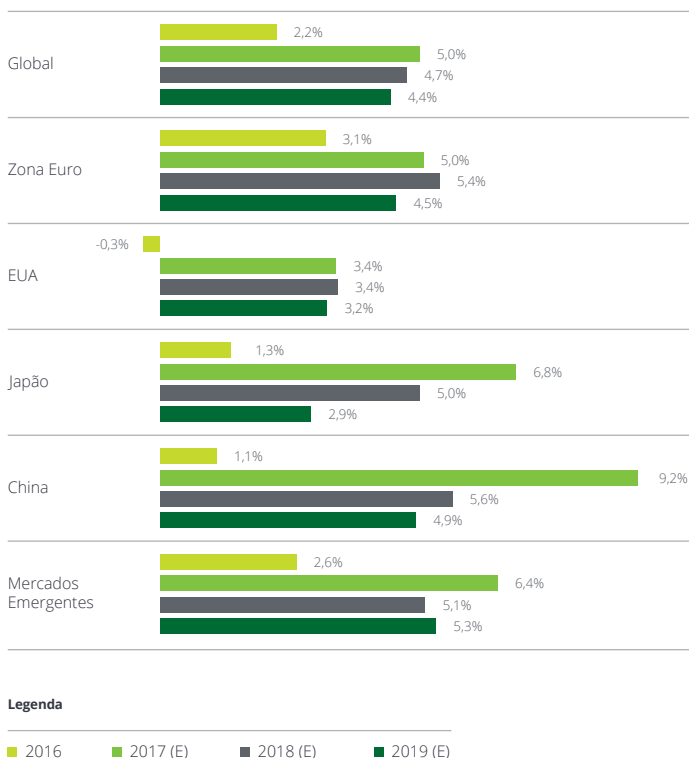
<sup>1</sup> O produto potencial (ou natural) corresponde ao nível de produto de uma economia com a utilização máxima dos seus recursos sem criar pressões inflacionistas.

### Evolução do PIB real nos BRIC (2016 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

### Comércio Mundial – Evolução das exportações (2016 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

Por outro lado, o défice público dos Estados Unidos da América deve continuar a trajetória de subida, alcançando os 5,9% em 2019 e impondo restrições à capacidade de crescimento económico a longo-prazo, dado que a manutenção de uma posição deficitária coloca ainda mais pressão ao nível do *stock* de dívida pública do País.

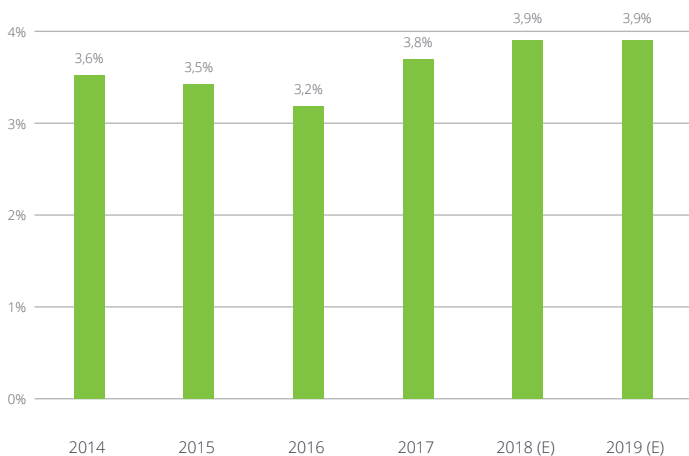
O produto interno bruto do Japão cresceu 1,7% em 2017, acima do esperado, antevendo-se sucessivas diminuições do ritmo de crescimento em 2018 e 2019. O Japão mantém como principal desafio ao crescimento económico sustentado a constante diminuição da sua força de trabalho, fruto do envelhecimento da sua população.

No que concerne às economias emergentes, e particularmente à evolução verificada nos países que integram os BRIC, em 2017, a China e a Índia viram o seu produto interno bruto crescer a taxas próximas dos 7%, principalmente devido a um aumento da procura externa alavancada na retoma da economia mundial. No caso do Brasil e da Rússia, registou-se um aumento do ritmo de crescimento face a 2016, perspectivando-se um reforço deste crescimento em 2018 e 2019.

Segundo o FMI, nos próximos anos os países que compõem os BRIC deverão continuar a apresentar ritmos de crescimento díspares, sendo que a China e a Índia deverão registar crescimentos superiores a 6%, enquanto o Brasil e Rússia deverão registar valores de crescimento na ordem dos 2%.

Em termos de evolução do comércio mundial, observou-se um crescimento das exportações a nível global em 2017, particularmente devido à depreciação do dólar e ao aumento das exportações de petróleo. Segundo perspectivas do FMI, é expectável que o ritmo de crescimento das exportações diminua até 2019.

### Evolução do PIB real mundial (2014 - 2019), total de 193 países



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

### Principais indicadores macroeconómicos

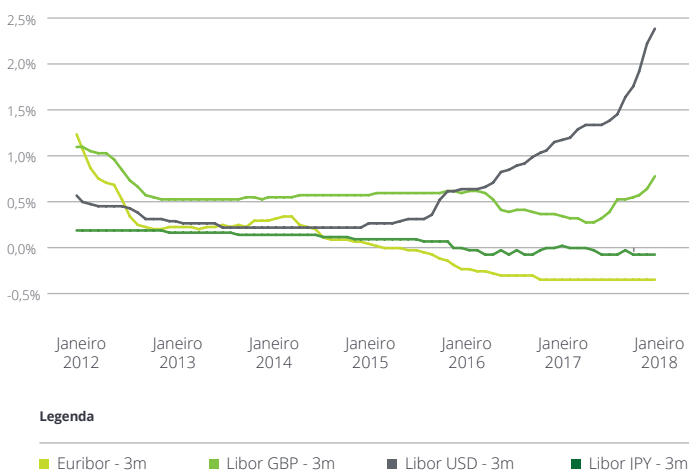
#### Produto Interno Bruto

A retoma da economia mundial verificada desde 2016 prolongou-se até inícios de 2018. O produto interno bruto mundial aumentou 3,8% em 2017, com um crescimento significativo quer nas principais economias desenvolvidas quer na generalidade das economias emergentes.

Nas previsões do FMI, o ano de 2018 será marcado por um crescimento sustentado da economia mundial, principalmente impulsionado pela política fiscal expansionista nos EUA.

De acordo com dados do FMI, em 2017 a concentração do produto interno bruto mundial diminuiu ligeiramente face ao nível observado em 2016, com as 10 maiores economias a representarem 66,9% do PIB mundial. Em 2018, perspectiva-se que este valor aumente para 67,5%.

### Taxas de juro (2012 - 2018 YTD)



Fonte: BCE, Federal Reserve Economic Data, EMMI – European Money Markets Institute

#### Taxas de juro

A resposta ao nível da política monetária dos principais Bancos Centrais continua a ser heterogénea.

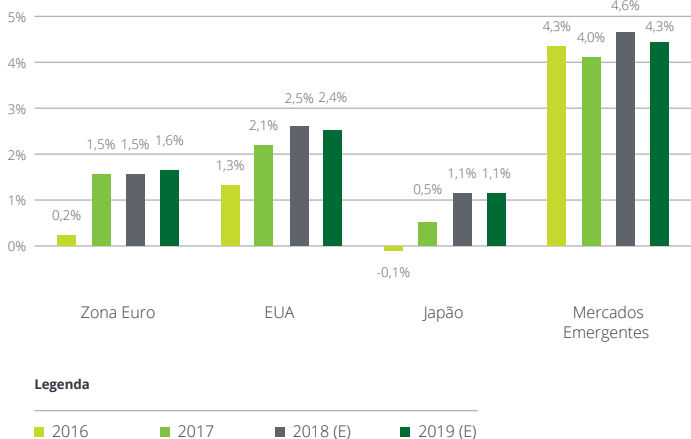
O Banco Central Europeu sinalizou a intenção de terminar o programa de compra de activos até ao final de 2018. Contudo, prevê-se que um primeiro aumento da taxa de juro de referência, após a crise financeira, não ocorra antes de 2019.

Nos Estados Unidos da América, o crescimento económico levou a Reserva Federal a aumentar a taxa de juro de referência por 7 vezes desde Dezembro de 2015, havendo a expectativa de mais duas subidas na taxa de referência ao longo do ano de 2018.

Por oposição aos anos anteriores, o Banco Central do Japão sinalizou, no final de 2017, a possibilidade de aumentar a taxa de juro de referência, algo que ainda não se verificou até à data.



### Taxa de inflação (2016 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

### Taxa de inflação

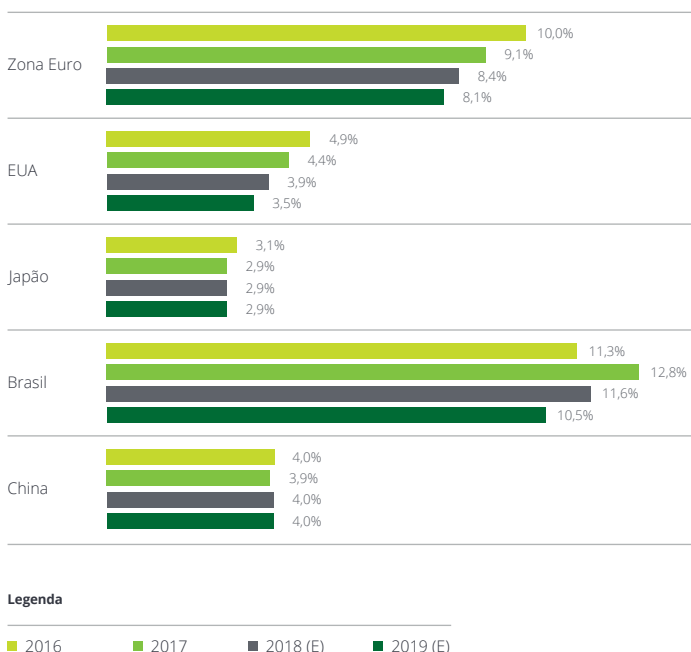
Em 2017 foi registado um aumento da taxa de inflação na generalidade das economias mundiais.

Na Zona Euro, a inflação atingiu os 1,5% em 2017, sendo este valor inferior ao objectivo de 2% do Banco Central Europeu. Retirando o efeito do preço do petróleo, a taxa de inflação apresentaria valores ainda mais baixos.

Por outro lado, nos Estados Unidos da América a inflação encontra-se ligeiramente acima de 2%, alicerçada num aumento sustentado da procura dos consumidores.

Nos mercados emergentes, a inflação atingiu mínimos históricos, prevendo-se que recupere ligeiramente em 2018, no seguimento de estabilidade cambial ou de recuperações face ao dólar.

### Taxa de desemprego (2016 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

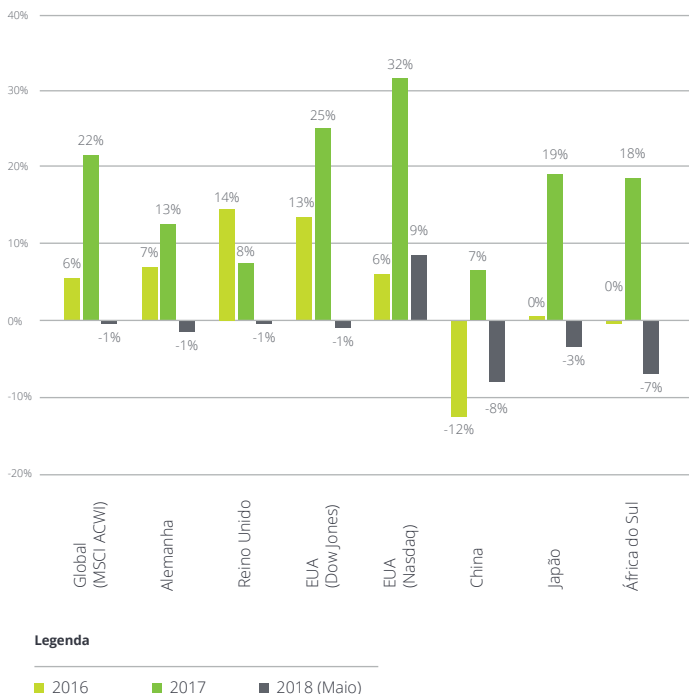
### Taxa de desemprego

A taxa de desemprego continua a diminuir, de forma generalizada, nas principais economias mundiais, em virtude da trajectória de crescimento observada.

Várias economias estão a verificar taxas de desemprego próximas de mínimos históricos, nomeadamente nos EUA, Zona Euro, Reino Unido e Japão. Na China registou-se uma ligeira descida da taxa de desemprego em 2017 e no Brasil um aumento em 1,5 pontos percentuais.

Segundo dados do FMI, continua a verificar-se um crescimento residual dos salários, em linha com a manutenção da produtividade do trabalho nas principais economias mundiais. Nos Estados Unidos da América, os primeiros sinais de crescimento salarial ocorreram em Janeiro de 2018, sustentando a firmeza da recuperação do mercado de trabalho.

### Evolução dos mercados accionistas (2016 - 2018 YTD)



Fonte: Investing, Bloomberg, MSCI

### Obrigações do Tesouro, 10 anos (2008 - 2018 YTD)



Fonte: Investing

### Mercados financeiros

A nível global, os mercados financeiros aumentaram significativamente a taxa de valorização em 2017, no seguimento de um ano de 2016 já marcado por valorizações na generalidade dos mercados. De facto, todos os mercados apresentados, à excepção do Reino Unido, viram os retornos aumentar em 2017 face ao ano anterior.

No Reino Unido, a indefinição em relação ao modelo de saída da União Europeia pressionou o principal índice do País que, ainda assim, apresentou uma taxa de valorização positiva.

A China, depois de ter registado uma desvalorização acentuada do seu mercado bolsista em 2016, viu o seu principal índice valorizar em 2017.

Os principais índices bolsistas mundiais, que iniciaram 2018 de forma positiva, têm corrigido nos últimos meses, particularmente no caso da China, Japão e África do Sul. A excepção encontra-se nos EUA, com o NASDAQ a valorizar.

A referida correcção deve-se, principalmente, à incerteza política na Zona Euro e à instabilidade comercial iniciada pelos Estados Unidos da América, mas também a um alívio dos principais indicadores de mercado dada a forte valorização dos mercados em 2017.

Relativamente às yields associadas às obrigações do tesouro a 10 anos, o aumento que se verifica desde meados de 2016 continua a prolongar-se, sendo mais expressivo nos EUA.

Na Alemanha e Japão, as taxas de juro recuperaram ligeiramente negociando, actualmente, em valores positivos.

**Preço do Petróleo (2012 - 2018 YTD)**



Fonte: US Energy Information Administration

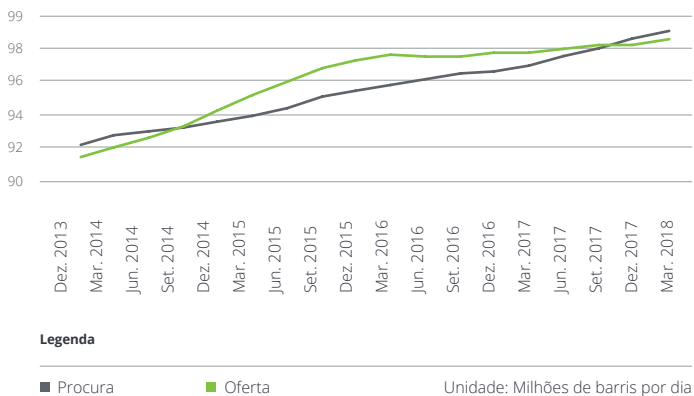
**Petróleo**

Após uma descida acentuada no preço do petróleo desde 2014, o valor do barril estabilizou em torno dos 30 USD em inícios de 2016.

No seguimento de perturbações na produção na Costa do Golfo dos Estados Unidos da América, Líbia, Mar do Norte e Venezuela, assim como um renovado acordo de produção até finais de 2018 dos países que compõem a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, o preço do petróleo subiu mais de 160% até cerca de 80 USD por barril em meados de 2018.

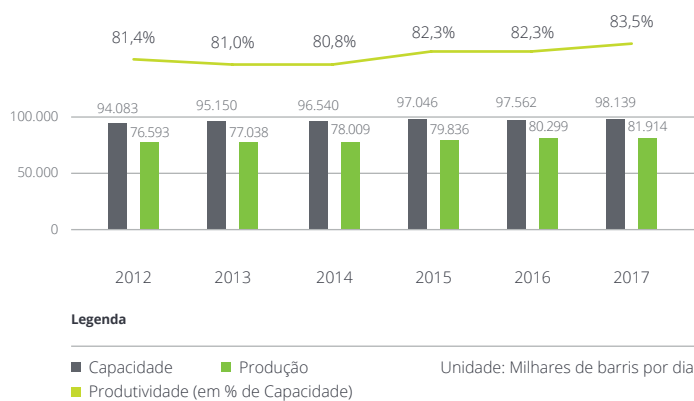
Dadas as restrições actuais na oferta de petróleo, assim como a generalizada recuperação da economia mundial, é expectável que a pressão em alta do preço do barril continue num futuro próximo.

**Procura e Oferta Mundiais de Petróleo, média móvel de 1 ano (2013 - 2018 YTD)**



Fonte: International Energy Agency

### Capacidade e Produtividade das Refinarias Mundiais (2012 - 2017)

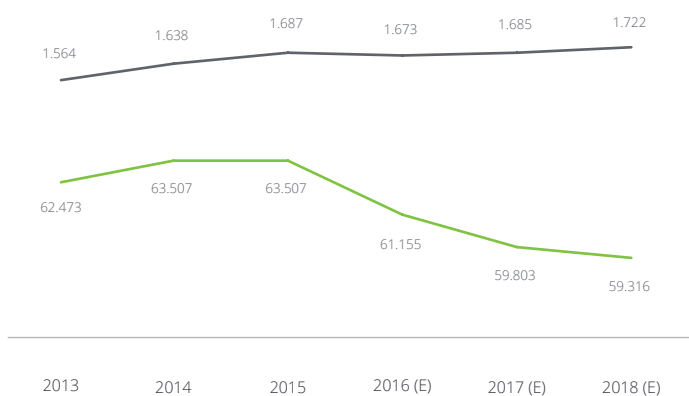


Em linha com o verificado nos últimos anos, 2017 ficou marcado por um aumento quer da capacidade de produção quer da efectiva produção das refinarias a nível mundial.

Fonte: BP – Statistical Review of World Energy, Junho 2018

# Enquadramento económico angolano

## Evolução do PIB real (2013 - 2018)



### Legenda

■ PIB (mil milhões AKZ) ■ PIB per capita (em AKZ)

Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

## Introdução

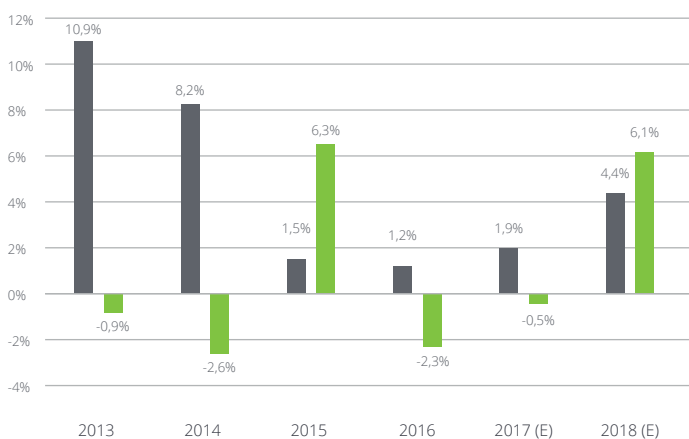
Angola registou em 2017 uma ligeira recuperação económica, com um crescimento de 0,7% no seu produto interno bruto face ao ano anterior. Para 2018, o FMI antevê um aumento da taxa de crescimento do produto, prevendo-se que alcance os 2,2%.

De facto, a ligeira recuperação registada em 2017 verificou-se devido à melhoria do ambiente económico do sector não petrolífero, particularmente na energia, agricultura e construção.

A recuperação do preço do petróleo, mais especificamente desde a segunda metade de 2017, projecta para 2018 uma recuperação mais substancial do crescimento económico.

De todo o modo, as consequências económicas do período de baixa do preço do petróleo reforçaram a necessidade da economia angolana prosseguir os seus esforços de diversificação, com vista a atenuar os ciclos económicos futuros.

## Evolução do PIB real petrolífero e não petrolífero (2013 - 2018)



### Legenda

■ Sector não petrolífero ■ Sector petrolífero

Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2018

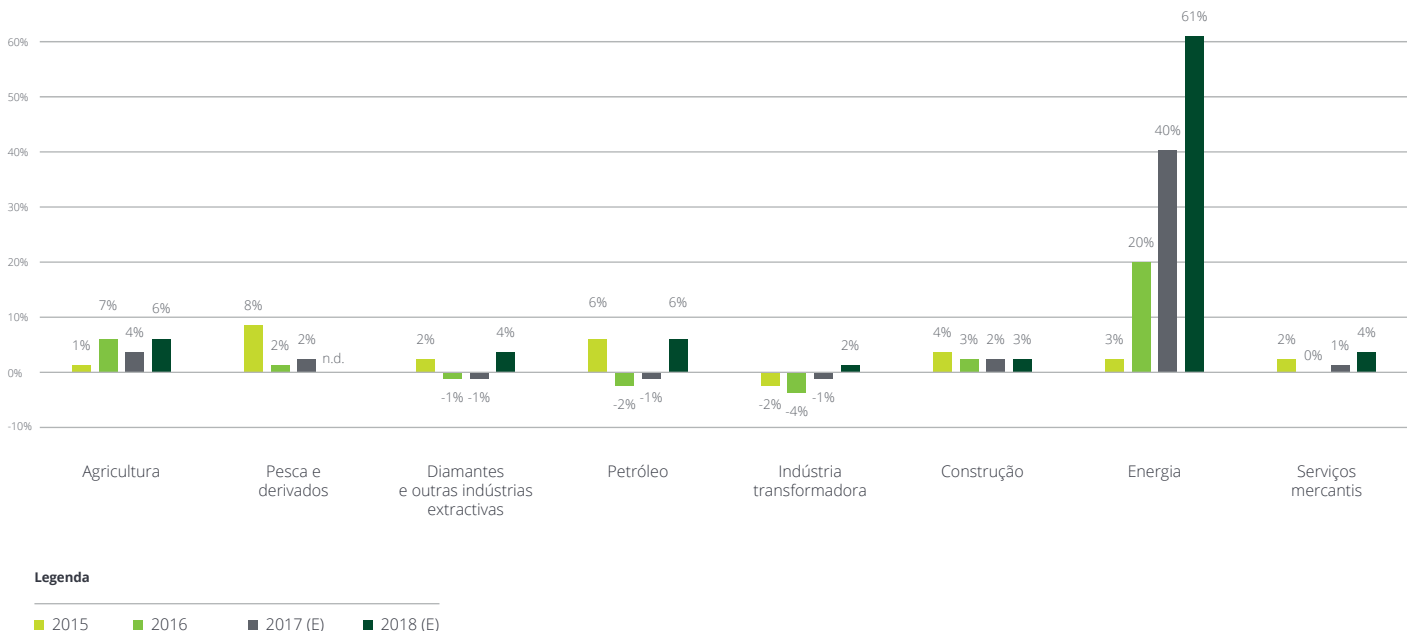
## Principais indicadores macroeconómicos

### Produto Interno Bruto

Perspectiva-se que 2018 seja marcado por uma retoma do crescimento económico angolano, impulsionado tanto pelo sector não petrolífero como pelo sector petrolífero.

O sector não petrolífero deverá crescer impulsionado pelo sector da energia, particularmente com a entrada em operação de uma nova central eléctrica, assim como pelo sector da agricultura, com o desenvolvimento previsto de dois grandes projectos agrícolas, nomeadamente o Projecto MOSAP II e o Projecto SOMAP. Por outro lado, a recuperação evidenciada no preço do petróleo impulsionará o sector petrolífero em 2018.

### Evolução do PIB por sectores de actividade (2015 - 2018)

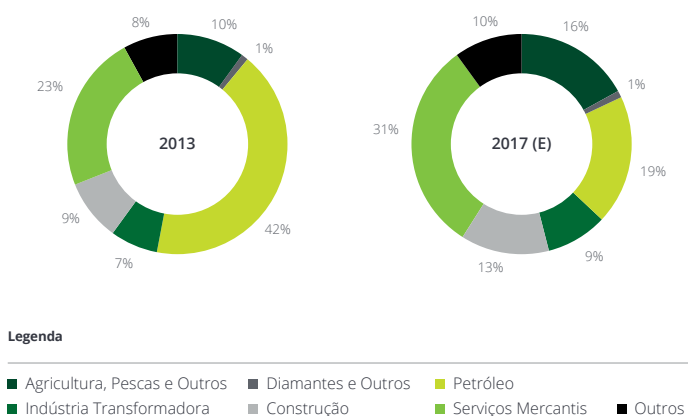


Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2018

Não obstante o ligeiro crescimento do produto interno bruto observado em 2017, alguns sectores de actividade registaram evoluções particularmente positivas, com destaque para o sector da energia (40%), com a entrada em funcionamento de 4 novas centrais eléctricas, e o sector da agricultura (4%).

Prevê-se, para 2018, que o aumento da taxa de crescimento do produto interno bruto angolano seja sustentado nos sectores da energia (61%), agricultura (6%) e petróleo (6%).

### Estrutura da economia (2013 - 2017)



Fonte: BNA - Boletim Estatístico de Dezembro 2017

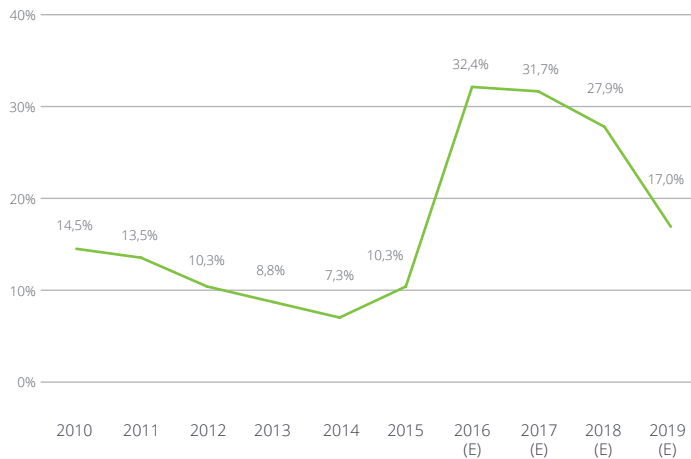
### Estrutura da economia

O sector petrolífero tem reduzido ao longo dos últimos anos o seu peso na estrutura da economia nacional.

Por contraponto à descida do peso do sector petrolífero, os sectores de serviços mercantis, agricultura e construção, assumiram preponderante importância na economia.

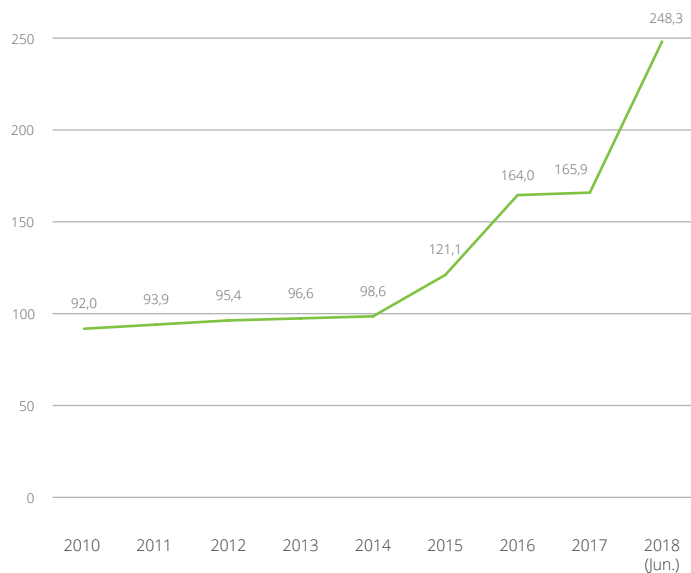
No entanto, continua a revelar-se importante prosseguir com o processo de diversificação económica, beneficiando dos recursos e oportunidades de que Angola dispõe e que proporcionem uma redução da exposição da economia ao sector petrolífero.

### Taxa de inflação homóloga de Angola (2010 - 2019)



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2018

### Taxa de câmbio (2010 - 2018 YTD)



#### Legenda

Taxa de câmbio: AKZ/ USD

Fonte: BNA

### Taxa de inflação

Após o aumento registado em 2016, a taxa de inflação estabilizou nos 32%.

Segundo previsões do FMI, a taxa de inflação da economia angolana deverá seguir uma trajectória descendente, alcançando os 28% em 2018 e 17% em 2019.

### Taxa de câmbio

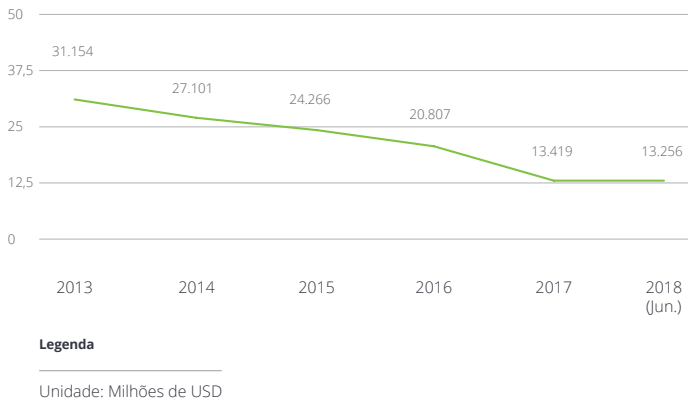
O ano de 2017 ficou marcado pela estabilidade da taxa de câmbio oficial do Kwanza face ao Dólar norte-americano.

No início de 2018 entrou em vigor o novo regime cambial, tendo sido definida uma banda de flutuação para o Kwanza. Adicionalmente, o BNA procedeu à alteração da moeda de referência cambial para o Euro, lugar até então detido pelo dólar norte-americano.

Ao longo do primeiro semestre do ano foi registada uma desvalorização significativa do Kwanza face ao Dólar norte-americano e ao Euro. Em junho de 2018 a taxa de câmbio do Kwanza face ao Dólar norte-americano encontrava-se nos 248. Adicionalmente, note-se que a diferença cambial entre o mercado oficial e o mercado paralelo permanece substancial.

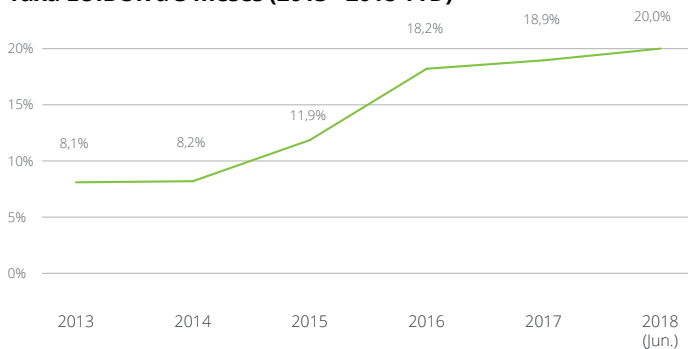


### Reservas internacionais líquidas (2013 - 2018 YTD)



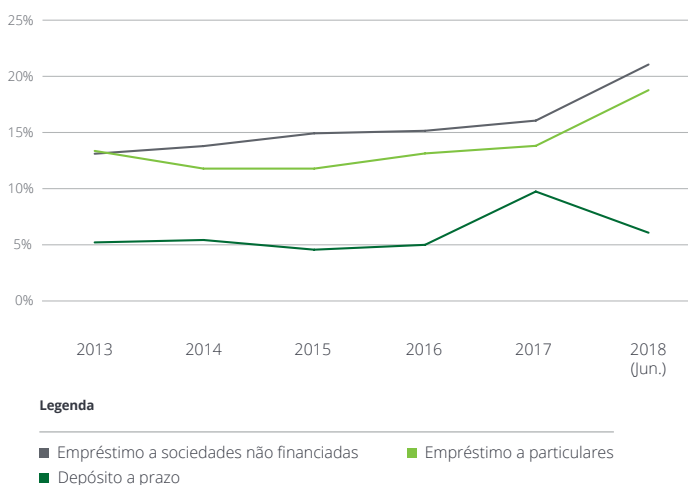
Fonte: BNA

### Taxa LUIBOR a 3 meses (2013 - 2018 YTD)



Fonte: BNA

### Taxa de Juro (2013 - 2018 YTD)



Fonte: BNA

### Reservas internacionais líquidas

Durante o ano de 2017, continuou a verificar-se a descida das reservas internacionais líquidas, algo que se verifica desde 2013.

No entanto, o ritmo de diminuição das reservas internacionais líquidas abrandou desde inícios de 2018, mantendo-se em cerca de 13 mil milhões de USD em Junho deste ano.

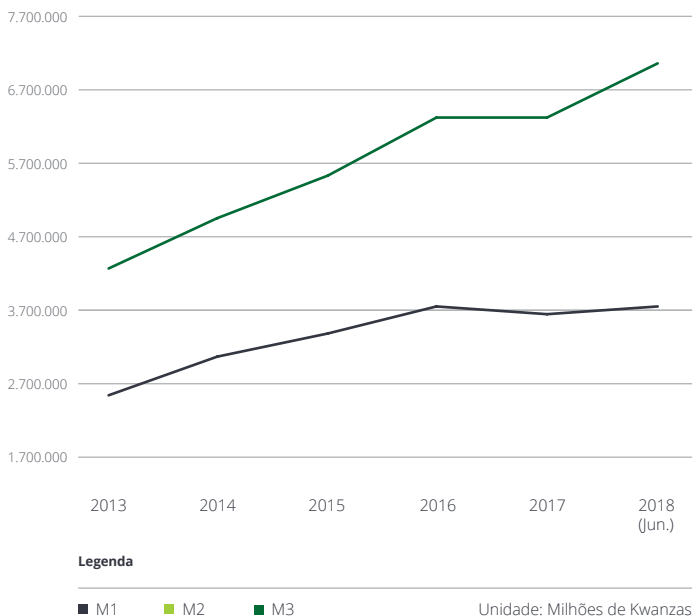
### Taxas de juro

Numa tentativa de reforçar a resposta ao aumento da taxa de inflação, o BNA procedeu a um novo ajustamento da taxa directora do Banco Central, aumentando a taxa para 18% em Dezembro 2017 (anteriormente, 16% desde Junho de 2016). De igual modo, registaram-se aumentos na taxa de cedência de liquidez aos Bancos comerciais.

Consequentemente, a taxa LUIBOR a 3 meses registou um aumento semelhante, alcançando os 20% em meados de 2018.

A taxa de juro de empréstimos a sociedades não financeiras, bem como a particulares, sofreu uma subida acentuada desde finais de 2017, no seguimento do aumento da taxa BNA. Por outro lado, a taxa de juro dos depósitos a prazo registou um decréscimo em 2018, após um aumento significativo no ano anterior.

### Massa Monetária (2013 - 2018 YTD)



Fonte: BNA

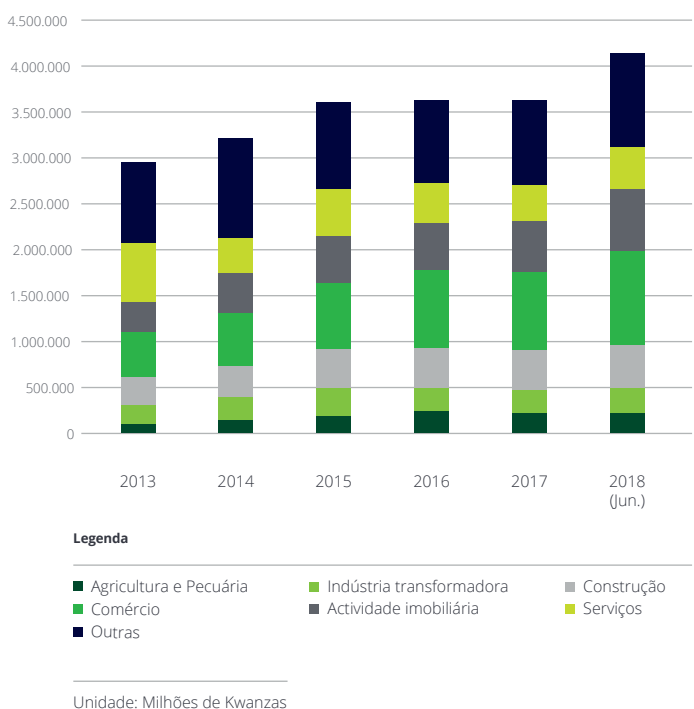
Nota: M2 e M3 apresentam valores muito próximos e não distinguíveis graficamente.

### Massa Monetária<sup>1</sup>

A massa monetária diminuiu 3% em 2017 face ao valor registado no ano anterior. Este decréscimo foi homogéneo entre os 3 agregados monetários.

Em sentido oposto, registou-se no início do ano de 2018 um aumento dos principais agregados monetários, particularmente do M2 e M3.

### Crédito à economia por sector de actividade (2013 - 2018 YTD)



Fonte: BNA

### Crédito à economia por sector de actividade

Registou-se, no ano de 2017, uma estagnação no crédito à economia, mantendo-se inalterada a sua estrutura por sector de actividade.

Em contraponto, verifica-se em 2018 um aumento do crédito à economia, particularmente com os maiores aumentos a registarem-se nos sectores do comércio, actividade imobiliária e serviços. Este crescimento segue em linha com a retoma iniciada pela economia angolana.

<sup>1</sup> A Massa Monetária é composta por M1, M2 e M3:

**M1 (Moeda):** compreende as notas e moedas em poder do público, mais os depósitos à ordem de empresas, de particulares e do governo local, em moeda nacional e moeda estrangeira.

**M2 (Moeda + quase Moeda):** M1 + os depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moeda nacional e estrangeira, mais outras obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares.

**M3 (Meios de Pagamento):** M2 + Outros Instrumentos Financeiros, representados pelos títulos do banco central em poder de entidades privadas, mais os Empréstimos e Acordos de Recompra, quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeiras privadas.

### Considerações finais e perspectivas futuras

Após um período de acentuados desafios económicos causados pela baixa do preço do petróleo desde 2014, a economia angolana sofreu uma recuperação ligeira em 2017.

A crise provocada pela descida do preço do petróleo levou à diminuição substancial das reservas internacionais líquidas. O BNA reagiu aumentando a taxa de juro de referência, melhorando as perspectivas de estabilização, quer da taxa de inflação quer das reservas internacionais.

A retoma do preço do petróleo nos mercados internacionais, particularmente na segunda metade de 2017 e início de 2018, também permitiu uma maior estabilização da economia angolana. Apesar de os principais indicadores macroeconómicos continuarem frágeis, a retoma do preço do petróleo permitirá aumentar significativamente o ritmo de crescimento em 2018, segundo perspectivas do FMI.

Em termos estruturais, a economia angolana continua com uma considerável dependência do sector petrolífero e do preço desta matéria-prima nos mercados internacionais, muito embora tenha diversificado a sua estrutura económica nos últimos 5 anos, evoluindo de um peso deste sector na economia de 42% em 2013, para 19% em 2017.

No início de 2018, 44 das nações que constituem a União Africana (onde se inclui Angola) assinaram um acordo de livre comércio com vista à criação da Zona de Livre Comércio Continental, projectando-se que esta permita aumentar em mais de 50% as trocas comerciais entre países africanos até 2022.

Este acordo, que se encontra pendente de ratificação, criará a maior zona de comércio livre em termos do número de países abrangidos, potenciando todas as economias africanas.

As autoridades oficiais têm prestado interesse específico à abertura e diversificação da economia, lançando diversos projectos nos últimos anos neste âmbito. É expectável que este tema continue a atrair bastante foco do Executivo nos próximos anos.



# Estudo da Banca em Análise 2018

**Figura 1 – Bancos em actividade em 2017**

<b>Sigla</b>	<b>Nome</b>	<b>Ano de Início de actividade</b>
<b>BPC</b>	Banco de Poupança e Crédito, S.A.*	1977
<b>BCI</b>	Banco de Comércio e Indústria, S.A.*	1991
<b>BCGA</b>	Banco Caixa Geral Angola, S.A.	1993
<b>BFA</b>	Banco de Fomento Angola, S.A.	1993
<b>BAI</b>	Banco Angolano de Investimentos, S.A.	1997
<b>BCA</b>	Banco Comercial Angolano, S.A.	1999
<b>BSOL</b>	Banco Sol, S.A.	2001
<b>BE</b>	Banco Económico, S.A.	2002
<b>KEVE</b>	Banco KEVE, S.A.*	2003
<b>BMF</b>	Banco BAI Micro Finanças, S.A.*	2004
<b>BIC</b>	Banco BIC, S.A.	2005
<b>BDA</b>	Banco de Desenvolvimento de Angola, S.A.*	2007
<b>BNI</b>	Banco de Negócios Internacional, S.A.	2007
<b>BANC</b>	Banco Angolano de Negócios e Comércio, S.A. (*) (**)	2007
<b>VTB</b>	Banco VTB África, S.A.	2007
<b>BKI</b>	Banco Kwanza Investimento, S.A.*	2008
<b>FNB</b>	Finibanco Angola, S.A.	2008
<b>BCH</b>	Banco Comercial do Huambo, S.A.*	2010
<b>BVB</b>	Banco Valor, S.A.*	2010
<b>SBA</b>	Standard Bank de Angola, S.A.	2010
<b>SCBA</b>	Standard Chartered Bank de Angola, S.A.	2014
<b>YETU</b>	Banco YETU, S.A.*	2015
<b>BIR</b>	Banco de Investimento Rural, S.A.*	2015
<b>BPG</b>	Banco Prestígio, S.A.*	2015
<b>BMAIS</b>	Banco Mais, S.A. *	2015
<b>BCS</b>	Banco de Crédito do Sul, S.A.*	2015
<b>ATL</b>	Banco Millennium Atlântico, S.A.***	2016
<b>BOCLB</b>	Banco da China Limitada - Sucursal em Luanda*	2016
<b>BPT</b>	Banco Postal, S.A.*	2017

\* O Banco adoptou as Normas Internacionais de Contabilidade e Relato Financeiro (IAS/IFRS) no exercício de 2017.

\*\* As demonstrações financeiras deste Banco não foram obtidas e por este motivo o mesmo não foi considerado no Estudo.

\*\*\* Em 2016, o Banco Millennium Angola, S.A. e o Banco Privado Atlântico, S.A. fundiram-se, dando origem ao Banco Millennium Atlântico, S.A..

Fonte: BNA-Lista das Instituições Financeiras Bancárias autorizadas

**Figura 2 – Banco sem actividade iniciada em 2017**

<b>Sigla</b>	<b>Nome</b>
<b>ECO</b>	Ecobank de Angola, S.A.

Fonte: BNA-Lista das Instituições Financeiras Bancárias autorizadas

### Bases de Preparação do Estudo

A análise do sistema financeiro nacional resulta da compilação da informação pública disponibilizada pelos Bancos que actuam no mercado angolano e pelo Banco Nacional de Angola (BNA). Para efeitos de comparação, foram também recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, norte-americano, sul-africano e nigeriano.

Os valores agregados, salvo quando expressamente mencionado, resultam da informação do sistema financeiro disponibilizada pelo Banco Nacional de Angola.

O presente estudo inclui a informação financeira em base individual dos Bancos a operar em Angola durante o ano de 2017, com a excepção do Banco Angolano de Negócios e Comércio, S.A. que para além da indisponibilidade das respectivas Demonstrações Financeiras, o mesmo foi intervencionado pelo BNA em Junho de 2018 e encontra-se em processo de saneamento, de modo a repor a sustentabilidade financeira e operacional do Banco. Contudo, foi considerado o contributo do BANC na apresentação da informação consolidada do sector, mediante a informação agregada do sector bancário disponibilizada pelo BNA.

Na Figura 1, são apresentados os Bancos que se encontravam em actividade durante o ano de 2017, sendo que na Figura 2 é apresentado o Ecobank de Angola, S.A., Instituição autorizada pelo BNA a operar em Angola, mas que em 2017 não registou qualquer actividade. No decurso de Julho de 2018, o BNA informou que a licença do Ecobank caducou devido ao incumprimento reiterado do prazo legal para o início da sua actividade.

Ao longo do Estudo, são apresentados vários *rankings* relacionados com a informação financeira dos Bancos. Importa destacar que para os Bancos identificados na Figura 1 cuja data de adopção plena das Normas Internacionais de Contabilidade e Relato Financeiro (IAS/IFRS) ocorreu no exercício de 2017, foi efectuada uma comparação entre os exercícios de 2016 e 2017 na qual a informação financeira é baseada em dois referenciais contabilísticos distintos (Plano Contabilístico das Instituições Financeiras - CONTIF e IAS/IFRS), com as respectivas limitações associadas.

Adicionalmente, os valores apresentados referentes ao exercício de 2016 foram retirados dos Relatórios e Contas com referência a 31 de Dezembro de 2016, não tendo sido considerados os saldos reexpressos de 2016 presentes nos Relatórios e Contas com referência a 31 de Dezembro de 2017 dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS durante o exercício de 2017.

## Introdução

O ano de 2017 ficou marcado pela eleição de um novo governo que tem vindo a introduzir um conjunto de reformas políticas e económicas para fazer face à queda das receitas petrolíferas e aos desequilíbrios macroeconómicos vigentes. O objectivo geral do governo que tomou posse da liderança dos destinos no País é o de alcançar (i) a estabilidade macroeconómica, (ii) criar um ambiente económico conducente ao crescimento económico e à criação de emprego e (iii) resolver os principais problemas sociais, prestando especial atenção ao desenvolvimento do sector não petrolífero. Neste contexto, foi implementado um conjunto de políticas de curto prazo que visam (i) corrigir os desequilíbrios existentes no mercado cambial e na balança comercial, (ii) promover a consolidação fiscal, (iii) garantir a sustentabilidade da dívida pública e (iv) controlar a inflação.

Em alinhamento com as políticas económicas e sociais introduzidas pelo novo governo, no início de Janeiro de 2018, o BNA deixou de fixar a taxa de câmbio do Kwanza face ao Dólar norte-americano, tendo procedido à adopção de um regime cambial flutuante, permitindo que a taxa de câmbio seja determinada pelas transacções que ocorrem nos leilões de venda de moeda estrangeira realizados no mercado primário, dentro de uma banda pré-definida pelo BNA.

Com vista à redução da liquidez no sistema financeiro e a manutenção de uma política monetária de carácter restritivo, em 2017 o BNA voltou a aumentar a taxa de juro de referência, tendo a mesma registado um incremento de 16% para 18%. Adicionalmente, no final de 2017, foi publicado o Instrutivo n.º 06/2017, pelo BNA, relativo às Reservas Obrigatórias, com o intuito de actualizar e tornar mais eficientes as normas referentes ao seu apuramento e cumprimento perante o contexto macroeconómico do País. Assim, e mesmo tendo em consideração que o coeficiente de Reservas Obrigatórias reduziu de 30% para 21%, as novas regras levaram a um aumento efectivo deste coeficiente, em virtude de ter sido eliminada a possibilidade de suprir 2/3 da exigibilidade das Reservas Obrigatórias em moeda nacional com Dívida Pública Angolana.

Adicionalmente, o ano de 2017 foi também marcado pela conclusão do processo de adopção plena das IAS/IFRS pelo sector bancário. Este processo conduzido pelo BNA foi um passo muito importante para alinhar o sistema financeiro nacional com as melhores práticas internacionais a nível de referencial contabilístico e irá permitir uma maior comparabilidade entre as demonstrações financeiras dos Bancos que actuam no mercado angolano e as demonstrações financeiras dos Bancos que actuam em outros mercados financeiros internacionalmente reconhecidos.

## Meios Electrónicos de Pagamento

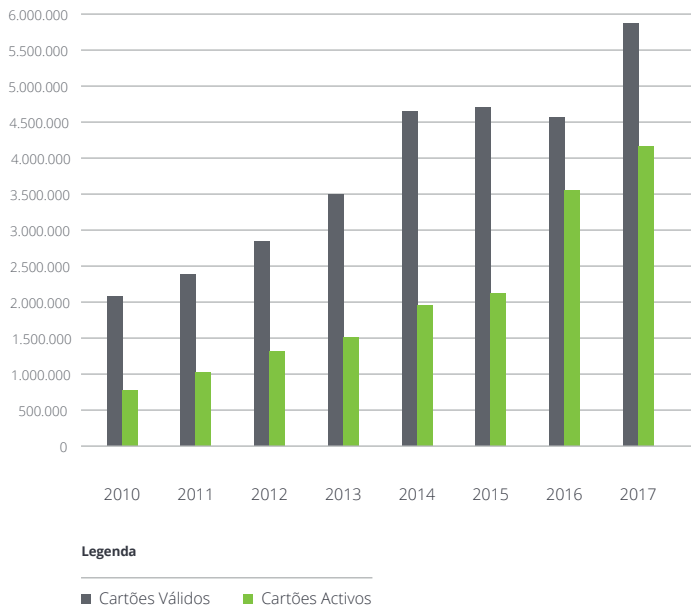
Em 2017, a utilização de Meios Electrónicos de Pagamento no mercado nacional manteve a tendência crescente verificada nos últimos anos. O número de Cartões Multicaixa Activos<sup>1</sup> aumentou de aproximadamente 3,6 milhões em 2016 para 4,2 milhões em 2017, enquanto que os Cartões Multicaixa Válidos<sup>2</sup> registaram um aumento de 4,6 milhões em 2016 para 5,9 milhões em 2017, de acordo com os dados divulgados pela Empresa Interbancária de Serviços, S.A. (EMIS).

No que concerne à Rede de Terminais, o número de Caixas Automáticas (ATM) e Terminais de Pagamento Automático (TPA) registaram um crescimento de 4% e 14%, respectivamente. O número de ATM aumentou de 2.911 em 2016 para 3.026 em 2017 e o número de TPA cresceu para 77.244 terminais em 2017 face a 67.496 em 2016. Relativamente ao número de transacções, em 2017 registou-se um crescimento global de 24% face a 2016, sendo que as transacções realizadas em ATM cresceram 21% e as transacções efectuadas em TPA cresceram aproximadamente 35%.

<sup>1</sup> Cartões Multicaixa Activos: Cartões com pelo menos uma operação nos últimos 6 meses.

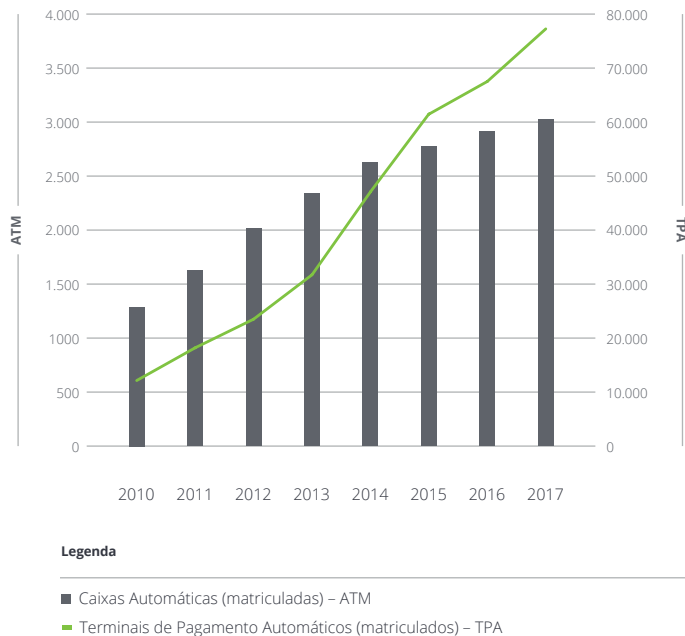
<sup>2</sup> Cartões Multicaixa Válidos: Cartões emitidos não cancelados e que estão dentro do prazo de validade.

**Figura 3 – Cartões Multicaixa**



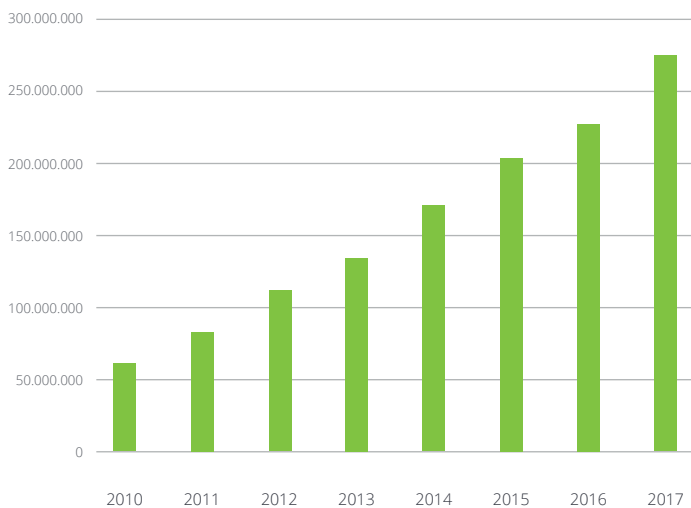
Fonte: EMIS

**Figura 4 – Rede de Terminais**



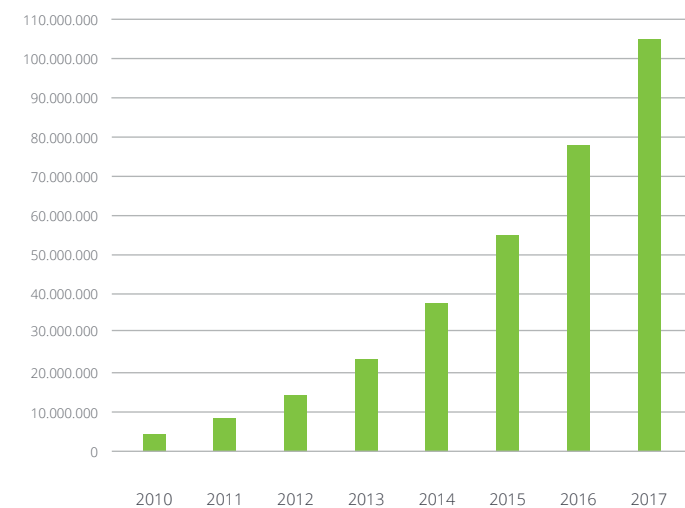
Fonte: EMIS

**Figura 5 – Transacções realizadas em ATM**



Fonte: EMIS

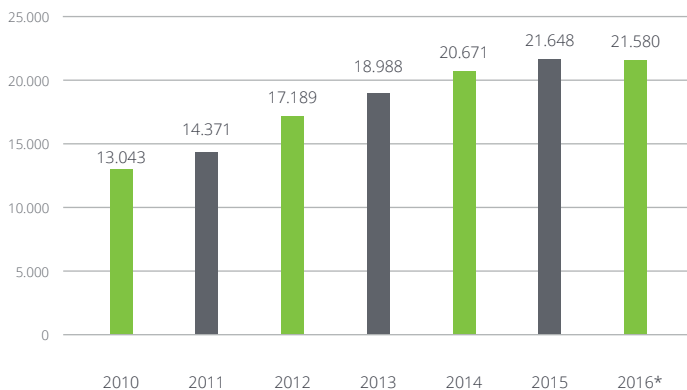
**Figura 6 – Transacções realizadas em TPA**



Fonte: EMIS



**Figura 7 – Evolução do número de colaboradores**



Fonte: Associação Angolana de Bancos (ABANC) (2010-2015); Relatórios e Contas dos Bancos referentes a 2016 (2016)  
 \* Nesta análise não foram incluídos o BMAIS e o VTB por indisponibilidade de informação.

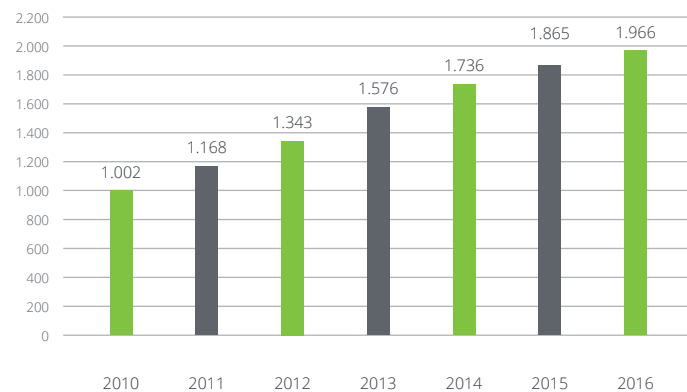
**Balcões e Colaboradores**

Em 2016, verificou-se uma ligeira diminuição de 0,3% (de 21.648 colaboradores em 2015 para 21.580 colaboradores em 2016) do número de colaboradores afectos ao sector bancário. Em contrapartida, o número de balcões registou um crescimento de 5% (de 1.865 balcões em 2015 para 1.966 em 2016).

Tal como se pode verificar na Figura 9, a qual reflecte a dispersão geográfica dos balcões existentes em 2016, as províncias de Luanda (53%), Benguela (8%) e Huíla (5%) são as que apresentavam mais balcões, concentrando cerca de 65% dos balcões existentes a nível nacional.

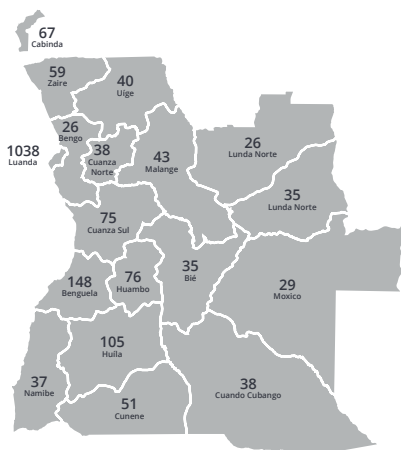
Em 2016, o nível de concentração geográfica dos balcões existentes em Luanda, Benguela e Huíla ascendeu a 66%, pelo que se assistiu a uma ligeira diminuição da concentração geográfica de balcões nestas províncias face ao total de balcões existentes a nível nacional.

**Figura 8 – Evolução do número de balcões**



Fonte: ABANC

**Figura 9 – Dispersão geográfica dos balcões em 2016**



Fonte: ABANC

### Nota prévia à informação financeira sobre o sector bancário a apresentar

#### Processo de adopção plena das IAS/IFRS

No exercício de 2013, o Banco Nacional de Angola deu início ao processo de adopção plena das IAS/IFRS, tal como emitidas pelo *International Accounting Standards Board* (IASB), visando a integração da República de Angola no conjunto de países que exigem/permitem a aplicação das IAS/IFRS e promovendo, entre outros aspectos, o cumprimento das recomendações das Instituições Financeiras Internacionais (nomeadamente, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial), uma maior comparabilidade e transparência das demonstrações financeiras dos Bancos no mercado internacional e a melhoria contínua da informação prestada aos utilizadores das demonstrações financeiras.

Para o efeito, o BNA realizou um levantamento dos temas de maior relevância para o sector bancário e/ou que apresentavam maiores divergências entre o CONTIF e as IAS/IFRS, tendo este levantamento resultado na publicação de um conjunto de normativos que visaram servir como guias de implementação prática. Neste sentido, foi publicado o Aviso n.º 06/2016, de 22 de Junho (Aviso n.º 06/2016), sobre a adopção plena das IAS/IFRS que estabelece os princípios gerais a serem observados neste processo. Este Aviso determinou que a adopção das IAS/IFRS será efectuada por referência, não sendo, por conseguinte, necessária a reprodução das IAS/IFRS na regulamentação emitida pelo BNA, ou a realização de um qualquer processo de endosso destas Normas pelo BNA. Adicionalmente, foi vedada aos Bancos a possibilidade de adopção antecipada das IAS/IFRS e/ou das interpretações emitidas pelo IASB antes das respectivas datas de entrada em vigor.

Adicionalmente, o Aviso n.º 06/2016 definiu um calendário faseado para o processo de adopção plena das IAS/IFRS pelos Bancos, o qual tem subjacente um conjunto de critérios que podiam ou não resultar na adopção plena das IAS/IFRS pelos Bancos no exercício de 2016, designadamente:

- Bancos com um total de activo em base individual, apurado no final do exercício de 2015, superior a trezentos mil milhões de Kwanzas;
- Bancos com valores mobiliários admitidos à cotação num mercado regulamentado;
- Bancos subsidiários de entidades com valores mobiliários admitidos à cotação num mercado regulamentado;
- Bancos subsidiários de entidades sedeadas no estrangeiro;
- Bancos sedeados no território nacional com subsidiárias sedeadas no estrangeiro; e
- Bancos subsidiários de Instituições sedeadas no território nacional que cumpram com algum dos critérios dispostos nas alíneas anteriores.

Neste contexto, os Bancos que em 31 de Dezembro de 2015 cumprissem com pelo menos um dos critérios acima descritos deveriam adoptar as IAS/IFRS no exercício de 2016, podendo os restantes Bancos adoptar aquelas normas até ao exercício de 2017.

Apresentamos de seguida na Figura 10 o detalhe dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2016, sendo que os Bancos que constam da Figura 11 são os que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017.

**Figura 10 – Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2016**

Sigla	Designação
ATL	Banco Millennium Atlântico, S.A.
BAI	Banco Angolano de Investimentos, S.A.
BCA	Banco Comercial Angolano, S.A.
BCGA	Banco Caixa Geral de Angola, S.A.
BE	Banco Económico, S.A.
BFA	Banco de Fomento Angola, S.A.
BIC	Banco BIC, S.A.
BNI	Banco de Negócios Internacional, S.A.
BSOL	Banco Sol, S.A.
FNB	Finibanco Angola, S.A.
SBA	Standard Bank de Angola, S.A.
SCBA	Standard Chartered Bank de Angola, S.A.
VTB	Banco VTB África, S.A.

**Figura 11 – Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017**

Sigla	Designação
BANC	Banco Angolano de Negócios e Comércio, S.A.
BCH	Banco Comercial do Huambo, S.A.
BCI	Banco de Comércio e Indústria, S.A.
BCS	Banco de Crédito do Sul, S.A.
BDA <sup>1</sup>	Banco de Desenvolvimento de Angola, S.A.
BIR	Banco de Investimento Rural, S.A.
BKI	Banco Kwanza Investimento, S.A.
BMAIS	Banco Mais, S.A.
BMF <sup>1</sup>	Banco BAI Micro Finanças, S.A.
BOCLB	Banco da China Limitada - Sucursal em Luanda
BPC <sup>1</sup>	Banco de Poupança e Crédito, S.A.
BPG	Banco Prestígio, S.A.
BPT	Banco Postal de Angola, S.A.
BVB	Banco Valor, S.A.
KEVE	Banco Keve, S.A.
YETU	Banco Yetu, S.A.

<sup>1</sup> Estes Bancos cumpriam com pelo menos um dos critérios definidos pelo BNA para a adopção das IAS/IFRS no exercício de 2016, no entanto apenas adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017.

Decorrente do processo de adopção plena das IAS/IFRS, foi necessária a realização de ajustamentos de transição originados pela aplicação inicial dos novos princípios contabilísticos, conforme definido na IFRS 1 – Adopção pela primeira vez das IFRS e no Instrutivo n.º 20/2016, de 06 de Setembro, que define que os Bancos devem divulgar nas primeiras demonstrações financeiras de acordo com as IAS/IFRS a seguinte informação:

- reconciliação entre os capitais próprios relatados de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites anteriores e os capitais próprios de acordo com as IAS/IFRS, com referência:
  - à data do balanço de abertura de acordo com as IAS/IFRS; e
  - a 31 de Dezembro do ano anterior àquele em que procedam à adopção das IAS/IFRS.
- reconciliação do resultado integral segundo as IFRS para o exercício anterior àquele em que procedam à adopção das IAS/IFRS. A base desta reconciliação deve ser o resultado líquido do exercício apurado de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites anteriores para o mesmo período.

Neste âmbito, iremos apresentar de seguida um resumo dos ajustamentos de transição apurados pelos Bancos que adoptaram o novo referencial contabilístico nos exercícios de 2016 e 2017, tendo por base os Relatórios e Contas respeitantes ao respectivo exercício de adopção.

No que respeita aos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2016, foi obtida a totalidade dos Relatórios e Contas dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS nesse exercício. Relativamente aos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2017, o quadro de ajustamentos tem por base os Relatórios e Contas de 9 dos 16 Bancos que adoptaram as IAS/IFRS nesse exercício (BCH, BCS, BDA, BKI, BMF, BPC, BOCLB, BVB e KEVE), por indisponibilidade de informação do BANC, BCI, BMAIS, BIR, BPG e YETU. O BPT iniciou a sua actividade apenas em 2017, razão pela qual não apresentou quaisquer ajustamentos de transição no seu Relatório e Contas.

**Figura 12 – Reconciliação entre os capitais próprios relatados de acordo com o CONTIF e os capitais próprios de acordo com as IAS/IFRS (Balanço de abertura)**

Descrição	Total	
	Exercício de adopção das IAS/IFRS – 2016*	Exercício de adopção das IAS/IFRS – 2017**
<b>Capital Próprio de acordo com o CONTIF a 1 de Janeiro de 2015*/2016**</b>	<b>503.313.796</b>	<b>209.772.693</b>
Imparidade para o crédito a clientes	-7.119.894	-77.491.777
Aplicação da taxa efectiva à carteira de crédito a clientes	-6.737.695	4.412.231
Aplicação da taxa efectiva à carteira de títulos e valores mobiliários	137.958	-139.710
Aplicação da taxa efectiva à carteira de depósitos a prazo de clientes	-753.227	0
Aplicação da taxa efectiva a passivos subordinados	-47.178	0
Reconhecimento de juros relativos a operações de crédito com atraso superior a 90 dias	0	75.225.553
Mensuração ao justo valor no reconhecimento inicial de títulos e valores mobiliários	0	-4.821.578
Anulação de activos tangíveis e intangíveis não elegíveis para capitalização	-221.672	-5.857.443
Reclassificação do Fundo Social	-10.325	0
Imparidade em contas a receber	0	-2.404.860
Reclassificação de ganhos de exercícios anteriores	0	7.584.212
Impostos diferidos decorrentes dos ajustamentos de transição	3.626.184	3.214
Outros ajustamentos não especificados	0	21.335
<b>Total dos ajustamentos reportados</b>	<b>-11.125.849</b>	<b>-12.293.285</b>
<b>Capital Próprio de acordo com as IAS/IFRS a 1 de Janeiro de 2015*/2016**</b>	<b>492.187.947</b>	<b>197.479.408</b>
Total dos ajustamentos como uma % do Capital Próprio de acordo com o CONTIF	-2,21%	-5,86%

(Valores expressos em milhares de Kwanzas)

**Figura 13 – Reconciliação entre o resultado líquido do exercício de 2015\*/2016\*\* relatado de acordo com o CONTIF e o resultado líquido do exercício de acordo com as IAS/IFRS**

Descrição	Total	
	Exercício de adopção das IAS/IFRS – 2016*	Exercício de adopção das IAS/IFRS – 2017**
<b>Resultado Líquido do Exercício de acordo com o CONTIF</b>	<b>129.747.014</b>	<b>-33.220.551</b>
Imparidade para o crédito a clientes	-5.285.510	1.040.941
Aplicação da taxa efectiva à carteira de crédito a clientes	-1.961.374	1.346.269
Aplicação da taxa efectiva à carteira de títulos e valores mobiliários	108.225	-213.922
Aplicação da taxa efectiva à carteira de depósitos a prazo de clientes	-4.435	0
Aplicação da taxa efectiva a passivos subordinados	-25.602	0
Reconhecimento de juros relativos a operações de crédito com atraso superior a 90 dias	0	9.725.572
Ajustamento resultante da reavaliação das OT's Indexadas ao USD	395.795	0
Mensuração ao justo valor no reconhecimento inicial de títulos e valores mobiliários	0	321.667
Anulação de activos tangíveis e intangíveis não elegíveis para capitalização	-302.599	-3.264.608
Anulação de reservas de reavaliação de activos tangíveis e intangíveis	-228.585	0
Imparidade em contas a receber	0	784.007
Resultados de operações cambiais	0	-533.555
Responsabilidades com pensões de benefício definido	0	6.736.877
Reclassificação de ganhos de exercícios anteriores	0	-7.584.212
Impostos diferidos decorrentes dos ajustamentos de transição	1.533.684	-3.695
Outros ajustamentos não especificados	0	-101.691
<b>Total dos ajustamentos reportados</b>	<b>-5.770.401</b>	<b>28.925.535</b>
<b>Resultado Líquido do Exercício de acordo com as IAS/IFRS</b>	<b>123.976.613</b>	<b>-4.295.016</b>
Total dos ajustamentos como uma % do RLE de acordo com o CONTIF	-4,45%	87,07%

(Valores expressos em milhares de Kwanzas)

\* Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2016.

\*\* Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017.

Fonte: Relatórios e Contas de 2016 dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS nesse exercício; Relatórios e Contas de 2017 dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS nesse exercício

### **Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2016**

A tipologia de ajustamento de transição mais significativa nos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2016 está relacionada com as perdas por imparidade no crédito a clientes, uma vez que a IAS 39 – Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração e o Instrutivo n.º 05/2016, de 8 de Agosto, sobre perdas por imparidade, definiu que a carteira de crédito deverá ser sujeita a testes de imparidade, em substituição das provisões regulamentares determinadas de acordo com o Aviso n.º 12/2014, de 10 de Dezembro, sobre constituição de provisões. Esta alteração levou a que os Bancos desenvolvessem metodologias de apuramento de perdas por imparidade, tendo como objectivo a avaliação regular da existência objectiva de imparidade, através da comparação do valor recuperável do crédito face ao seu valor registado no balanço. A aplicação retrospectiva desta realidade originou ajustamentos de transição negativos que ascenderam a 7.120 Milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2015.

Relativamente aos ajustamentos de transição associados às perdas por imparidade para a carteira de crédito sobre os resultados líquidos do exercício de 2015, os mesmos resultaram no apuramento de um ajustamento negativo, o qual ascendeu a 5.286 Milhões de Kwanzas.

Com a adopção plena das IAS/IFRS, para além do conceito de imparidade na carteira de crédito a clientes, foi ainda introduzido o conceito da taxa de juro efectiva, o qual tem como objectivo o reconhecimento de rendimentos e gastos ao longo do período de vigência do respectivo activo ou passivo financeiro. Refira-se, no entanto, que uma parte significativa das Instituições referiram nos seus Relatórios e Contas a impossibilidade de implementação em tempo útil de soluções informáticas para o cálculo dos rendimentos e gastos através do método da taxa de juro efectiva, tendo sido reportado que os ajustamentos têm por base o seu diferimento linear de acordo com o período remanescente dos activos ou passivos financeiros. A aplicação da taxa de juro efectiva à carteira de crédito a clientes resultou no apuramento de um ajustamento de transição negativo, o qual ascendeu a 6.738 Milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2015.

No que diz respeito aos ajustamentos de transição associados à aplicação da taxa de juro efectiva na carteira de crédito a clientes sobre os resultados líquidos do exercício de 2015, os mesmos resultaram num impacto negativo que ascendeu a 1.961 Milhões de Kwanzas. Adicionalmente, registaram-se também ajustamentos de transição, embora de montante menos significativo, na aplicação da taxa de juro efectiva à carteira de títulos e valores mobiliários, os depósitos a prazo de clientes e passivos subordinados, os quais representaram um impacto líquido negativo de 78 Milhões de Kwanzas sobre os resultados líquidos do exercício de 2015 de acordo com o CONTIF.

Com o reconhecimento dos ajustamentos de transição, foram também reconhecidos os respectivos ajustamentos por impostos diferidos. Admitindo que estes ajustamentos sejam aceites fiscalmente, os mesmos tiveram um impacto positivo de 3.626 Milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2015 e um impacto positivo sobre os resultados líquidos do exercício de 2015 de 1.534 Milhões de Kwanzas.

De forma global, os ajustamentos de transição sobre os capitais próprios dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2016 ascenderam a 11.126 Milhões de Kwanzas (-2,21% face aos capitais próprios com referência a 1 de Janeiro de 2015 relatados de acordo com o CONTIF). Relativamente aos ajustamentos de transição sobre os resultados líquidos do exercício de 2015, os mesmos totalizaram 5.770 Milhões de Kwanzas (-4,45% face aos resultados líquidos do exercício de 2015 relatados de acordo com o CONTIF).

### **Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017**

De acordo com a informação disponível, à semelhança do que se verificou para os Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2016, a tipologia de ajustamento de transição mais significativa nos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2017 está relacionada com as perdas por imparidade no crédito a clientes. A aplicação retrospectiva desta realidade originou, para os Bancos considerados na análise, ajustamentos de transição negativos que ascenderam a 77.492 milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2016. No que diz respeito aos ajustamentos de transição associados às perdas por imparidade para a carteira de crédito sobre os resultados líquidos do exercício de 2016, os mesmos resultaram no apuramento de um ajustamento positivo, o qual ascendeu a 21.713 milhões de Kwanzas.

A segunda tipologia de ajustamento de transição mais significativa nos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2017 está relacionada com o reconhecimento de juros relativos a operações de crédito com atraso superior a 90 dias. A aplicação retrospectiva desta realidade originou, para os Bancos considerados na análise, ajustamentos de transição positivos que ascenderam a 75.226 milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2018. Esta tipologia de ajustamento também teve um impacto positivo sobre os resultados do exercício de 2016, o qual ascendeu a 9.726 milhões de Kwanzas. O total dos ajustamentos reportados relativamente a esta tipologia é exclusivamente referente ao BPC, não tendo os restantes Bancos que adoptaram as IAS/IFRS em 2017 reportado quaisquer ajustamentos relativos a esta realidade.

A aplicação da taxa de juro efectiva à carteira de crédito a clientes resultou no apuramento de um ajustamento de transição negativo, o qual ascendeu a 4.412 milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2016 para os Bancos considerados na análise. Também se registaram ajustamentos de transição, ainda que de montantes relativamente reduzidos, na aplicação da taxa de juro efectiva à carteira de títulos e valores mobiliários, os quais representaram um impacto negativo de 140 milhões de Kwanzas com referência a 1 de Janeiro de 2016 para os Bancos considerados na análise.

No que diz respeito aos ajustamentos de transição associados à aplicação da taxa de juro efectiva na carteira de crédito a clientes sobre os resultados líquidos do exercício de 2016, os mesmos resultaram num impacto positivo que ascendeu a 1.346 milhões de Kwanzas. Por outro lado, também se registaram ajustamentos de transição, embora não significativos, na aplicação da taxa de juro efectiva à carteira de títulos e valores mobiliários, os quais representaram um impacto negativo de 214 milhões de Kwanzas sobre os resultados líquidos do exercício de 2016 de acordo com o CONTIF.

Para além dos ajustamentos referidos anteriormente, foram apurados ajustamentos de transição significativos relacionados com a mensuração ao justo valor no reconhecimento inicial de títulos e valores mobiliários, anulação de activos tangíveis e intangíveis não elegíveis para capitalização e imparidades em contas a receber, os quais ascenderam a ajustamentos negativos de 4.822 milhões de Kwanzas, 5.857 milhões de Kwanzas, 2.405 milhões de Kwanzas, respectivamente, sobre os capitais próprios com referência a 1 de Janeiro de 2016. Estas tipologias de ajustamentos representaram um impacto líquido negativo de 2.159 milhões de Kwanzas sobre os resultados líquidos do exercício de 2016.

Adicionalmente, registaram-se ajustamentos de transição respeitantes a responsabilidades com pensões de benefício definido, os quais resultaram num impacto positivo de 6.737 milhões de Kwanzas sobre os resultados líquidos do exercício de 2016. Também foram registados ajustamentos de transição relacionados com a reclassificação de ganhos de exercícios anteriores, os quais resultaram num impacto negativo de 7.584 milhões de Kwanzas sobre os resultados líquidos do exercício de 2016 e um impacto positivo do mesmo montante sobre os capitais próprios com referência a 1 de Janeiro de 2016.

Por último, registaram-se ajustamentos de transição relacionados com impostos diferidos decorrentes dos ajustamentos de transição e outros ajustamentos não especificados, os quais representaram um impacto líquido negativo de 105 milhões de Kwanzas sobre os resultados líquidos do exercício de 2016. Paralelamente, estas tipologias de ajustamentos representaram um impacto líquido positivo de 25 milhões de Kwanzas sobre os capitais próprios dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017.

De forma global, os ajustamentos de transição sobre os capitais próprios dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017 ascenderam a 12.293 milhões de Kwanzas (-6% face aos capitais próprios com referência a 1 de Janeiro de 2016 relatados de acordo com o CONTIF). Relativamente aos ajustamentos de transição sobre os resultados líquidos do exercício de 2016, os mesmos totalizaram 28.926 milhões de Kwanzas (+87% face aos resultados líquidos do exercício de 2016 relatados de acordo com o CONTIF).

Caso não fossem considerados os ajustamentos de transição reportados pelo BPC no presente estudo, os ajustamentos de transição sobre os capitais próprios dos Bancos que adoptaram as IAS/IFRS no exercício de 2017 ascenderiam a 23.309 milhões de Kwanzas (-31% face aos capitais próprios com referência a 1 de Janeiro de 2016 relatados de acordo com o CONTIF). Relativamente aos ajustamentos de transição sobre os resultados líquidos do exercício de 2016, os mesmos totalizariam 21.085 milhões de Kwanzas (+567% face aos resultados líquidos do exercício de 2016 relatados de acordo com o CONTIF), o que demonstra o peso deste Banco nos ajustamentos de transição reportados, tanto sobre os capitais próprios com referência a 1 de Janeiro de 2016, como sobre os resultados líquidos do exercício de 2016.

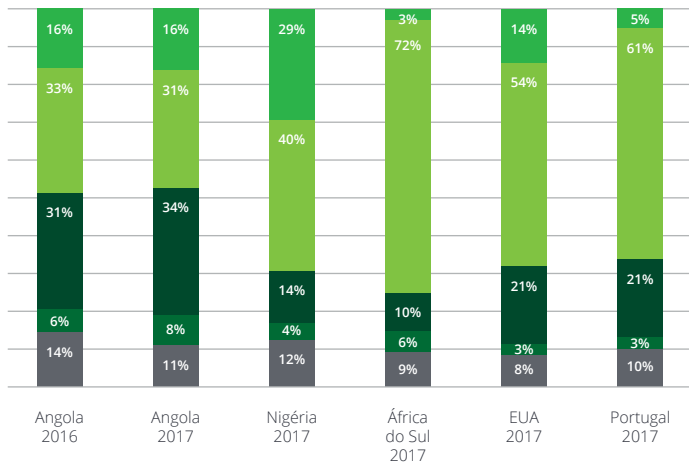
## Conclusão

De acordo com a informação disponível, entendemos que globalmente a avaliação do processo de introdução das novas regras contabilísticas é bastante positiva, num contexto em que era previsível que seria um processo exigente tanto para os Bancos, bem como para os outros actores relevantes, tais como o BNA e os auditores externos. Não obstante, existe ainda um caminho a percorrer, em áreas como a sistematização de processos e procedimentos, a actualização dos regulamentos internos e a conclusão dos investimentos em aplicações informáticas, nomeadamente em matérias relacionadas com as perdas por imparidade para a carteira de crédito e o método da taxa de juro efectiva no reconhecimento de rendimentos e gastos de instrumentos financeiros.

Relativamente ao processo de reconhecimento internacional, em Setembro de 2014, a *IFRS Foundation* publicou no seu sítio da *internet* o perfil de Angola no que concerne à adopção das IAS/IFRS, o qual foi entretanto actualizado em Setembro de 2015, tratando-se de marcos muito relevantes neste processo.

Por último, importa destacar que o processo de adopção plena das IAS/IFRS não se esgota no respectivo exercício de adopção, constituindo antes um desafio contínuo para todos os intervenientes no processo, sendo que estes deverão assegurar que os requisitos adoptados encontram-se em conformidade com o estabelecido pelo IASB, pelo BNA e pelas melhores práticas internacionais nestas matérias.

**Figura 14 – Estrutura de Activos**

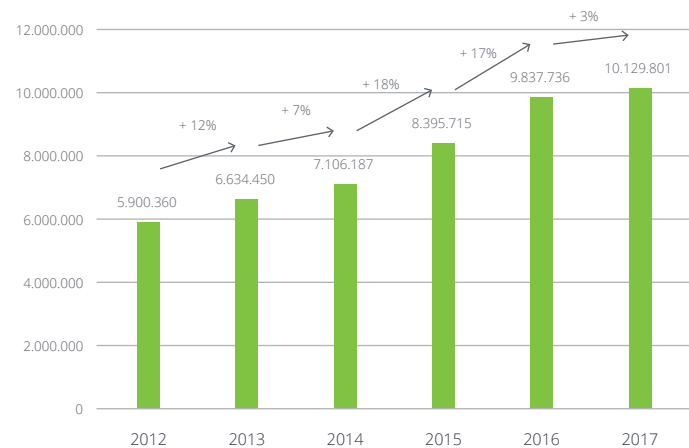


**Legenda**

- Caixa e disponibilidades
- Crédito sobre clientes
- Títulos e valores mobiliários
- Outros activos remunerados
- Outros valores

Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 15 – Evolução do Total de Activos**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Estrutura de Activos**

Com base nas Demonstrações Financeiras disponíveis dos Bancos alvo deste Estudo, o peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos em 2017 foi de 31%, o que corresponde a uma redução de 2 pontos percentuais face ao ano de 2016. Adicionalmente, continua a verificar-se que o peso do crédito na estrutura global de activos fica aquém de valores registados em mercados mais maduros, de que constituem exemplos a África do Sul, os Estados Unidos da América ou Portugal.

**Activos Totais**

**Visão Agregada**

O valor total dos activos dos Bancos em análise ascendeu a 10.129.801 milhões de Kwanzas no final do exercício de 2017, o que correspondeu a um crescimento de 3% face a 2016, constituindo por conseguinte um ritmo de crescimento bastante inferior ao verificado no ano de 2016, o qual ascendeu a 17%.

O valor total dos activos dos Bancos tem vindo a apresentar uma clara tendência de crescimento desde 2012, tendo-se verificado um aumento entre 2012 e 2017 de cerca de 72%.



**Figura 16 – Ranking Total de Activos**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BPC	1.855.500	1	BPC	1.691.128
2	BFA	1.443.064	2	BAI	1.365.685
3	BAI	1.369.307	3	BFA	1.312.880
4	ATL	1.069.661	4	BE	1.103.824
5	BIC	1.011.991	5	BIC	1.027.033
6	BE	920.656	6	ATL	948.454
7	BSOL	475.276	7	BSOL	396.783
8	BDA	369.026	8	SBA	367.805
9	SBA	317.824	9	BDA	322.953
10	BCGA	295.159	10	BCGA	313.252
11	BNI	266.795	11	BNI	258.806
12	BCI	176.139	12	BCI	184.527
13	KEVE	151.007	13	KEVE	140.687
14	FNB	77.738	14	FNB	84.327
15	VTB	53.222	15	SCBA	48.134
16	SCBA	44.968	16	BANC	46.358
17	BCA	42.695	17	BCA	43.920
18	BVB	38.737	18	VTB	40.158
19	BCS	35.918	19	BVB	33.625
20	BCH	29.367	20	BCH	19.884
21	BPG	19.235	21	BKI	19.804
22	BKI	17.287	22	BPG	18.525
23	YETU	11.851	23	YETU	12.012
24	BPT	10.333	24	BCS	11.778
25	BOCLB	8.887	25	BOCLB	9.912
26	BMF	8.808	26	BMF	8.397
27	BIR	5.396	27	BIR	4.347
28	BMAIS	3.953	28	BMAIS	2.738

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Activos Totais

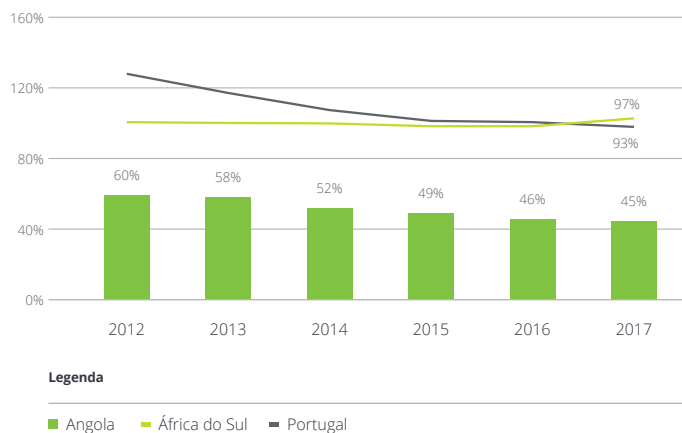
### Posição relativa dos Bancos

Na posição relativa entre os cinco maiores Bancos do mercado angolano, o BPC continua a liderar a lista com um activo total de 1.855.500 milhões de Kwanzas, seguido pelo BFA, BAI, ATL e BIC.

Em 2017 verificou-se que a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu algumas alterações, uma vez que o BFA passou a ser o 2.º Banco com maior activo total, tendo relegado o BAI para a 3.ª posição. Destaque ainda para a entrada do ATL para a lista dos 5 maiores Bancos do mercado angolano ao nível do activo total, que relegou o BE para a 6.ª posição do *ranking*.

Adicionalmente, no final de 2017, os cinco maiores Bancos representam 66,6% do total do activo dos Bancos em estudo e o seu activo registou um aumento de cerca de 4% face ao ano anterior. Em 2016, este mesmo indicador ascendeu a 66%, pelo que se assistiu a um ligeiro aumento da concentração do total de activos no exercício de 2017.

**Figura 17 – Crédito Líquido sobre Depósitos**



Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 18 – Ranking Rácio de transformação (Crédito líquido/ depósitos totais)**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BPC	112%	1	BPC	103%
2	ATL	49%	2	BSOL	65%
3	BSOL	48%	3	KEVE	65%
4	KEVE	48%	4	ATL	60%
5	BCI	46%	5	BANC	55%
6	BCA	44%	6	BCS	51%
7	FNB	40%	7	BCI	50%
8	BNI	38%	8	FNB	44%
9	BCGA	36%	9	BNI	41%
10	BIC	36%	10	BCGA	41%
11	BAI	34%	11	BCA	39%
12	BE	27%	12	BIC	36%
13	BVB	22%	13	BAI	33%
14	BFA	18%	14	BE	24%
15	BIR	14%	15	BVB	22%
16	SBA	13%	16	BFA	22%
17	BCS	10%	17	SBA	15%
18	YETU	4%	18	BIR	6%
19	BMF	3%	19	YETU	4%
20	BPG	2%	20	BMF	4%
21	BCH	1%	21	BPG	2%
22	BKI	1%	22	BCH	2%
23	BMAIS	0%	23	VTB	0%
24	BPT	0%	24	SCBA*	0%
25	VTB	0%	25	BKI*	0%
26	BOCLB*	0%	26	BMAIS*	0%
27	SCBA*	0%	27	BOCLB*	0%
28	BDA**	n.a.	28	BDA**	n.a.

\* Bancos sem qualquer operação de crédito.

\*\* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

### Crédito Líquido sobre Depósitos

#### Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em análise, em 2017 verificou-se uma redução do crédito líquido superior à redução dos depósitos, o que levou a uma redução de 1 ponto percentual do rácio de transformação entre 2016 e 2017, tendo este rácio assumido os valores de 46% e 45%, respectivamente.

Adicionalmente, é possível verificar que existe uma diferença significativa, de cerca de 50 pontos percentuais, entre o sector bancário nacional e os mercados mais maduros, como por exemplo África do Sul e Portugal, no que diz respeito ao rácio de Crédito Líquido sobre Depósitos.

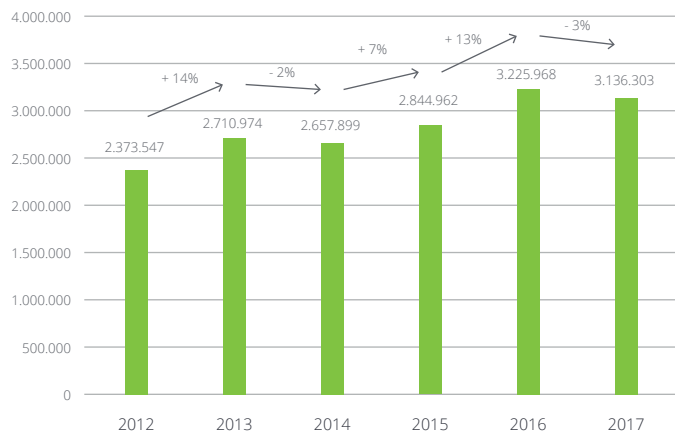
Importa destacar que caso não fosse considerado o BPC neste rácio, o sector bancário nacional teria um rácio de transformação de 34% e 36% em 2017 e 2016, respectivamente.

#### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, os cinco Bancos que apresentaram o maior rácio de transformação foram o BPC, o ATL, o BSOL, o KEVE e o BCI, tendo sido apurado um rácio de transformação de 112%, 49%, 48%, 48% e 46%, respectivamente.

Ainda relativamente a este rácio, importa destacar que o BPC apresentou um crescimento de 9 pontos percentuais face ao ano de 2016, tendo contrariado a tendência de redução deste indicador que se verificou no sector bancário nacional, fruto da redução do crédito concedido em 2017.

**Figura 19 – Evolução do Crédito Líquido a Clientes**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

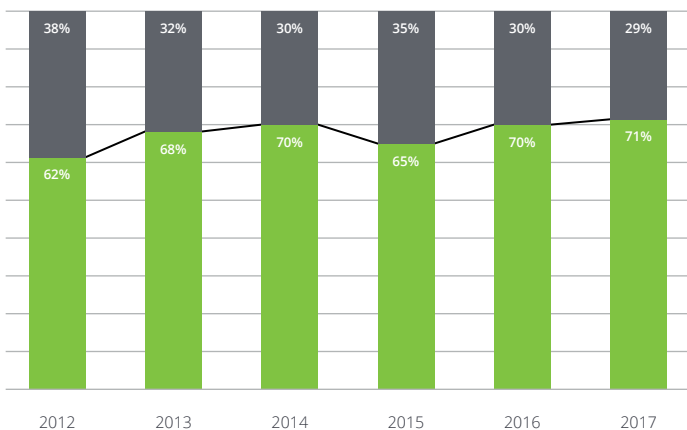
## Crédito

### Visão Agregada

Considerando os Bancos analisados, o total de crédito líquido ascendeu a 3.136.303 milhões de Kwanzas, o que corresponde a uma redução de 3% face ao ano de 2016.

A evolução do valor total do crédito líquido concedido pelos Bancos tem vindo a apresentar um comportamento misto desde 2012, tendo-se verificado um aumento entre 2012 e 2017 a rondar os 32%, maioritariamente justificado pelo crescimento verificado entre 2012 e 2013 (cerca de 14%) e entre 2015 e 2016 (cerca de 13%).

**Figura 20 – Estrutura de Créditos por Moeda**



#### Legenda

■ Moeda Nacional ■ Moeda Estrangeira

Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Março de 2018

A repartição do crédito por moeda nacional e estrangeira manteve a sua tendência de composição, tendo-se verificado um ligeiro aumento de 1 ponto percentual do peso relativo da moeda nacional face ao ano de 2016.

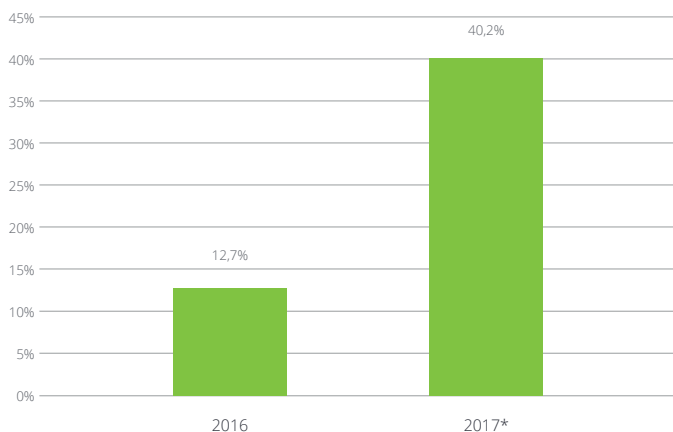
De notar que os créditos contratados após Junho de 2011 que sejam indexados ou denominados em moeda estrangeira podem ser reembolsados pelos clientes em Kwanzas, de acordo com o disposto no Aviso n.º 3/2012, de 28 de Março, do Banco Nacional de Angola.

**Figura 21 – Ranking Crédito Líquido a Clientes**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BPC	1.130.072	1	BPC	1.052.180
2	ATL	395.713	2	ATL	447.041
3	BAI	369.345	3	BAI	379.864
4	BIC	284.438	4	BIC	304.320
5	BFA	194.809	5	BFA	235.311
6	BE	178.836	6	BSOL	189.006
7	BSOL	173.459	7	BE	163.997
8	BNI	89.940	8	BCGA	98.957
9	BCGA	82.005	9	BNI	93.485
10	KEVE	56.016	10	KEVE	58.102
11	BDA	53.415	11	BCI	50.429
12	BCI	47.105	12	SBA	50.231
13	SBA	35.070	13	BDA	42.709
14	FNB	22.740	14	FNB	27.035
15	BCA	12.367	15	BANC	11.709
16	BVB	6.777	16	BCA	10.982
17	BCS	2.634	17	BVB	6.367
18	BIR	552	18	BCS	2.995
19	YETU	345	19	YETU	339
20	BPG	296	20	BMF	240
21	BMF	165	21	BCH	236
22	BCH	112	22	BPG	234
23	BKI	64	23	BIR	167
24	VTB	14	24	VTB	30
25	BPT	10	25	BKI	0
26	BMAIS	4	26	BMAIS	0
27	BOCLB	0	27	SCBA	0
28	SCBA	0	28	BOCLB	0

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 22 – Rácio de Crédito Vencido**



\* Bancos incluídos na análise: ATL, BAI, BCA, BCGA, BCH, BCS, BDA, BE, BFA, BIC, BKI, BMF, BNI, BOCLB, BPC, BPG, BPT, BVB, FNB, KEVE, SBA, SCBA e VTB.

Fonte: Relatórios e Contas dos Bancos

## Crédito

### Posição Relativa dos Bancos

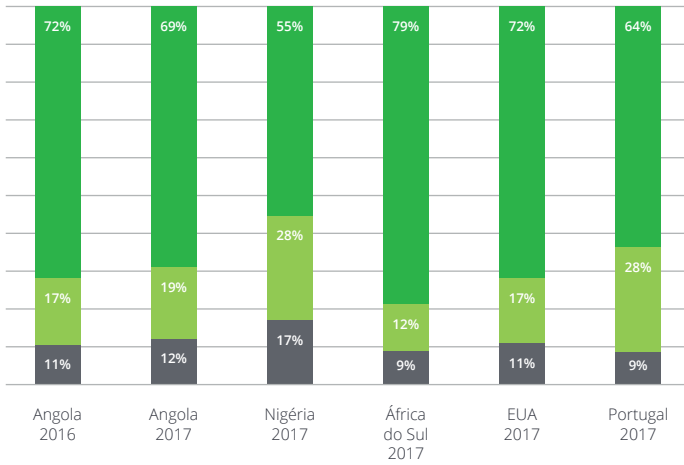
No que se refere ao posicionamento relativo do grupo dos cinco Bancos com maior volume de crédito líquido concedido, em 2017 manteve-se tudo constante face ao período homólogo anterior, tendo o BPC, o ATL, o BAI, o BIC e o BFA ocupado a 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª posições do *ranking*, respectivamente.

Adicionalmente, no final de 2017, os cinco maiores Bancos representam 75,7% do total do total do crédito líquido a clientes concedido pelos Bancos em estudo. Em 2016, este mesmo indicador ascendeu a 75%, pelo que se assistiu a um ligeiro aumento da concentração do crédito concedido no exercício de 2017.

No que se refere ao rácio de crédito vencido, e de acordo com as Demonstrações Financeiras em análise, registou-se um aumento significativo para os 40,2% em 2017, sendo que em 2016 este rácio foi de cerca de 12,7%.

Caso não fosse considerado o BPC neste rácio, observar-se-ia um rácio de crédito vencido de 8,2% e 17,0% em 2016 e 2017, respectivamente.

**Figura 23 - Estrutura de *Funding***



**Legenda**

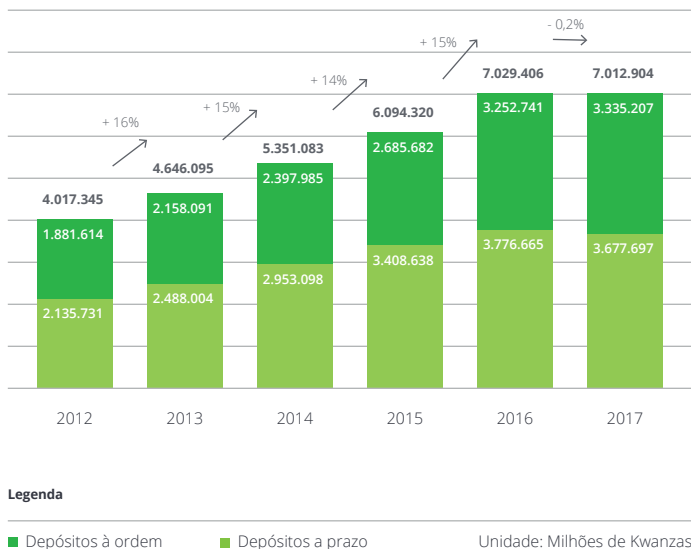
- Depósitos de clientes
- Outros passivos
- Fundos próprios

Fonte: : Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Estrutura de *Funding***

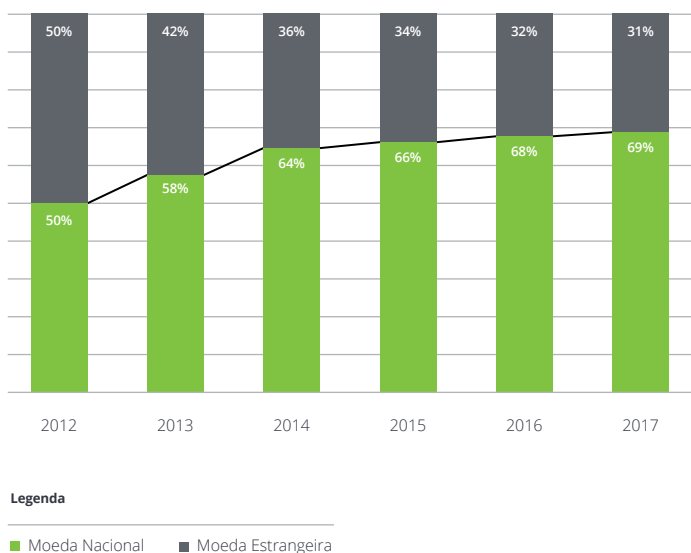
Na estrutura de *funding* do activo as alterações foram pouco significativas, tendo-se verificado uma ligeira diminuição do peso dos depósitos de clientes, de 72% para 69%, a qual foi compensada por ligeiros aumentos dos pesos relativos das restantes fontes de financiamento, inclusive dos fundos próprios.

**Figura 24 – Evolução dos Depósitos por Natureza**



Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Março de 2018

**Figura 25 – Estrutura dos Depósitos por Moeda**



Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Março de 2018

### Depósitos de Clientes

#### Visão Agregada

De acordo com a informação disponibilizada pelo BNA, o valor total dos depósitos no sector bancário nacional era cerca de 7.013 mil milhões de Kwanzas no final de 2017, o que representa uma redução de 0,2% face a 2016.

O valor total dos depósitos captados pelos Bancos tem vindo a apresentar um crescimento acentuado desde 2012, tendo-se verificado um aumento entre 2012 e 2017 de cerca de 75%.

No que se refere à composição dos depósitos por natureza, o valor dos depósitos à ordem situa-se acima dos 3.677 mil milhões de Kwanzas, representando cerca de 52% do total de depósitos, enquanto os depósitos a prazo ultrapassam os 3.335 mil milhões de Kwanzas.

De acordo com dados publicados pelo BNA, o peso dos depósitos em moeda nacional manteve a sua tendência de crescimento em detrimento da moeda estrangeira, embora com um ritmo menos acelerado nos últimos anos, passando os depósitos em moeda nacional a representar 69% dos depósitos totais, o que corresponde a um aumento de 1 ponto percentual face ao ano de 2016.

Esta tendência de distribuição dos depósitos por moeda resulta do processo gradual de “desdolarização” da economia angolana.

**Figura 26 – Ranking Depósitos de Clientes**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	1.092.660	1	BAI	1.137.304
2	BFA	1.058.241	2	BFA	1.079.750
3	BPC	1.008.949	3	BPC	1.022.046
4	ATL	801.366	4	BIC	850.433
5	BIC	787.235	5	ATL	741.991
6	BE	651.834	6	BE	670.437
7	BSOL	359.267	7	SBA	337.729
8	SBA	265.658	8	BSOL	289.039
9	BNI	234.333	9	BCGA	243.522
10	BCGA	226.363	10	BNI	227.358
11	KEVE	116.267	11	BCI	101.211
12	BCI	101.470	12	KEVE	89.264
13	FNB	57.090	13	FNB	61.506
14	SCBA	36.705	14	SCBA	41.567
15	BVB	31.411	15	BVB	28.987
16	VTB	31.131	16	BCA	28.120
17	BCA	28.267	17	VTB	24.774
18	BCS	26.186	18	BANC	21.365
19	BCH	15.729	19	BKI	16.011
20	BPG	13.850	20	BCH	11.776
21	BKI	11.561	21	BPG	9.878
22	YETU	8.815	22	YETU	8.634
23	BPT	6.701	23	BMF	6.542
24	BMF	5.212	24	BCS	5.860
25	BIR	4.031	25	BIR	2.788
26	BMAIS	2.230	26	BMAIS	1.892
27	BDA	182	27	BDA	0
28	BOCLB	0	28	BOCLB	0

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Depósitos de Clientes

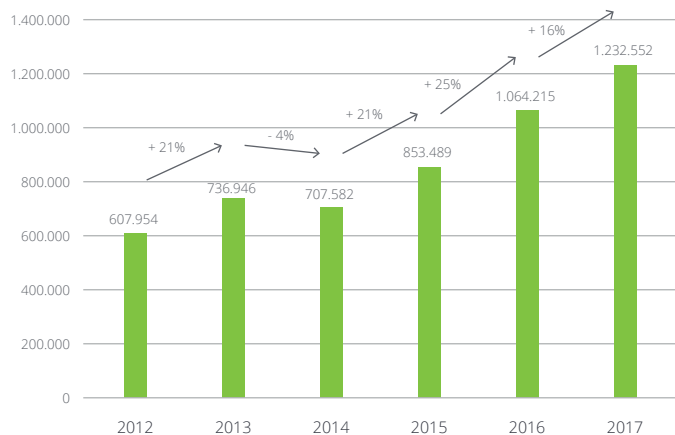
### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita aos depósitos captados, embora tenha havido uma redução de cerca de 4% dos mesmos no BAI, a Instituição manteve a liderança conquistada em 2016, com um total captado de cerca de 1.092.660 milhões de Kwanzas.

À semelhança do ocorrido em 2016, o BFA e o BPC mantiveram as suas posições de 2.º e 3.º maiores Bancos em termos de depósitos captados. Adicionalmente, em 2017 verificou-se que a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu uma ligeira alteração, uma vez que o ATL passou a ser o 4.º Banco com mais depósitos captados, tendo relegado o BIC para a 5.ª posição.

Por último, no final de 2017, os cinco maiores Bancos representam 68% do total dos depósitos captados pelos Bancos em estudo e os seus depósitos registaram uma diminuição de cerca de 2% face ao ano anterior. Em 2016, este mesmo indicador ascendeu a 68,4%, pelo que se assistiu a uma ligeira diminuição da concentração dos depósitos captados no exercício de 2017.

**Figura 27 – Evolução dos Capitais Próprios**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 28 – Ranking Capitais Próprios**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	217.422	1	BFA	173.022
2	BAI	195.743	2	BPC	171.927
3	BPC	170.290	3	BAI	167.490
4	ATL	128.539	4	ATL	115.498
5	BIC	118.442	5	BIC	112.969
6	BDA	72.608	6	BDA	55.579
7	BCGA	52.991	7	BCGA	51.374
8	BE	48.413	8	BE	42.439
9	SBA	37.858	9	BSOL	29.653
10	BSOL	35.873	10	SBA	18.633
11	BCI	26.556	11	BCI	17.356
12	BNI	18.237	12	BNI	16.580
13	KEVE	16.296	13	KEVE	14.637
14	FNB	13.246	14	FNB	12.194
15	BCA	11.977	15	BCA	10.403
16	BCH	11.027	16	BOCLB	9.872
17	VTB	10.780	17	VTB	8.576
18	BOCLB	8.795	18	BCH	7.021
19	BCS	7.811	19	BCS	5.081
20	BVB	6.590	20	SCBA	4.602
21	BKI	5.285	21	BVB	4.340
22	SCBA	5.234	22	BANC	3.752
23	YETU	2.715	23	BKI	3.623
24	BPT	2.659	24	YETU	3.000
25	BMF	2.460	25	BPG	2.021
26	BPG	2.168	26	BIR	1.476
27	BIR	1.294	27	BMAIS	594
28	BMAIS	1.245	28	BMF	502

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Capitais Próprios

### Visão Agregada

O valor total dos capitais próprios dos Bancos em análise ascendeu a 1.233 mil milhões de Kwanzas no final do exercício de 2017, o que correspondeu a um reforço dos capitais próprios por parte do sector bancário nacional, de cerca de 16% face a 2016.

O valor total dos capitais próprios dos Bancos tem vindo a apresentar uma clara tendência de crescimento desde 2012, tendo-se verificado um aumento entre 2012 e 2017 a rondar os 103%.

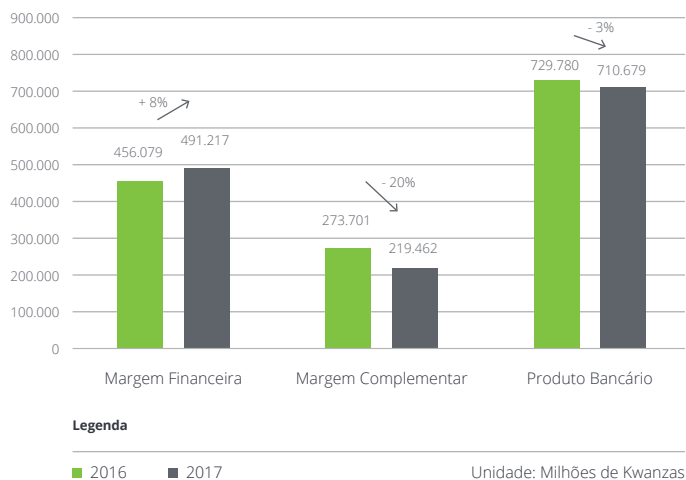
### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita aos capitais próprios, verificou-se que o BFA manteve a sua posição de liderança face a 2016, tendo apresentado um total de capitais próprios de 217.422 milhões de Kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 26% comparativamente ao ano de 2016.

Ainda relativamente aos capitais próprios, importa salientar que a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu uma ligeira alteração, uma vez que o BAI passou a ser o 2.º Banco com o valor de capitais próprios mais elevado, tendo relegado o BPC para a 3.ª posição do *ranking*. Adicionalmente, verificou-se que o ATL e o BIC mantiveram-se na 4.ª e 5.ª posições, tendo apresentado capitais próprios totais de 128.539 e 118.442 milhões de Kwanzas, respectivamente.



**Figura 29 – Componentes do Produto Bancário**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 30 – Ranking Produto Bancário**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	138.295	1	BPC	110.541
2	BAI	111.642	2	BFA	96.688
3	ATL	83.830	3	BAI	95.644
4	BIC	79.166	4	BIC	88.749
5	BPC	50.903	5	ATL	84.214
6	BSOL	41.228	6	BDA	58.358
7	SBA	33.809	7	BSOL	37.596
8	BE	27.924	8	BCGA	26.244
9	BCGA	26.417	9	SBA	22.088
10	BCI	21.409	10	KEVE	21.462
11	BNI	19.218	11	BNI	17.893
12	KEVE	17.103	12	BCI	16.844
13	VTB	11.432	13	BE	12.813
14	FNB	7.157	14	VTB	7.585
15	BCA	6.420	15	FNB	7.465
16	BCH	5.983	16	BCA	7.383
17	BCS	5.967	17	BCH	4.182
18	BDA	5.053	18	BVB	3.923
19	BVB	4.333	19	SCBA	2.422
20	SCBA	3.201	20	BKI	2.316
21	BKI	3.043	21	BPG	1.694
22	BPG	2.301	22	YETU	1.365
23	YETU	1.751	23	BCS	1.187
24	BMF	1.481	24	BMF	749
25	BIR	776	25	BIR	299
26	BPT	727	26	BOCLB	38
27	BMAIS	212	27	BMAIS	23
28	BOCLB	-100	28	BANC	16

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Produto Bancário

### Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo, a margem financeira no final de 2017 ascendeu a 491.217 milhões de Kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 8% face a 2016. A margem complementar no final de 2017 fixou-se em 219.462 milhões de Kwanzas, o que correspondeu a uma diminuição de cerca de 20% face a 2016. Esta diminuição significativa da margem complementar levou a uma redução de 3% no produto bancário em 2017, que passou de 729.780 milhões de Kwanzas em 2016 para 710.679 milhões de Kwanzas em 2017.

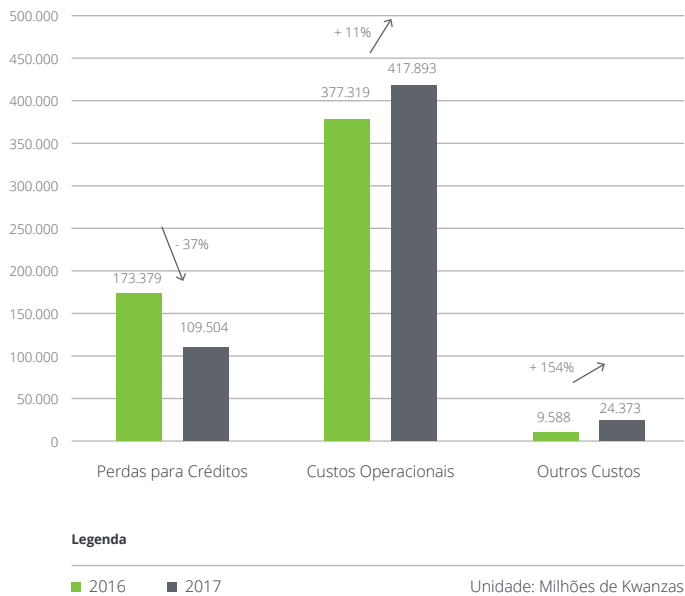
### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita a este indicador, verificou-se que o BFA atingiu a liderança em 2017, tendo apresentado um total de produto bancário de 138.295 milhões de Kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 43% comparativamente ao ano de 2016.

Ainda relativamente ao produto bancário, importa salientar que a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu várias alterações, uma vez que o BAI passou a ser o 2.º Banco com o produto bancário mais elevado, subindo uma posição no *ranking* face a 2016. O ATL também registou uma subida no *ranking*, passando da 5.ª posição em 2016 para a 3.ª posição em 2017.

Adicionalmente, verificou-se que o BIC manteve a 4.ª posição no *ranking*, tendo apresentado um produto bancário de 79.166 milhões de Kwanzas. Por outro lado, o BPC teve uma evolução negativa em relação ao produto bancário (o qual registou uma redução superior a 50% face a 2016), passando da 1.ª posição alcançada em 2016 para a 5.ª posição do *ranking* em 2017.

**Figura 31 – Custos operacionais, perdas para créditos e outros custos**



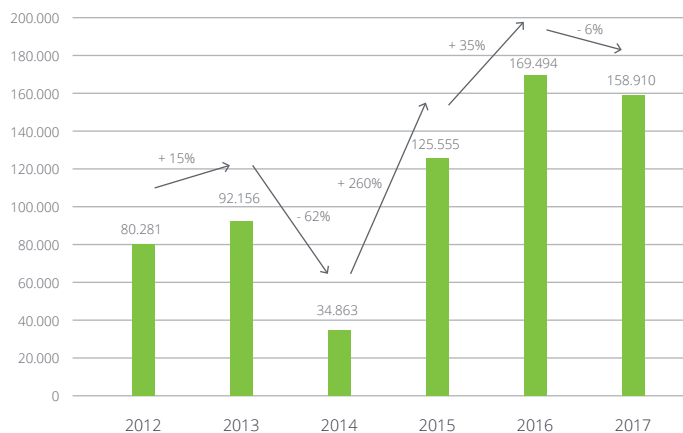
**Custos operacionais, perdas para créditos e outros custos**

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo, as dotações líquidas de perdas para créditos registaram uma redução de cerca de 37% face a 2016, tendo em 2017 atingido o montante de 109.504 milhões de Kwanzas, comparativamente aos 173.379 milhões de Kwanzas de 2016.

Os custos operacionais no ano de 2017 ascenderam a 417.893 milhões de Kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 11% face a 2016. Os outros custos registaram um aumento significativo de 154%, em 2017, relacionado com o aumento dos impostos sobre os resultados correntes entre 2016 e 2017.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 32 – Evolução dos Resultados Líquidos**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

**Figura 33 – Ranking Resultados Líquidos**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	69.085	1	BFA	61.713
2	BAI	54.704	2	BAI	49.741
3	BIC	34.253	3	BIC	33.663
4	ATL	23.829	4	ATL	24.898
5	SBA	17.028	5	BCGA	12.372
6	BSOL	9.172	6	BSOL	9.223
7	BCGA	7.656	7	SBA	7.878
8	VTB	6.665	8	VTB	3.811
9	BE	6.012	9	BCA	3.144
10	BCH	4.005	10	BCH	2.652
11	BCS	2.840	11	KEVE	2.489
12	FNB	2.251	12	BMF	2.003
13	KEVE	2.076	13	FNB	1.942
14	BNI	2.003	14	BNI	1.731
15	BCA	1.983	15	BKI	1.143
16	BVB	1.666	16	BVB	1.055
17	BKI	1.662	17	BCI	507
18	BCI	663	18	SCBA	181
19	SCBA	571	19	BPG	36
20	BMF	315	20	BOCLB	-88
21	BPG	278	21	YETU	-326
22	YETU	160	22	BCS	-373
23	BIR	-182	23	BIR	-494
24	BOCLB	-1.022	24	BMAIS	-1.251
25	BMAIS	-1.661	25	BANC	-1.724
26	BPT	-4.320	26	BE	-4.329
27	BDA	-9.683	27	BDA	-12.604
28	BPC	-73.100	28	BPC	-29.499

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas)

## Resultados Líquidos

### Visão Agregada

O total do resultado líquido do sector bancário nacional registou uma redução para cerca de 158.910 milhões de Kwanzas em 2017, o que representa uma diminuição de cerca de 6% face a 2016. Esta redução é maioritariamente explicada pelos resultados líquidos negativos avultados apresentados pelo BPC que se agravaram em cerca de 43.609 milhões de Kwanzas face a 2016, fixando-se num prejuízo de 73.100 milhões de Kwanzas em 2017.

### Posição Relativa dos Bancos

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos que foram objecto do presente Estudo, em 2017 verificou-se apenas uma mudança nas posições dos cinco maiores Bancos no que se refere ao montante dos Resultados Líquidos, com o SBA a ocupar a 5.ª posição do *ranking*, após o crescimento de 116% atingido em 2017, tendo o BCGA caído para a 7.ª posição.

À semelhança do que ocorreu em 2016, o BFA continuou a ser a Instituição que reportou resultados mais elevados em termos absolutos, seguido do BAI, BIC e do ATL, respectivamente. Destaque ainda para o crescimento dos resultados líquidos reportados pelo BFA e BAI, que registaram um aumento de 11,9% e 10%, respectivamente, face a 2016.

**Figura 34 – Indicadores de Rentabilidade**

Indicadores de Rentabilidade	2017	2016	2015	2014	2013
Margem Financeira em % dos activos	4,9%	5,1%	4,0%	4,0%	4,0%
Retorno dos Activos Médios (ROAA)	1,6%	1,9%	2,0%	2,0%	1,0%
Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE)	13,8%	18,3%	15,0%	14,0%	14,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 35 – Ranking Margem Financeira em % dos activos**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BKI	9,0%	1	BSOL	8,6%
2	SBA	8,4%	2	BPG	8,5%
3	KEVE	8,2%	3	BCA	8,1%
4	BFA	7,8%	4	KEVE	7,9%
5	BCA	7,5%	5	ATL	7,6%
6	BCGA	7,3%	6	BVB	7,3%
7	BCH	7,3%	7	YETU	7,2%
8	YETU	7,2%	8	BKI	6,8%
9	ATL	6,7%	9	BCS	6,8%
10	FNB	6,6%	10	BCGA	6,7%
11	SCBA	6,6%	11	BCH	6,4%
12	BIC	6,5%	12	FNB	6,2%
13	BMF	6,4%	13	BIC	5,8%
14	BAI	5,9%	14	BAI	5,8%
15	BPG	5,9%	15	SCBA	5,7%
16	BIR	5,6%	16	BFA	5,3%
17	BVB	5,2%	17	BPC	5,2%
18	BCI	4,6%	18	BCI	4,9%
19	BNI	4,5%	19	SBA	4,8%
20	BCS	4,2%	20	BDA	4,7%
21	BPC	3,2%	21	BNI	3,8%
22	BSOL	3,0%	22	VTB	2,7%
23	BPT	2,7%	23	BIR	2,3%
24	BMAIS	2,3%	24	BMF	2,3%
25	VTB	1,2%	25	BMAIS	0,8%
26	BE	1,1%	26	BOCLB	0,0%
27	BOCLB	0%	27	BE	-0,3%
28	BDA	-5,0%	28	BANC	-3,6%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Rentabilidade

### Visão Agregada

No ano de 2017, o peso da Margem Financeira sobre os Activos e o Retorno dos Activos Médios (ROAA) dos Bancos analisados reduziram face ao ano de 2016, cerca de 0,2 pontos percentuais e 0,3 pontos percentuais, respectivamente.

Relativamente ao Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE), este indicador registou uma redução em 2017, tendo o mesmo diminuído cerca de 4 pontos percentuais.

Caso não fosse considerado o BPC na presente análise, o sector bancário nacional teria registado um Retorno dos Activos Médios de 2,8% e 2,7% em 2017 e 2016, respectivamente. No caso do ROAE, este indicador passaria para 23,7% e 25,5% em 2017 e 2016, respectivamente.

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, os cinco Bancos que apresentaram os indicadores mais elevados no que se refere ao peso da Margem Financeira sobre os Activos foram o BKI, o SBA, o KEVE, o BFA e o BCA, tendo o BKI apresentado um valor de 9% para este rácio ao passo que o SBA, o KEVE e o BFA apresentaram valores de 8,4%, 8,2% e 7,8%, respectivamente. O BCA ficou na 5.ª posição com um valor de 7,5%.

**Figura 36 – Ranking Retorno dos Activos Médios (ROAA)**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCH	16,3%	1	BMF	24,3%
2	VTB	14,3%	2	BCH	16,4%
3	BCS	11,9%	3	VTB	12,0%
4	BKI	9,0%	4	BCA	6,9%
5	BFA	5,0%	5	BKI	5,3%
6	SBA	5,0%	6	BFA	4,9%
7	BVB	4,6%	7	BAI	4,0%
8	BCA	4,6%	8	BCGA	3,9%
9	BAI	4,0%	9	BVB	3,7%
10	BMF	3,7%	10	ATL	3,4%
11	BIC	3,4%	11	BIC	3,4%
12	FNB	2,8%	12	BSOL	2,5%
13	BCGA	2,5%	13	SBA	2,4%
14	ATL	2,4%	14	FNB	2,3%
15	BSOL	2,1%	15	KEVE	1,8%
16	BPG	1,5%	16	BNI	0,7%
17	KEVE	1,4%	17	SCBA	0,5%
18	YETU	1,3%	18	BCI	0,3%
19	SCBA	1,2%	19	BPG	0,3%
20	BNI	0,8%	20	BE	-0,4%
21	BE	0,6%	21	BPC	-1,9%
22	BCI	0,4%	22	YETU	-3,9%
23	BDA	-2,8%	23	BANC	-4,0%
24	BIR	-3,7%	24	BDA	-4,0%
25	BPC	-4,1%	25	BCS	-5,0%
26	BOCLB	-5,9%	26	BOCLB	-10,6%
27	BPT*	-41,8%	27	BIR	-17,0%
28	BMAIS	-49,6%	28	BMAIS	-48,8%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita ao Retorno dos Activos Médios (ROAA), verificaram-se alterações relevantes na posição relativa dos Bancos entre 2016 e 2017, com o BCH e o VTB a passarem da 2.ª e 3.ª posições em 2016 para a 1.ª e 2.ª posições do ranking em 2017, respectivamente. Destaque ainda para o BCS que se encontra na 3.ª posição do ranking em 2017, tendo registado uma evolução notável, já que em 2016 ocupava a 25.ª posição do ranking.

O BKI registou uma subida de um lugar no ranking, passando a ocupar em 2017, a 4.ª posição. O ranking dos 5 maiores bancos a nível deste indicador fica completo com o BFA, que em 2016 ocupava o 6.º lugar.

Por outro lado, o BMF registou uma descida muito significativa, já que em 2016 ocupava a 1.ª posição, tendo caído para a 10.ª posição em 2017.

**Figura 37 – Ranking Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE)**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	VTB	68,9%	1	VTB	57,1%
2	SBA	60,3%	2	SBA	49,0%
3	BCH	44,4%	3	BCH	45,7%
4	BCS	44,0%	4	BFA	41,2%
5	BKI	37,3%	5	BKI	37,5%
6	BFA	35,4%	6	BCA	35,4%
7	BVB	30,5%	7	BSOL	34,6%
8	BAI	30,1%	8	BAI	34,0%
9	BIC	29,6%	9	BIC	31,2%
10	BSOL	28,0%	10	ATL	29,8%
11	BMF	21,3%	11	BVB	27,7%
12	ATL	19,5%	12	BCGA	25,9%
13	BCA	17,7%	13	KEVE	18,6%
14	FNB	17,7%	14	FNB	17,3%
15	BCGA	14,7%	15	BNI	8,7%
16	KEVE	13,4%	16	SCBA	4,9%
17	BPG	13,3%	17	BCI	4,1%
18	BE	13,2%	18	BPG	1,8%
19	SCBA	11,6%	19	BE	-9,6%
20	BNI	11,5%	20	BCS	-10,6%
21	YETU	5,6%	21	BOCLB	-10,7%
22	BCI	3,0%	22	YETU	-11,4%
23	BOCLB	-5,9%	23	BPC	-19,2%
24	BIR	-13,1%	24	BDA	-26,2%
25	BDA	-15,1%	25	BANC	-36,1%
26	BPC	-42,7%	26	BIR	-38,6%
27	BPT*	-162,5%	27	BMAIS	-102,6%
28	BMAIS	-180,6%	28	BMF	-325,7%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à Rentabilidade dos Capitais Próprios Médios (ROAE), os quatro primeiros Bancos apresentaram um rácio superior a 40%, à semelhança do que aconteceu em 2016.

Os Bancos que ocupam as três primeiras posições em 2017 mantiveram-se inalterados face a 2016, sendo que o BCS alcançou a 4.<sup>a</sup> posição em 2017, tendo substituído o BFA, que caiu para a 6.<sup>a</sup> posição do ranking.

**Figura 38 – Indicadores de Eficiência**

Indicadores de Eficiência	2017	2016
<i>Cost-to-Income</i>	53%	46%
Custos operacionais (% Activos)	4,1%	5,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Figura 39 – Ranking Cost-to-income**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	VTB	17%	1	BDA	9%
2	BCH	17%	2	BCH	21%
3	BFA	24%	3	VTB	29%
4	BAI	35%	4	BAI	32%
5	BIC	36%	5	BFA	32%
6	BCS	40%	6	BIC	34%
7	BCGA	40%	7	BCGA	38%
8	BKI	44%	8	FNB	44%
9	SBA	46%	9	BCA	46%
10	ATL	47%	10	KEVE	49%
11	FNB	50%	11	BKI	50%
12	BCA	56%	12	ATL	52%
13	BVB	61%	13	SBA	59%
14	BSOL	66%	14	BNI	62%
15	KEVE	66%	15	BVB	63%
16	BNI	67%	16	BSOL	63%
17	SCBA	67%	17	BPC	65%
18	BE	68%	18	BCI	71%
19	BCI	71%	19	SCBA	92%
20	BPG	87%	20	BPG	97%
21	YETU	90%	21	BCS	118%
22	BMF	91%	22	YETU	122%
23	BDA	115%	23	BE	130%
24	BIR	118%	24	BMF	181%
25	BPC	172%	25	BIR	264%
26	BPT	s.s.*	26	BMAIS	s.s.*
27	BMAIS	s.s.*	27	BANC	s.s.*
28	BOCLB	s.s.*	28	BOCLB	s.s.*

\* Sem significado.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Eficiência

### Visão Agregada

De acordo com a informação reportada pelos Bancos nas respectivas Demonstrações Financeiras, em 2017 verificou-se um aumento de cerca de 7 pontos percentuais do rácio *cost-to-income* e uma redução de cerca de 1 ponto percentual do rácio *cost-to-income* e dos Custos Operacionais sobre os Activos. Em 2017, o rácio *cost-to-income* foi de 53%, ao passo que os Custos Operacionais corresponderam a 4,1% dos Activos.

Caso não fosse considerado o BPC no rácio *cost-to-income* do sector bancário, este indicador seria de 44% e 43% em 2017 e 2016, respectivamente. No que respeita aos Custos Operacionais sobre os Activos, este indicador seria de 3,9% e 4,3% em 2017 e 2016, respectivamente, caso se excluísse o BPC da análise.

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, o VTB e o BCH registaram um rácio *cost-to-income* a rondar os 17%, o que corresponde a uma redução de 12 e 4 pontos percentuais, respectivamente.

De destacar que este ganho de eficiência por parte do VTB permitiu-lhe alcançar a liderança do *ranking* relativo a este rácio, ascendendo da 3.ª posição ocupada em 2016 para a 1.ª posição do *ranking* em 2017, enquanto que o BCH manteve a 2.ª posição no *ranking*. Os restantes Bancos que compõem os cinco primeiros Bancos ao nível do rácio *cost-to-income* são o BFA, o BAI e o BIC, com rácios de 24%, 35% e 36%, respectivamente. Por outro lado, o BDA registou uma evolução negativa em relação a este rácio caíndo da 1.ª posição alcançada em 2016 para a 23.ª posição do *ranking* em 2017.

Importa também destacar que cerca de 63% dos Bancos analisados apresentaram uma redução deste rácio, o que significa que, em termos globais, houve um ganho de eficiência durante o exercício de 2017.

**Figura 40 – Ranking Custos Operacionais (% Activos)**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	1,7%	1	BE	1,7%
2	BE	1,9%	2	BAI	2,4%
3	BAI	2,8%	3	BFA	2,5%
4	BIC	2,9%	4	BCGA	3,0%
5	BCGA	3,7%	5	BIC	3,1%
6	BFA	4,0%	6	BCH	3,8%
7	ATL	4,1%	7	SBA	3,9%
8	VTB	4,1%	8	FNB	4,1%
9	BCH	4,2%	9	BNI	4,1%
10	FNB	4,4%	10	BKI	5,3%
11	SBA	4,6%	11	SCBA	6,2%
12	BPC	5,2%	12	BPC	6,5%
13	BNI	5,3%	13	ATL	6,6%
14	SCBA	5,6%	14	BSOL	6,8%
15	BSOL	6,4%	15	VTB	6,8%
16	BKI	7,2%	16	BCA	7,2%
17	BVB	7,3%	17	BCI	10,4%
18	KEVE	7,6%	18	BVB	11,6%
19	BCA	8,6%	19	BPG	11,6%
20	BCI	8,8%	20	BANC	12,0%
21	BCS	10,0%	21	KEVE	13,5%
22	BPG	10,7%	22	YETU	19,8%
23	BOCLB	11,2%	23	BCS	20,6%
24	YETU	13,3%	24	BDA	22,7%
25	BMF	13,4%	25	BIR	27,1%
26	BIR	18,8%	26	BMAIS	47,7%
27	BPT	48,7%	27	BOCLB	s.s.**
28	BMAIS	56,0%	28	BMF*	s.s.**

\* Em 31 de Dezembro de 2016, o BMF reportou um saldo credor para o total dos custos administrativos e de comercialização.

\*\* Sem significado.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, o BDA, o BE, o BAI, o BIC e o BCGA foram os cinco Bancos que apresentaram a menor percentagem de Custos Operacionais sobre os Activos, tendo sido apurados rácios de 1,7% e 1,9% para o BDA e o BE, respectivamente, um rácio a rondar os 3% para o BAI e o BIC e um rácio de 3,7% para o BCGA.



**Figura 41 – Indicadores de Adequação de Capital**

Indicadores de Adequação de Capital	2017	2016
Rácio de solvabilidade	18,9%	19,2%
Fundos Próprios de Base (Nível I) / Activos Ponderados pelo Risco	17,6%	14,3%

Fonte: Indicadores de Solidez Financeira do Sector Bancário 2017 e 2016 (BNA)

**Figura 42 – Ranking Rácio de Solvabilidade**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	SCBA	201%	1	BCH	154%
2	BCH	142%	2	BCS	101%
3	BDA	125%	3	SCBA	82%
4	BMF	116%	4	YETU	62%
5	BPT	53%	5	VTB	42%
6	BCA	49%	6	BCA	40%
7	BCGA	47%	7	BPG	37%
8	BKI	43%	8	BFA	32%
9	BFA	38%	9	BIR	28%
10	VTB	35%	10	SBA	27%
11	SBA	33%	11	BAI	23%
12	BCS	32%	12	BCGA	23%
13	BVB	30%	13	BDA	21%
14	FNB	26%	14	FNB	21%
15	KEVE	20%	15	KEVE	20%
16	BAI	19%	16	BCI	20%
17	BIC	16%	17	BVB	18%
18	BE	16%	18	BMF	17%
19	BNI	14%	19	BIC	14%
20	ATL	12%	20	ATL	12%
21	BPC	10%	21	BE	12%
22	BCI	n.d.*	22	BSOL	12%
23	BIR	n.d.*	23	BNI	11%
24	BMAIS	n.d.*	24	BPC	11%
25	BOCLB	n.d.*	25	BANC	8%
26	BPG	n.d.*	26	BKI	n.d.*
27	BSOL	n.d.*	27	BMAIS	n.d.*
28	YETU	n.d.*	28	BOCLB	n.d.*

\* Informação não disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Adequação de Capital

### Visão Agregada

De acordo com o relatório sobre os Indicadores de Solidez Financeira do Sector Bancário elaborado pelo Departamento de Supervisão Bancária do BNA, em 2017 verificou-se uma ligeira queda do rácio de solvabilidade do sistema financeiro, tendo o mesmo se situado em 18,9%, o que corresponde a uma redução de 0,3 pontos percentuais face a 2016.

Relativamente ao rácio dos Fundos Próprios de Base (Nível I) sobre os Activos Médios Ponderados pelo Risco, em 2017 este indicador foi de 17,6%, o que representa um aumento de 3,3 pontos percentuais face a 2016.

### Posição Relativa dos Bancos

De acordo com a informação reportada pelos Bancos, o SCBA, o BCH, o BDA, o BMF e o BPT foram os 5 Bancos que apresentaram rácios de solvabilidade mais elevados com referência a 31 de Dezembro de 2017, tendo os mesmos ascendido a 201%, 142%, 125%, 116% e 53%, respectivamente.

Adicionalmente, verificou-se que o SCBA, que em 2016 ocupava a 3.ª posição no *ranking* dos Bancos com o maior rácio de solvabilidade reportado, ascendeu à 1.ª posição em 2017, tendo relegado o BCH para a 2.ª posição.

**Figura 43 – Indicadores de Crescimento**

<b>Indicadores de Crescimento</b>	<b>2017</b>	<b>2016</b>
Activo (%)	3%	22%
Crédito líquido a clientes (%)	-3%	19%
Depósitos de clientes (%)	-0,2%	21%
Margem financeira (%)	8%	54%
Produto bancário (%)	-3%	31%
Resultado líquido do exercício (%)	-6%	44%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Crescimento

### Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos que foram objecto do presente estudo em 2017, o activo do sistema financeiro nacional apresentou um crescimento de 3%, tendo crescido a um ritmo bastante mais moderado que em 2016.

Relativamente ao Crédito Líquido a Clientes e aos Depósitos de Clientes, estes indicadores apresentaram um decréscimo de 3% e 0,2%, respectivamente, face a 2016.

No que respeita à margem financeira, este indicador apresentou um acréscimo de 8% face a 2016, sendo que o produto bancário e o resultado líquido do exercício apresentaram decréscimos de 3% e 6%, respectivamente, face a 2016.

Caso não fosse considerado o BPC nestes indicadores de crescimento, a margem financeira, o produto bancário e o resultado líquido do exercício apresentariam taxas de crescimento de cerca de 15%, 6% e 17%, respectivamente, face a 2016. Para os restantes indicadores apresentados não foram estimadas alterações significativas, caso se excluísse o BPC da análise.

**Figura 44 – Ranking Crescimento do Activo**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCS	205%	1	BCS	267%
2	BCH	48%	2	BIR	196%
3	BMAIS	44%	3	YETU	149%
4	VTB	33%	4	SCBA	102%
5	BIR	24%	5	BPG	92%
6	BSOL	20%	6	ATL	84%
7	BVB	15%	7	VTB	73%
8	BDA	14%	8	BCH	59%
9	ATL	13%	9	BVB	47%
10	BFA	10%	10	BCI	45%
11	BPC	10%	11	BE	28%
12	KEVE	7%	12	BPC	26%
13	BMF	5%	13	BAI	24%
14	BPG	4%	14	SBA	23%
15	BNI	3%	15	BSOL	21%
16	BAI	0%	16	BANC	19%
17	YETU	-1%	17	BMAIS	14%
18	BIC	-1%	18	BNI	10%
19	BCA	-3%	19	KEVE	8%
20	BCI	-5%	20	BDA	7%
21	BCGA	-6%	21	BFA	7%
22	SCBA	-7%	22	BIC	5%
23	FNB	-8%	23	BMF	4%
24	BOCLB	-10%	24	FNB	1%
25	BKI	-13%	25	BCGA	-1%
26	SBA	-14%	26	BCA	-6%
27	BE	-17%	27	BKI	-15%
28	BPT*	n.a.	28	BOCLB**	n.a.

\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em 2017.

\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em Dezembro de 2016.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

À semelhança do que ocorreu em 2016, o BCS voltou a ser o Banco que apresentou maior crescimento dos Activos, tendo registado um aumento de 205% face a 2016.

Importa destacar que os cinco Bancos que mais cresceram, em termos de activos, em 2017 e 2016 são Bancos de pequena dimensão e/ou que iniciaram a sua actividade recentemente, sendo que a soma do total dos activos dos mesmos representa apenas cerca de 1% do total dos activos dos Bancos que foram objecto do presente estudo. Considerando que os Bancos de pequena dimensão têm uma maior margem de crescimento, é naturalmente expectável que os activos totais dos mesmos apresentem taxas de crescimento mais elevadas face aos activos totais dos Bancos de média e de grande dimensão.

Adicionalmente, verificou-se que os cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos, nomeadamente o BPC, o BFA, o BAI, o ATL e o BIC, cresceram entre -1% a 13%, tendo o ATL sido a Instituição que apresentou uma taxa de crescimento mais elevada entre os cinco maiores Bancos, ao passo que o activo do BIC decresceu cerca de 1% face a 2016.

O BSOL destaca-se por ser o Banco de grande dimensão (com um total de activo de 475.276 milhões de Kwanzas) que mais cresceu em 2017, tendo alcançado a 6.ª posição do *ranking* com uma taxa de crescimento de cerca de 20% face a 2016.

**Figura 45 – Ranking Crescimento do Crédito Líquido a Clientes**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIR	230%	1	BPG	2443%
2	BPG	27%	2	BSOL	88%
3	BDA	25%	3	ATL	82%
4	BCA	13%	4	BE	51%
5	BE	9%	5	BCA	23%
6	BPC	7%	6	BCGA	18%
7	BVB	6%	7	BPC	13%
8	YETU	2%	8	BVB	11%
9	BAI	-3%	9	BCI	11%
10	KEVE	-4%	10	BAI	7%
11	BNI	-4%	11	BFA	7%
12	BIC	-7%	12	BIC	5%
13	BCI	-7%	13	BNI	1%
14	BSOL	-8%	14	KEVE	-1%
15	ATL	-11%	15	SBA	-2%
16	BCS	-12%	16	BIR	-4%
17	FNB	-16%	17	BANC	-12%
18	BCGA	-17%	18	BDA	-30%
19	BFA	-17%	19	FNB	-32%
20	SBA	-30%	20	BCH	-45%
21	BMF	-31%	21	BMF	-90%
22	BCH	-52%	22	VTB	-99%
23	VTB	-53%	23	BCS***	n.a.
24	BOCLB*	n.a.	24	BKI*	n.a.
25	BKI*	n.a.	25	BMAIS*	n.a.
26	BMAIS*	n.a.	26	SCBA*	n.a.
27	BPT**	n.a.	27	YETU***	n.a.
28	SCBA*	n.a.	28	BOCLB****	n.a.

\* Não aplicável, dado que este Banco não tinha qualquer operação de crédito em 2016.

\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em 2017.

\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco não tinha qualquer operação de crédito em 2015.

\*\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em Dezembro de 2016.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, os cinco Bancos que registaram uma taxa de crescimento mais significativa no crédito concedido foram o BIR, BPG, BDA, BCA e o BE, tendo o crédito concedido por estes Bancos aumentado em 230%, 27%, 25%, 13% e 9%, respectivamente, face a 2016. De entre os Bancos enumerados destaca-se o BDA, que pela sua função, assume um papel importante no financiamento à diversificação da economia nacional, com especial foco nos sectores agro-pecuário e industrial.

Adicionalmente, verificou-se que o total do crédito líquido concedido pelos cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento em 2017 corresponde a cerca de 8% do total do crédito líquido concedido pelos Bancos que foram objecto do presente Estudo.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BPC, BFA, BAI, ATL e BIC), verificou-se que os mesmos apresentaram taxas de crescimento que variaram entre os -17% e os 7%, tendo o BPC sido o Banco que apresentou a taxa de crescimento de crédito concedido mais elevada de entre os cinco maiores Bancos, ao passo que o BFA e o ATL apresentaram uma redução no crédito líquido concedido a clientes de 17% e 11%, respectivamente, face a 2016.

**Figura 46 – Ranking Crescimento dos Depósitos de Clientes**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCS	347%	1	BIR	833%
2	BIR	45%	2	YETU	561%
3	BPG	40%	3	BCS	446%
4	BCH	34%	4	SCBA	104%
5	KEVE	30%	5	ATL	92%
6	VTB	26%	6	BCH	71%
7	BSOL	24%	7	BPG	62%
8	BMAIS	18%	8	VTB	54%
9	BVB	8%	9	BVB	51%
10	ATL	8%	10	BNI	47%
11	BNI	3%	11	BE	32%
12	YETU	2%	12	SBA	22%
13	BCA	1%	13	BAI	21%
14	BCI	0%	14	BIC	15%
15	BPC	-1%	15	BPC	12%
16	BFA	-2%	16	BANC	11%
17	BE	-3%	17	BFA	6%
18	BAI	-4%	18	BKI	6%
19	BCGA	-7%	19	BCI	5%
20	FNB	-7%	20	BSOL	4%
21	BIC	-7%	21	BCGA	3%
22	SCBA	-12%	22	FNB	1%
23	BMF	-20%	23	KEVE	-8%
24	SBA	-21%	24	BMF	-12%
25	BKI	-28%	25	BCA	-23%
26	BDA*	n.a.	26	BMAIS	s.s.****
27	BOCLB**	n.a.	27	BDA*	n.a.
28	BPT***	n.a.	28	BOCLB*****	n.a.

\* Não aplicável, dado que o objecto social do BDA não prevê a captação de depósitos.

\*\* Não aplicável, dado que este Banco não tinha depósitos captados em 2016.

\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em 2017.

\*\*\*\* Sem significado.

\*\*\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em Dezembro de 2016.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento na captação dos depósitos de clientes foram o BCS, o BIR, o BPG, o BCH e o KEVE, tendo os depósitos captados por estas Instituições aumentado em 347%, 45%, 40%, 34% e 30%, respectivamente, face a 2016.

Importa destacar que os cinco Bancos que apresentaram maiores taxas de crescimento dos depósitos captados em 2017 são Bancos de pequena dimensão e/ou que iniciaram a sua actividade recentemente (com excepção do KEVE, que é um Banco de média dimensão), sendo que a soma do total dos depósitos captados pelos mesmos representa apenas cerca de 3% do total dos depósitos captados pelos Bancos que foram objecto do presente Estudo. Considerando que os Bancos de pequena dimensão e/ou que iniciaram a sua actividade recentemente têm uma maior margem de progressão, é naturalmente expectável que os depósitos captados pelos mesmos apresentem taxas de crescimento mais elevadas face aos depósitos captados pelos Bancos de média e de grande dimensão.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BPC, BFA, BAI, ATL e BIC), verificou-se que os mesmos apresentaram taxas de crescimento que variaram entre os -7% e os 8%, tendo o ATL sido o Banco que apresentou a taxa de crescimento de depósitos captados mais elevada de entre os cinco maiores Bancos, ao passo que o BIC e o BAI apresentaram uma redução na captação de depósitos de 7% e 4%, respectivamente, face a 2016.

**Figura 47 – Ranking Crescimento da Margem Financeira**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BE	563%	1	BCS	4522%
2	BIR	310%	2	BMAIS	933%
3	BMAIS	273%	3	SCBA	827%
4	BMF	194%	4	YETU	524%
5	BCS	95%	5	BIR	502%
6	SBA	78%	6	BPG	501%
7	BCH	75%	7	BKI	333%
8	BFA	60%	8	ATL	187%
9	SCBA	50%	9	BCH	93%
10	YETU	41%	10	BVB	87%
11	BNI	27%	11	BIC	70%
12	ATL	21%	12	BAI	65%
13	BAI	14%	13	KEVE	65%
14	BKI	14%	14	SBA	64%
15	BIC	14%	15	BFA	64%
16	KEVE	12%	16	BDA	63%
17	BCI	9%	17	FNB	50%
18	BCGA	6%	18	BCA	45%
19	FNB	2%	19	BCI	41%
20	BPG	-7%	20	BSOL	28%
21	BVB	-8%	21	BCGA	25%
22	BCA	-13%	22	BPC	25%
23	BPC	-28%	23	BNI	-4%
24	VTB	-35%	24	VTB	-7%
25	BSOL	-59%	25	BMF	-24%
26	BDA	-217%	26	BE	-177%
27	BOCLB*	n.a.	27	BANC	s.s.***
28	BPT**	n.a.	28	BOCLB****	n.a.

\* Não aplicável, dado que este Banco apresentou uma margem financeira nula em 2016.

\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em 2017.

\*\*\* Sem significado.

\*\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em Dezembro de 2016.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

Em 2017, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento da margem financeira foram o BE, o BIR, o BMAIS, o BMF e o BCS, tendo a margem financeira destes Bancos aumentado em 563%, 310%, 273%, 194% e 95%, respectivamente, face a 2016. O BE merece uma nota de destaque, dado que em 2016 a margem financeira apurada foi negativa, no valor de 2.478 milhões de Kwanzas, tendo passado para uma margem financeira positiva de 11.472 milhões de Kwanzas em 2017.

Importa destacar que os cinco Bancos que apresentaram maiores taxas de crescimento da margem financeira em 2017 e 2016 são Bancos de pequena dimensão e/ou que iniciaram a sua actividade recentemente (com excepção do BE que é um Banco de grande dimensão), sendo que a soma do total da margem financeira dos mesmos representa apenas cerca de 3% e 1%, respectivamente, da margem financeira total dos bancos considerados no presente estudo.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BPC, BFA, BAI, ATL e BIC), o BFA foi o Banco que registou a taxa de crescimento mais elevada da margem financeira, tendo a sua margem financeira aumentado em 60%, ao passo que o BPC foi o Banco que registou a menor taxa de crescimento da margem financeira, tendo a sua margem financeira sofrido uma contracção de 28%. O ATL, o BAI e o BIC apresentaram uma taxa de crescimento da margem financeira de 21%, 14% e 14%, respectivamente, face a 2016.

**Figura 48 – Ranking Crescimento do Produto Bancário**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BMAIS	833%	1	BCS	3291%
2	BCS	403%	2	YETU	2101%
3	BIR	160%	3	BIR	1766%
4	BE	118%	4	BPG	418%
5	BMF	98%	5	BMAIS	307%
6	SBA	53%	6	SCBA	176%
7	VTB	51%	7	ATL	97%
8	BCH	43%	8	BCI	70%
9	BFA	43%	9	KEVE	70%
10	BPG	36%	10	VTB	64%
11	SCBA	32%	11	BVB	53%
12	BKI	31%	12	BCA	52%
13	YETU	28%	13	BFA	45%
14	BCI	27%	14	BCGA	36%
15	BAI	17%	15	BAI	36%
16	BVB	10%	16	BIC	30%
17	BSOL	10%	17	BSOL	29%
18	BNI	7%	18	BNI	29%
19	BCGA	1%	19	SBA	24%
20	ATL	0%	20	FNB	17%
21	FNB	-4%	21	BMF	16%
22	BIC	-11%	22	BPC	11%
23	BCA	-13%	23	BDA	9%
24	KEVE	-20%	24	BCH	6%
25	BPC	-54%	25	BKI	-39%
26	BDA	-91%	26	BE	-39%
27	BOCLB	s.s.*	27	BANC	-100%
28	BPT**	n.a.	28	BOCLB***	n.a.

\* Sem significado.

\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em 2017.

\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em Dezembro de 2016.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

### Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à taxa de crescimento do produto bancário, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento em 2017 foram o BMAIS, o BCS, o BIR, o BE e o BMF, tendo o produto bancário destes Bancos aumentado em 833%, 403%, 160%, 118% e 98%, respectivamente, face a 2016.

Importa destacar que os cinco Bancos que apresentaram maiores taxas de crescimento no produto bancário em 2017 e 2016 são Bancos de pequena dimensão e/ou que iniciaram a sua actividade recentemente (com excepção do BE, que é um Banco de grande dimensão), sendo que a soma do total do produto bancário dos mesmos representa apenas cerca de 5% e 0,6%, respectivamente, do produto bancário total dos Bancos considerados no presente Estudo.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BPC, BFA, BAI, ATL e BIC), o BFA foi o Banco que registou a taxa de crescimento mais elevada do produto bancário, tendo o seu produto bancário registado um aumento de 43% face a 2016, ao passo que o BPC foi o Banco que registou a menor taxa de crescimento do produto bancário, tendo o mesmo registado uma diminuição de 54% face a 2016.

**Figura 49 – Ranking Crescimento do Resultado Líquido do Exercício**

2017			2016		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCS	862%	1	BAI	224%
2	BPG	672%	2	KEVE	203%
3	BE	239%	3	BMF	195%
4	SCBA	216%	4	BVB	187%
5	YETU	149%	5	ATL	126%
6	SBA	116%	6	BCI	122%
7	VTB	75%	7	BCA	112%
8	BIR	63%	8	BPG	107%
9	BVB	58%	9	VTB	81%
10	BCH	51%	10	BFA	63%
11	BKI	45%	11	FNB	56%
12	BCI	31%	12	SBA	50%
13	BDA	23%	13	BIR	50%
14	FNB	16%	14	BNI	39%
15	BNI	16%	15	BDA	36%
16	BFA	12%	16	BCS	32%
17	BAI	10%	17	BCGA	29%
18	BIC	2%	18	BSOL	23%
19	BSOL	-1%	19	BIC	22%
20	ATL	-4%	20	BCH	20%
21	KEVE	-17%	21	YETU	-19%
22	BMAIS	-33%	22	BKI	-46%
23	BCA	-37%	23	SCBA	-66%
24	BCGA	-38%	24	BMAIS	-75%
25	BMF	-84%	25	BE	-143%
26	BPC	-148%	26	BPC	-456%
27	BOCLB	s.s.*	27	BANC	s.s.*
28	BPT**	n.a.	28	BOCLB***	n.a.

\* Sem significado.

\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em 2017.

\*\*\* Não aplicável, dado que este Banco iniciou a sua actividade apenas em Dezembro de 2016.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

**Posição Relativa dos Bancos**

Em 2017, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento do resultado líquido do exercício foram o BCS, o BPG, o BE, o SCBA e o YETU, tendo o resultado líquido destes Bancos aumentado em 862%, 672%, 239%, 216% e 149%, respectivamente, face a 2016.

Os cinco Bancos que apresentaram maiores taxas de crescimento no resultado líquido do exercício em 2017 são Bancos de pequena dimensão e/ou que iniciaram a sua actividade recentemente (com excepção do BE, que é um Banco de grande dimensão), sendo que a soma do total do resultado líquido do exercício dos mesmos representa cerca de 6% do total do resultado líquido do exercício dos Bancos que foram objecto do presente Estudo.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BPC, BFA, o BAI, o ATL e o BIC), verificou-se que os mesmos apresentaram uma taxa de crescimento do resultado líquido do exercício em 2017 que variou entre -148% e 12% face a 2016, com o BFA e o BAI a apresentarem o melhor desempenho entre os cinco maiores Bancos, com taxas de crescimento do resultado líquido do exercício de 12% e 10%, respectivamente, ao passo que o BPC registou uma diminuição de 148%, o que representa a redução mais significativa entre os cinco maiores Bancos e que se traduziu no maior prejuízo da história registado por um Banco em Angola (73,1 mil milhões de Kwanzas).

O BE destaca-se por ser o Banco de grande dimensão (com um total de activo de 920.656 milhões de Kwanzas) cujo resultado líquido mais cresceu em 2017, tendo alcançado a 3.ª posição do *ranking* com uma taxa de crescimento de 239%, a qual se traduziu na passagem de um resultado líquido do exercício negativo que ascendia a 4.329 milhões de Kwanzas em 2016 para um resultado líquido positivo que ascendeu a 6.012 milhões de Kwanzas em 2017.



## Conclusão

Em 2017, a economia angolana continuou a ser afectada pela crise do sector petrolífero. Contudo, com a subida gradual do preço do petróleo, as organizações internacionais prevêem que Angola saia da recessão em 2018. Não obstante, estas organizações recomendam que Angola continue a adoptar medidas de consolidação fiscal, de moderação da dívida pública e de transição de uma taxa de câmbio fixa para uma taxa de câmbio flutuante de modo a que a economia angolana seja mais sólida a médio e longo prazo.

Relativamente ao sector bancário, e fruto do aumento da literacia financeira da população, continua-se a verificar um aumento da utilização dos meios electrónicos de pagamento, criando novos desafios e oportunidades para os Bancos.

No âmbito da regulamentação cambial, o BNA emitiu um conjunto de normativos com o objectivo de (i) actualizar as regras de abertura e movimentação de contas de depósito tituladas por não residentes, (ii) adequar as normas que regulam as operações cambiais de exportação de mercadorias ao contexto macroeconómico, (iii) ajustar os processos e procedimentos de compra e venda de moeda estrangeira para melhor cumprir os objectivos de política cambial e de (iv) definir os procedimentos a observar na execução de operações cambiais, visando assegurar, no mercado cambial em geral, e mais especificamente na comercialização de divisas, um comportamento ético e profissional pelos Bancos Comerciais, no cumprimento da legislação e regulamentação aplicáveis à actividade bancária, incluindo, entre outras, a Lei de Combate ao Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo, assim como a Lei Cambial e regulamentação sobre operações cambiais.

Outro facto que marcou 2017 foi as principais firmas de auditoria externa responsáveis pela revisão das demonstrações financeiras reportadas pelos Bancos terem sido quase unânimes na emissão de uma opinião com reservas para todos os Bancos, no que se refere à classificação de Angola como sendo uma economia hiperinflacionária e a consequente necessidade de aplicação dos requisitos previstos na IAS 29 – Relato financeiro em economias hiperinflacionárias (IAS 29) quando da preparação das demonstrações financeiras com referência a 31 de Dezembro de 2017. Não obstante este posicionamento das principais firmas de auditoria externa a operar no mercado angolano, dado que o BNA e a ABANC foram de opinião que em 2017 não

se encontravam cumpridos os requisitos previstos na IAS 29 para que a economia angolana fosse considerada hiperinflacionária, os Bancos decidiram não aplicar as disposições constantes na IAS 29.

No futuro próximo, prevê-se que os Bancos angolanos mantenham como objectivo a melhoria dos processos de *compliance*, combate ao branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo. Perspectiva-se também que os Bancos mantenham o foco na criação de processos que permitam a gestão integrada e eficiente dos riscos associados à sua actividade, de modo a permitir, entre outros aspectos, a (i) redução dos níveis de incumprimento que se têm vindo a verificar, (ii) gestão equilibrada da sua posição cambial e (iii) melhoria dos seus níveis de liquidez.

Relativamente a desafios futuros para o sistema financeiro nacional ao nível contabilístico, assume-se como mais premente a implementação da Norma de Relato Financeiro 9 – Instrumentos Financeiros (IFRS 9), a qual substituiu a Norma Internacional de Contabilidade 39 – Instrumentos Financeiros: Reconhecimento e Mensuração (IAS 39), encontrando-se em vigor a partir do exercício iniciado em 1 de Janeiro de 2018. De forma resumida, a IFRS 9 (i) estabelece novos requisitos de classificação e mensuração de instrumentos financeiros e para certos tipos de contratos de compra ou venda de itens não financeiros, (ii) define uma nova metodologia de reconhecimento das perdas por imparidade de activos financeiros com base em perdas esperadas e (iii) apresenta novas possibilidades de aplicação das regras contabilísticas de cobertura através de um maior número de relações de cobertura entre os itens objecto de cobertura e os instrumentos cobertos. Neste contexto, é expectável que existam impactos relevantes decorrentes da alteração da metodologia de quantificação das perdas por imparidade de activos financeiros, que passou de uma abordagem de perda incorrida prevista na IAS 39 para uma abordagem de perda esperada, tanto ao nível dos sistemas informáticos, como dos processos definidos pelos Bancos para a quantificação de perdas por imparidade dos activos financeiros.

Em termos fiscais, os desafios mais relevantes estão relacionados com a adequação por parte da Administração Geral Tributária (AGT) da legislação fiscal actualmente em vigor aos princípios previstos nas IAS/IFRS, bem como à futura implementação do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) no sistema de tributação angolano, o qual se espera que venha a ter impactos no sistema financeiro.

# Demonstrações financeiras

## Balanço dos Bancos 2017

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC	BIR	BKI
<b>Activo</b>													
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	133.610	180.951	9.064	40.574	3.920	29.750	10.048	1.234	138.549	221.639	130.412	1.122	3.946
Disponibilidades em outras instituições de crédito	4.510	9.389	953	5.279	779	8.554	11.542	13.127	34.756	34.998	8.735	22	1.375
Aplicações em bancos centrais e em outras instituições de crédito	31.235	254.538	4.194	9.326	1.383	4.166	838	166.806	81.968	133.349	19.208	401	6.090
Activos financeiros ao justo valor através de resultados	3.716	4.079	0	0	0	116	0	0	2	544.105	134.184	0	0
Activos financeiros disponíveis para venda	98.155	19.334	9.558	98	44	485	68	36.254	119.236	0	0	41	0
Investimentos detidos até à maturidade	219.034	418.054	0	143.526	22.172	55.635	6.933	85.252	29.486	282.662	392.058	2.557	5.431
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Crédito a clientes	395.713	369.345	12.367	82.005	112	47.105	2.634	53.415	178.836	194.809	284.438	552	64
Activos não correntes detidos para venda	43.545	18.853	0	1.387	6	0	0	0	5.156	73	19.266	372	0
Outros activos tangíveis	62.746	50.439	5.631	9.883	732	7.394	3.395	9.760	45.325	18.975	12.704	126	58
Activos intangíveis	30.205	1.815	29	90	111	672	212	10	2.145	1.156	308	90	232
Investimentos em filiais, associadas e empreendimentos conjuntos	0	7.007	0	0	0	300	0	0	1.517	50	345	0	0
Activos por impostos correntes	1.584	891	0	221	0	305	6	196	0	5	0	1	0
Activos por impostos diferidos	157	3.045	22	1.285	1	1.599	0	0	0	3.763	0	0	0
Outros activos	45.450	31.569	878	1.485	107	20.059	242	2.974	283.681	7.481	10.332	114	90
<b>TOTAL DO ACTIVO</b>	<b>1.069.661</b>	<b>1.369.307</b>	<b>42.695</b>	<b>295.159</b>	<b>29.367</b>	<b>176.139</b>	<b>35.918</b>	<b>369.026</b>	<b>920.656</b>	<b>1.443.064</b>	<b>1.011.991</b>	<b>5.396</b>	<b>17.287</b>
<b>Passivo</b>													
Recursos de bancos centrais e de outras instituições de crédito	117.181	27.688	321	152	31	21.514	19	10.584	119.894	113.641	73.229	22	0
Recursos de clientes e outros empréstimos	801.366	1.092.660	28.267	226.363	15.729	101.470	26.186	182	651.834	1.058.241	787.235	4.031	11.561
Responsabilidades representadas por títulos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros ao justo valor através de resultados	0	0	0	0	0	0	0	0	1	671	0	0	0
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros associados a activos transferidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos não correntes detidos para venda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Provisões	2.454	3.850	0	2.519	22	3.399	166	141	4.671	26.270	6.040	0	19
Passivos por impostos correntes	2.178	0	694	451	884	12	746	0	25	5.165	0	0	0
Passivos por impostos diferidos	746	416	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos subordinados	0	0	0	0	0	11.233	0	281.418	71.111	0	0	0	0
Outros passivos	17.197	48.951	1.435	12.681	1.675	11.956	990	4.093	24.706	21.655	27.047	49	422
<b>TOTAL DO PASSIVO</b>	<b>941.122</b>	<b>1.173.564</b>	<b>30.717</b>	<b>242.167</b>	<b>18.340</b>	<b>149.583</b>	<b>28.107</b>	<b>296.418</b>	<b>872.243</b>	<b>1.225.643</b>	<b>893.549</b>	<b>4.102</b>	<b>12.002</b>
<b>Capital Próprio</b>													
Capital Social	53.822	14.815	2.583	9.377	3.000	6.416	6.000	118.522	72.000	3.973	3.000	2.950	2.500
Prémios de emissão	34.810	-9.204	0	0	0	654	0	0	0	0	0	0	0
(-) Acções próprias	-492	-739	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros instrumentos de capital	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reservas de reavaliação	1.741	0	-51	577	0	0	0	1.839	0	1.254	5.824	0	0
Outras reservas e resultados transitados	14.830	136.167	7.463	35.381	4.022	18.823	-1.028	-38.072	-29.599	143.110	75.365	-1.474	-1.123
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado líquido do exercício	23.829	54.704	1.983	7.656	4.005	663	2.840	-9.683	6.012	69.085	34.253	-182	-1.662
<b>TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO</b>	<b>128.539</b>	<b>195.743</b>	<b>11.977</b>	<b>52.991</b>	<b>11.027</b>	<b>26.556</b>	<b>7.811</b>	<b>72.608</b>	<b>48.413</b>	<b>217.422</b>	<b>118.442</b>	<b>1.294</b>	<b>5.285</b>
<b>TOTAL DO PASSIVO E DO CAPITAL PRÓPRIO</b>	<b>1.069.661</b>	<b>1.369.307</b>	<b>42.695</b>	<b>295.159</b>	<b>29.367</b>	<b>176.139</b>	<b>35.918</b>	<b>369.026</b>	<b>920.656</b>	<b>1.443.064</b>	<b>1.011.991</b>	<b>5.396</b>	<b>17.287</b>

Milhões de Kwanzas

BMAIS	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BPT	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
499	2.630	26.690	8.457	39.953	3.314	1.874	76.981	8.050	13.179	17.065	68.956	15.453	34.331	2.926	1.225.178
658	156	10.697	142	144.046	3.664	174	51.532	3.482	2.059	6.029	40.310	4.512	17.794	354	419.629
202	0	18.649	0	34.510	4.456	4.167	10.700	0	978	8.864	0	2.017	0	0	798.042
0	0	6.452	0	0	0	0	0	0	200	8.576	0	0	0	3.701	705.130
0	0	123	0	289.318	7.057	71	0	7.108	24	121	79.422	22.819	37	3.440	692.812
1.709	5.204	73.180	0	7.652	0	530	107.330	8.562	28.800	52.380	78.802	0	363	0	2.027.311
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4	165	89.940	0	1.130.072	296	10	173.459	6.777	22.740	56.016	35.070	0	14	345	3.136.303
0	0	4.344	0	0	0	0	0	3.348	0	61	1.333	0	396	0	98.139
594	560	14.609	252	108.957	347	2.358	35.556	794	9.613	6.959	2.262	76	114	867	411.084
142	26	273	14	7.505	21	739	163	164	113	56	713	31	16	91	47.139
0	0	46	0	1.049	0	0	1.659	0	0	0	50	0	0	0	12.023
0	0	521	0	1.569	0	0	0	31	0	0	187	0	0	6	5.523
0	0	3.068	0	0	0	0	918	0	10	0	0	0	0	0	13.868
145	67	18.201	21	90.871	81	411	16.978	421	222	3.256	2.144	61	157	122	537.620
<b>3.953</b>	<b>8.808</b>	<b>266.795</b>	<b>8.887</b>	<b>1.855.500</b>	<b>19.235</b>	<b>10.333</b>	<b>475.276</b>	<b>38.737</b>	<b>77.738</b>	<b>151.007</b>	<b>317.824</b>	<b>44.968</b>	<b>53.222</b>	<b>11.851</b>	<b>10.129.801</b>
0	942	6.135	0	416.326	0	3	58.365	170	1.097	8.442	734	374	257	24	977.147
2.230	5.212	234.333	0	1.008.949	13.850	6.701	359.267	31.411	57.090	116.267	265.658	36.705	31.131	8.815	6.982.744
0	0	0	0	0	0	0	10.717	0	0	0	0	0	0	0	10.717
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	672
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
281	0	102	0	17.202	14	9	3.731	140	269	1.835	889	457	38	23	74.542
0	0	303	23	33	0	0	658	0	442	63	1.370	0	2.778	0	15.824
0	0	0	0	0	0	0	0	263	0	0	0	9	0	6	1.440
0	0	5.039	0	0	0	0	2.477	0	5.067	3.432	5.051	0	0	0	384.829
198	194	2.646	69	242.700	3.202	961	4.189	162	527	4.671	6.265	2.190	8.239	268	449.335
<b>2.708</b>	<b>6.349</b>	<b>248.558</b>	<b>92</b>	<b>1.685.210</b>	<b>17.066</b>	<b>7.674</b>	<b>439.403</b>	<b>32.147</b>	<b>64.493</b>	<b>134.711</b>	<b>279.966</b>	<b>39.734</b>	<b>42.443</b>	<b>9.137</b>	<b>8.897.249</b>
5.000	5.335	14.643	9.960	216.172	2.500	6.978	5.000	9.262	4.182	4.000	9.530	6.476	2.500	3.590	604.085
0	0	0	0	-16.200	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10.059
0	0	-1.072	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-2.303
0	2.000	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2.000
0	0	-918	0	-7.675	0	0	301	614	0	37	-615	39	0	14	2.981
-2.094	-5.190	3.582	-143	51.094	-610	0	21.400	-4.952	6.812	10.183	11.915	-1.852	1.614	-1.050	456.821
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
-1.661	315	2.003	-1.022	-73.100	278	-4.320	9.172	1.666	2.251	2.076	17.028	571	6.665	160	158.910
<b>1.245</b>	<b>2.460</b>	<b>18.237</b>	<b>8.795</b>	<b>170.290</b>	<b>2.168</b>	<b>2.659</b>	<b>35.873</b>	<b>6.590</b>	<b>13.246</b>	<b>16.296</b>	<b>37.858</b>	<b>5.234</b>	<b>10.780</b>	<b>2.715</b>	<b>1.232.552</b>
<b>3.953</b>	<b>8.808</b>	<b>266.795</b>	<b>8.887</b>	<b>1.855.500</b>	<b>19.235</b>	<b>10.333</b>	<b>475.276</b>	<b>38.737</b>	<b>77.738</b>	<b>151.007</b>	<b>317.824</b>	<b>44.968</b>	<b>53.222</b>	<b>11.851</b>	<b>10.129.801</b>

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

## Demonstração dos Resultados 2017

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC	BIR	BKI
1. Juros e rendimentos similares	93.261	108.131	3.526	27.481	2.084	17.294	1.258	26.503	51.723	133.456	94.085	297	1.875
2. (-) Juros e encargos similares	-25.916	-27.014	-295	-5.136	-280	-9.036	-268	-43.744	-40.251	-25.634	-28.072	-26	-206
<b>3. Margem Financeira (1+2)</b>	<b>67.346</b>	<b>81.117</b>	<b>3.231</b>	<b>22.345</b>	<b>1.805</b>	<b>8.258</b>	<b>990</b>	<b>-17.241</b>	<b>11.472</b>	<b>107.822</b>	<b>66.013</b>	<b>271</b>	<b>1.669</b>
4. Rendimentos de instrumentos de capital	0	578	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5. Rendimentos de serviços e comissões	13.947	11.878	2.238	3.210	2.601	7.036	2.987	21.704	8.506	14.485	6.950	278	53
6. (-) Encargos com serviços e comissões	-289	-2.260	-74	-459	-159	-1.014	-3	0	-411	-2.369	-1.291	-3	-3
7. Resultados de activos e passivos financeiros avaliados ao justo valor através de resultados	411	621	0	0	0	4	0	0	0	4.672	0	0	0
8. Resultados de activos financeiros disponíveis para venda	528	0	0	0	0	0	0	986	433	0	2.666	0	0
9. Resultados de investimentos detidos até à maturidade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1.662	0	0
10. Resultados em outros activos financeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11. Resultados cambiais	3.597	25.928	1.126	1.088	1.636	7.838	2.082	22	3.789	10.124	2.864	244	1.557
12. Resultados de alienação de outros activos	0	888	0	45	0	3	0	-94	0	109	1.524	0	-1
13. Outros resultados de exploração	-1.711	-7.108	-101	188	100	-715	-89	-325	4.134	3.451	-1.222	-15	-232
<b>14. Produto da actividade bancária (3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13)</b>	<b>83.830</b>	<b>111.642</b>	<b>6.420</b>	<b>26.417</b>	<b>5.983</b>	<b>21.409</b>	<b>5.967</b>	<b>5.053</b>	<b>27.584</b>	<b>138.295</b>	<b>79.166</b>	<b>776</b>	<b>3.043</b>
15. (-) Custos com o pessoal	-19.803	-18.112	-1.533	-5.760	-386	-8.495	-1.339	-2.978	-9.146	-17.946	-19.277	-435	-490
16. (-) Fornecimentos e serviços de terceiros	-15.381	-17.847	-1.681	-3.886	-561	-5.556	-725	-2.664	-7.787	-13.009	-8.210	-358	-725
17. (-) Depreciações e amortizações do exercício	-4.359	-3.404	-391	-984	-90	-1.168	-316	-182	-2.240	-2.840	-1.013	-123	-119
18. (-) Provisões líquidas de anulações	-1.437	1.573	-122	-485	0	-611	2	0	-280	-21.811	-573	0	-3
19. Imparidade para crédito a clientes líquida de reversões e recuperações	-17.006	-16.928	35	-6.398	-9	-4.416	-3	-2.964	-2.225	-6.666	-14.028	-4	0
20. Imparidade para outros activos financeiros líquida de reversões e recuperações	0	-139	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21. Imparidade para outros activos líquida de reversões e recuperações	0	-2.101	-51	68	0	-15	0	0	-406	0	0	-39	0
22. Resultados de filiais, associadas e empreendimentos conjuntos (equivalência patrimonial)	0	0	0	0	0	-429	0	0	172	0	4	0	0
23. Resultado na posição monetária líquida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-13	0	0
<b>24. Resultados antes de imposto de operações em continuação (14+15+16+17+18+19+20+21+22+23+24)</b>	<b>25.846</b>	<b>54.684</b>	<b>2.678</b>	<b>8.973</b>	<b>4.935</b>	<b>720</b>	<b>3.586</b>	<b>-3.735</b>	<b>6.012</b>	<b>76.024</b>	<b>36.056</b>	<b>-182</b>	<b>1.705</b>
25. Impostos sobre os resultados correntes	-1.917	0	-694	-1.197	-932	0	-746	0	0	-9.523	-1.803	0	-43
26. Impostos sobre os resultados diferidos	-100	21	0	-120	2	-57	0	0	0	2.585	0	0	0
<b>27. Resultado após impostos de operações em continuação (25+26+27)</b>	<b>23.829</b>	<b>54.704</b>	<b>1.983</b>	<b>7.656</b>	<b>4.005</b>	<b>663</b>	<b>2.840</b>	<b>-3.735</b>	<b>6.012</b>	<b>69.085</b>	<b>34.253</b>	<b>-182</b>	<b>1.662</b>
28. Resultado de operações descontinuadas e/ou em descontinuação	0	0	0	0	0	0	0	-5.948	0	0	0	0	0
<b>29. Resultado líquido do exercício (28+29)</b>	<b>23.829</b>	<b>54.704</b>	<b>1.983</b>	<b>7.656</b>	<b>4.005</b>	<b>663</b>	<b>2.840</b>	<b>-9.683</b>	<b>6.012</b>	<b>69.085</b>	<b>34.253</b>	<b>-182</b>	<b>1.662</b>

Milhões de Kwanzas

BMAIS	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BPT	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
94	690	19.132	0	162.783	1.501	150	31.159	2.527	6.749	15.198	32.457	3.462	618	924	838.419
-16	-142	-7.191	0	-105.941	-390	-8	-18.202	-642	-1.425	-3.174	-3.641	-410	-71	-70	-347.202
<b>77</b>	<b>548</b>	<b>11.941</b>	<b>0</b>	<b>56.842</b>	<b>1.110</b>	<b>141</b>	<b>12.957</b>	<b>1.885</b>	<b>5.323</b>	<b>12.024</b>	<b>28.815</b>	<b>3.052</b>	<b>547</b>	<b>854</b>	<b>491.217</b>
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	578
106	183	3.598	0	11.058	925	96	10.131	1.402	1.479	4.126	5.077	92	9.757	640	144.545
-2	-7	-1.020	0	-3.679	0	-17	-789	-213	-97	-179	-883	-36	-60	-91	-15.408
0	0	-18	0	0	2	0	0	0	0	0	1.100	0	0	51	6.843
0	0	0	0	-20.702	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	-16.085
0	368	0	0	0	0	0	0	0	0	364	0	0	0	0	2.394
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
82	362	4.647	-78	5.313	407	507	19.016	1.359	752	1.259	2.718	267	1.278	399	100.182
0	14	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2.492
-51	12	67	-22	2.070	-144	0	-87	-100	-300	-490	-3.024	-174	-90	-102	-6.080
<b>212</b>	<b>1.481</b>	<b>19.218</b>	<b>-100</b>	<b>50.903</b>	<b>2.301</b>	<b>727</b>	<b>41.228</b>	<b>4.333</b>	<b>7.157</b>	<b>17.103</b>	<b>33.809</b>	<b>3.201</b>	<b>11.432</b>	<b>1.751</b>	<b>710.679</b>
-465	-544	-5.384	-255	-51.593	-1.210	-2.381	-9.162	-1.344	-1.662	-5.798	-9.568	-868	-1.267	-882	-198.083
-911	-724	-5.957	-625	-28.108	-684	-2.275	-15.421	-912	-1.595	-4.715	-5.275	-1.170	-612	-514	-147.886
-217	-84	-1.541	-69	-7.661	-111	-366	-2.646	-374	-304	-817	-541	-109	-30	-189	-32.286
-280	198	-1.102	27	-4.748	-16	-9	-753	0	-22	184	-320	-457	-7	-7	-31.057
0	-12	-2.484	0	-26.494	-1	0	-4.350	63	-977	-3.897	-740	0	-1	1	-109.504
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16	-89	-7	0	0	-220
0	0	-54	0	-5.399	0	0	0	-100	0	0	0	0	0	0	-8.096
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-253
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	-11
<b>-1.661</b>	<b>315</b>	<b>2.696</b>	<b>-1.022</b>	<b>-73.100</b>	<b>278</b>	<b>-4.304</b>	<b>8.896</b>	<b>1.666</b>	<b>2.598</b>	<b>2.076</b>	<b>17.276</b>	<b>590</b>	<b>9.518</b>	<b>160</b>	<b>183.283</b>
0	0	-554	0	0	0	-16	0	0	-330	0	-248	-19	-2.852	0	-20.875
0	0	-139	0	0	0	0	112	0	-16	0	0	0	0	0	2.888
<b>-1.661</b>	<b>315</b>	<b>2.003</b>	<b>-1.022</b>	<b>-73.100</b>	<b>278</b>	<b>-4.320</b>	<b>9.008</b>	<b>1.666</b>	<b>2.251</b>	<b>2.076</b>	<b>17.028</b>	<b>571</b>	<b>6.665</b>	<b>160</b>	<b>164.695</b>
0	0	0	0	0	0	0	164	0	0	0	0	0	0	0	-5.785
<b>-1.661</b>	<b>315</b>	<b>2.003</b>	<b>-1.022</b>	<b>-73.100</b>	<b>278</b>	<b>-4.320</b>	<b>9.172</b>	<b>1.666</b>	<b>2.251</b>	<b>2.076</b>	<b>17.028</b>	<b>571</b>	<b>6.665</b>	<b>160</b>	<b>158.910</b>

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos







# Deloitte.

Deloitte" refere-se a uma ou mais firmas membro e respectivas entidades relacionadas da rede global da Deloitte Touche Tohmatsu Limited ("DTTL"). A DTTL (também referida como "Deloitte Global") e cada uma das firmas membro são entidades legais separadas e independentes. A DTTL não presta serviços a clientes. Para mais informação aceda a [www.deloitte.com/ao/about](http://www.deloitte.com/ao/about).

A Deloitte é líder global na prestação de serviços de audit and assurance, consulting, financial advisory, risk advisory, tax e serviços relacionados. A nossa rede de firmas membro compreende mais de 150 países e territórios e presta serviços a quatro em cada cinco entidades listadas na Fortune Global 500®. Para conhecer o impacto positivo criado pelos aproximadamente 286.000 profissionais da Deloitte aceda a [www.deloitte.com](http://www.deloitte.com).

Esta comunicação contém apenas informação de carácter geral, pelo que não constitui aconselhamento ou prestação de serviços profissionais pela Deloitte Touche Tohmatsu Limited, pelas suas firmas membro ou pelas suas entidades relacionadas (em conjunto a "Rede Deloitte"). Deve aconselhar-se com um profissional qualificado antes de tomar qualquer decisão que possa afetar as suas finanças ou negócio. Nenhuma entidade da Rede Deloitte pode ser responsabilizada por quaisquer danos ou perdas sofridas por quem haja baseado a sua decisão nesta comunicação.